

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP

BRUNA RIBEIRO DE OLIVEIRA MENDES

CRIANÇAS, CIÊNCIAS SOCIAIS, FILOSOFIA:
entre falas e escutas

Araraquara
2025

BRUNA RIBEIRO DE OLIVEIRA MENDES

CRIANÇAS, CIÊNCIAS SOCIAIS, FILOSOFIA:
entre falas e escutas

Tese de doutorado apresentada à
Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, para obtenção do
título de Doutora em Educação Escolar.

Área de concentração: Educação escolar

Orientador: Prof. Dr. Denis Domeneghetti
Badia

Araraquara

2025

M538c

MENDES, BRUNA RIBEIRO DE OLIVEIRA

CRIANÇAS, CIÊNCIAS SOCIAIS, FILOSOFIA : entre falas e
escutas / BRUNA RIBEIRO DE OLIVEIRA MENDES. --
Araraquara, 2025

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: Denis Domeneghetti Badia

1. Filosofia e Ciências Sociais para crianças. 2. Pesquisa-ação. 3.
Livros infantis. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Possibilitar conceitos das ciências sociais para crianças relacionando-as à filosofia para construir por meio dessas áreas do conhecimento lugares de fala e escuta. Foram adaptados conceitos das ciências sociais para crianças, foram levantados teóricos das ciências sociais com temas clássicos e atuais, foram elaboradas atividades sobre conceitos das ciências sociais para crianças. Utilizou-se como metodologia a experiência filosófica para abordar assuntos das ciências sociais. A pesquisa tem aspecto inovador por ter usado a filosofia como inspiração e possibilitado as ciências sociais para crianças. A pesquisa-ação local realizada pela pesquisadora abre as portas para caminhos futuros regionais, nacionais e internacionais.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

To enable children to learn about social science concepts by relating them to philosophy in order to use these areas of knowledge to build spaces for speaking and listening. Social science concepts were adapted for children, social science theorists were surveyed on classic and current themes, activities were developed on social science concepts for children, and philosophical experience was used as a methodology to address social science issues. The research has an innovative aspect because it used philosophy as inspiration and made social sciences possible for children. The local action research carried out by the researcher opens the doors to future regional, national and international paths.

BRUNA RIBEIRO DE OLIVEIRA MENDES

CRIANÇAS, CIÊNCIAS SOCIAIS, FILOSOFIA

entre falas e escutas

Tese de doutorado apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Data da defesa: 27/03/2025

Banca examinadora

Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Profa. Dra. Lígia de Almeida Durante Correa dos Reis
Departamento de Supervisão de Ensino – Prefeitura Municipal de São Carlos.

Profa. Dra. Cesira Elisa de Fávani
(Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, FCLAr)

Profa. Dra. Silvia Cristina Barbosa da Silva Bartalini
(Centro de Educação - CE)

Leonardo Teixeira Gomes

Escola Miró - Ribeirão Preto/SP

Carolina Cunha Seidel

Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar meu orientador Denis Domeneghetti Badia, por sua paciência, carinho, confiança, cuidado, compreensão e por me trazer reflexões que levarei por toda a vida.

Aos professores da banca, Paula Ramos de Oliveira e Lígia de Almeida Durante Correa dos Reis pela ternura de suas palavras e por acompanhar toda trajetória deste trabalho.

À Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Lazer (SECEL) de Jaboticabal que me recebeu e deu todo suporte para que a pesquisa se concretizasse.

À Ana Carolina, diretora da escola, que me recebeu de braços abertos com muito carinho.

Ao meu marido, meu companheiro, pela paciência e amor.

Aos meus pais, que sempre se fizeram presentes em minha vida.

À minha família, que me deram palavras de apoio o tempo todo.

Aos meus colegas do programa, que sempre me ajudaram e ofereceram palavras doces na construção do trabalho.

A todos os membros do Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para crianças (GEPFC), que escutaram minhas histórias e contribuíram significativamente para que eu as repensasse.

A Deus, porque acredito. Porque sou grata pela constante oportunidade de desenvolvimento profissional e pessoal.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. É por isso que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém (Freire, 2021, p.25).

RESUMO

A filosofia para crianças surge no final dos anos 60 com Matthew Lipman e desde então vem traçando sua trajetória no contexto infantil. As ciências sociais chegam ao Brasil em 1934 por meio da universidade, mas no ensino infantil tem seus primórdios no município de Cariacica – Espírito Santo a partir de 2009 com a aprovação da lei 4.505/2007 pela Câmara Municipal, que institui o Ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Fundamental. A partir desse momento, se desenvolve ainda mais a reflexão da relação entre a filosofia e as ciências sociais no contexto infantil. Na dissertação de mestrado Ciências Sociais na infância: contribuições para se ler mundo, foram traçados os caminhos os quais aproximam a filosofia e as ciências sociais, assim como propostas de doze histórias sobre conceitos das ciências sociais. Buscamos agora revisitar a dissertação e elaborar uma pesquisa-ação, levando as histórias escritas sobre conceitos sociológicos, antropológicos e da ciência política para dentro da sala de aula. Momento em que a autora encontra as crianças e a pesquisa é construída por meio de falas e escutas.

Palavras- chave: Filosofia e Ciências Sociais para crianças; Pesquisa-ação; Livros infantis.

ABSTRACT

Philosophy for children emerged in the late 1960s with Matthew Lipman and has been tracing its trajectory in the context of children ever since. Social sciences arrived in Brazil in 1934 through universities, but in early childhood education they began in the city of Cariacica, Espírito Santo, in 2009, with the approval of law 4,505/2007 by the City Council, which established the teaching of philosophy and sociology in elementary school. From that moment on, the reflection on the relationship between philosophy and social sciences in the context of children began to develop even further. In the master's dissertation *Social Sciences in childhood: Contributions to reading the world*, the paths that bring philosophy and social sciences closer together were outlined, as well as proposals for twelve stories about concepts in the social sciences. We now seek to revisit the dissertation and develop an action research project, taking the stories written about sociological, anthropological and political science concepts into the classroom. Moment when the author meets the children and the research is constructed through speeches and listening.

Key words: Philosophy and Social Sciences for children; Action research; Children's book.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de desenvolvimento das histórias e atividades	25
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Quebra-cabeças quem sou eu?	27
Figura 2 Atividade Quem sou eu?	29
Figura 3 Atividade quem é o outro?	30
Figura 4 Atividade: Caça-palavras das interpretações e o Trem do Brasil4	33
Figura 5 Atividade: Imaginação sociológica	36
Figura 6 Atividade: Perguntas do caleidoscópio social.....	39
Figura 7 Atividade: Criança líquida	41
Figura 8 Atividade: Espelho do futuro	45
Figura 9 Atividade: Caixinha do pensamento	49
Figura 10 Atividade: Os superpoderes do dia-a-dia e jogo dos superpoderes.....	52
Figura 11 Atividade: O fantástico mundo de Durkheim	56
Figura 12 Atividade: Os ciclistas de Weber	59
Figura 13 Desenho Quem sou eu? (E., 11 anos)	68
Figura 14 Desenho Quem é o outro? Está escrito dentro da lupa “Eu não sei o que o outro pensa”. (E., 11 anos).....	69
Figura 15 Desenho Quem sou eu? (A., 7 anos).....	70
Figura 16 Desenho Quem é o outro? (A., 7 anos)	71
Figura 17 Desenho Quem sou eu? (A., 10 anos).....	72
Figura 18 Desenho Quem é o outro? (A., 10 anos).....	73
Figura 19 Atividade os trens de Lévi-Strauss.....	76
Figura 20 Atividade os trens de Lévi-Strauss.....	76
Figura 21 Atividade sobre a Imaginação sociológica (De., 11 anos).....	79
Figura 22 Desenho da criança líquida (B., 8 anos).....	86
Figura 23 Desenho da criança líquida (A., 10 anos)	87

Figura 24 Desenho da criança líquida (H., 10 anos)	88
Figura 25 Desenho sobre meu trabalho do futuro (A., 10 anos)	93
Figura 26 Desenho sobre meu trabalho do futuro (MC., 8 anos)	94
Figura 27 Atividade sobre a história quando o Papai-Noel é o Karl Marx. (L., 9 anos) 97	
Figura 28 Atividade dos superpoderes. Desenho de uma mãe e dentro dos raios estão escritas as palavras força, ser mãe, amor, chinelo (H., 10 anos)	100
Figura 29 Atividade dos superpoderes. Desenho de um coletor de lixo e dentro dos raios estão escritas as palavras limpar o mundo, catar lixo, levar o lixo para lugar adequado, reciclar (E., 11 anos).....	101
Figura 30 Atividade sobre Durkheim (A., 10 anos)	104
Figura 31 Os ciclistas de Weber	106
Figura 32 “O homem das cavernas dentro do trem de Lévi-Strauss” (N., 10 anos)	109
Figura 33 “O homem das cavernas com o caleidoscópio social” (A., 7 anos).....	110
Figura 34 “O homem das cavernas líquido” (MC., 6 anos)	111
Figura 35 “Homem das cavernas na casa de Anne Frank” (He., 10 anos).....	112
Figura 36 Atividade O homem das cavernas e o caleidoscópio social.....	113
Figura 37 “Homem das cavernas e os ciclistas de Weber” (He., 10 anos).....	114
Figura 38 “Homem das cavernas no fantástico mundo de Durkheim” (C., 8 anos).....	115
Figura 39 “Homem das cavernas na chuva de bolos” (B., 8 anos).....	116
Figura 40 “Homem das cavernas segurando o diário de Anne Frank” (A., 10 anos)...	117
Figura 41 “Homem das cavernas líquido” (MC., 6 anos)	118
Figura 42 “Homem das cavernas e o armário de Anne Frank” (Da., 9 ano).....	119
Figura 43 “Homem das cavernas líquido” (D., 11 anos).....	120
Figura 44 “Homem das cavernas e o caleidoscópio social” (DL., 8 anos).....	121
Figura 45 Atividade desmistificando os sentidos	132

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. PRIMEIROS PASSOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	19
2.1 Pesquisa-ação na escola: caminhos a serem percorridos.....	19
2.2 Para além das leituras das histórias infantis: construindo materiais didáticos	23
3. CIÊNCIAS SOCIAIS NAS RODAS FILOSÓFICAS	62
3.1 Encontro com a Instituição – Onde essa história começa?.....	62
3.2 Primeiro encontro: Eu me encontro no outro ou o outro se encontra em mim?...	63
3.3 Segundo encontro: “Eu de outra pessoa”	66
3.4 Terceiro encontro: Os trens e os vagões.....	74
3.5 Quarto encontro: Quem é café com leite?	77
3.6 Quinto encontro: Por que não nascemos de 10 meses?.....	80
3.7 Sexto encontro: Eu encontro minha forma sólida nadando.....	84
3.8 Sétimo encontro: Experiências e ou histórias?	89
3.9 Oitavo encontro: Como as pontes são feitas?.....	90
3.10 Nono encontro: De tanto pensar no ser só conseguiu pensar no ter.....	95
3.11 Décimo encontro: O dia em que descobri que tenho poder.....	98
3.12 Décimo primeiro encontro: Cada um tem seu tempo para nascer.....	102
3.13 Décimo segundo encontro: Quando as crianças decidiram o fim da história...	105
3.14 Décimo terceiro encontro: A beleza está em você, no seu amigo, no próximo	107



3.15 Último encontro: O homem das cavernas nas histórias infantis.....	108
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICE	128
ANEXOS.....	133

1. INTRODUÇÃO

A tese apresentada aqui parte como consequência de todo trabalho construído e desenvolvido pela dissertação e livro *Ciências Sociais na Infância: contribuições para se ler o mundo* (2022). A trajetória se iniciou no mestrado em Educação Escolar, na Unesp de Araraquara, onde o trabalho buscou pensar sobre o caminho em que as ciências sociais oferece às crianças enquanto uma possibilidade para o pensar, oferecendo às crianças um ambiente de escuta, um ambiente que permite relacionar as ciências sociais à filosofia, um ambiente em que por, meio de histórias sobre conceitos das ciências sociais, as crianças experienciem o saber dessas áreas relacionando-os às suas vivências e permitindo que suas leituras de mundo sejam compartilhadas com outras.

O desenvolvimento da dissertação de mestrado teve por inspiração a filosofia para/com crianças de Mathew Lipman e o trabalho desenvolvido por Paula Ramos de Oliveira no Grupo de Pesquisas em Filosofia para Crianças (GEPFC). Na dissertação foram desenvolvidas 12 histórias infantis sobre conceitos e pensadores das ciências sociais. Partimos agora, para o próximo passo, a tese, sendo este demarcado pela metodologia de pesquisa-ação¹ - momento em que a pesquisadora foi de encontro com as crianças em uma escola do município de Jaboticabal.

Iremos discorrer na segunda seção como a pesquisa-ação é amplamente debatida, pois por parte de alguns pesquisadores há uma desilusão para com a metodologia convencional,

cujos resultados, apesar de sua aparente precisão, estão muito afastados dos problemas urgentes da situação atual da educação. Por necessárias que sejam, revelam-se insuficientes muitas das pesquisas que se limitam a uma simples descrição da situação ou a uma avaliação de rendimentos escolares (Thiollent, 2022, p. 74).

A pesquisa-ação possui algumas características específicas que nos levou a escolha desta metodologia. Uma dessas é que como metodologia deriva da observação antropológica, o pesquisador se relaciona com os sujeitos participantes e isso acaba por

¹ A pesquisa-ação foi enviada ao comitê de ética e foi aprovada. Foram apresentados ao comitê a apresentação do projeto, os termos de assentimento do menor e seus representantes legais, o termo de consentimento livre e esclarecido, os objetivos da pesquisa, avaliação dos riscos e benefícios da pesquisa.

fomentar um direcionamento bastante explicitado das questões postas pelo pesquisador como dos sujeitos participantes.

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes (Thiollent, 2022, p.75).

Nesse sentido, como as histórias infantis sobre as ciências sociais foram desenvolvidas na dissertação pensamos em ir para além das histórias elaborando atividades pedagógicas, dinâmicas, o que torna o direcionamento bastante explícito.

A pesquisa-ação buscou atender os seguintes pontos: começa com a identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia. Sobre a identificação do problema, a pesquisa mostrou como as ciências sociais podem ser apresentadas às crianças e como puderam tornar-se “iscas filosóficas” ao pensar. Para tanto, o planejamento de uma solução apresentou histórias, atividades e dinâmicas para coleta de dados das falas das crianças e ofereceu um ambiente de escuta sobre as suas reflexões. Sua implementação foi pautada sobre a escolha da faixa etária de 6 a 11 anos em uma escola municipal de Jaboticabal.

Os encontros foram de 13 a 15 com duração de 1 hora e realizados semanalmente. O monitoramento foi realizado por meio da gravação dos encontros e atividades elaboradas pelas crianças e a avaliação de sua eficácia foi apresentada por meio das falas das crianças e as reflexões que foram fazendo ao longo do processo.

Na segunda seção apresentamos as histórias infantis na íntegra, assim como as atividades que foram elaboradas e as dinâmicas desenvolvidas. Gostaríamos de enfatizar que apesar da ser apresentada aqui em uma lógica sequencial de histórias, atividades e dinâmicas, algumas vezes elas foram sendo construídas e reconstruídas não de forma linear, mas conforme os encontros foram acontecendo e o interesse das crianças foram crescendo, ou seja, gostaríamos de esclarecer que por mais que a pesquisa-ação seja sistematizada, ela se fundamenta em vários momentos construídos ao longo do caminho. O que podemos dizer que a pesquisa-ação se situa entre a prática rotineira e a pesquisa acadêmica.

Na seção 3 damos início aos encontros com as crianças. Como cada encontro foi demarcado pela leitura de uma história e aplicação de atividades e dinâmicas, optamos por descrever alguns pontos dos encontros seguidos das falas das crianças e separamos as descrições por assunto dos temas trabalhados pelo grupo matutino e pelo grupo vespertino. Como a proposta desta pesquisa está em valorizar as falas das crianças e proporcionar por meio das ciências sociais um ambiente favorável para que façam suas reflexões trazendo a filosofia junto ao pensar, criamos os títulos dos encontros de acordo com as falas das crianças e as reflexões que foram fazendo no processo. Pensamos que dessa maneira, conseguimos trazer um pouco mais e aproximar as falas das crianças às ciências sociais.

Por último, teremos um balanço geral da experiência construída e retomaremos Jorge Larrosa e Paulo Freire para discutirmos algumas questões levantadas por todo o processo do trabalho. Nas considerações finais buscamos pensar sobre a experiência relacionando o que é ser criança e ser adulto.

No apêndice construímos o conceito de estereótipo e como poderíamos dar continuidade as reflexões que trazem as ciências sociais por experiências filosóficas para crianças.

2. PRIMEIROS PASSOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

2.1 Pesquisa-ação na escola: caminhos a serem percorridos

Para realizar a pesquisa que procura entender como conceitos das ciências sociais podem ser trabalhados no ensino fundamental I e ensino fundamental II, quais conceitos podem ser disponibilizados, de que forma alguns conceitos das ciências sociais podem ser oferecidos de forma lúdica buscando manter seu cerne sem a banalização dos mesmos, quais ideias podem ser levantadas pelas crianças, quais seus posicionamentos diante dos conceitos, o que pensam as crianças quando em contato com esses conceitos, como apreendem e se comunicam, o que pensam as crianças sobre as ciências sociais. Buscamos apresentar uma pesquisa qualitativa de tipo pesquisa-ação, para tanto iremos discorrer sobre a escolha para descrevermos sobre todo o processo o qual a compõe.

Primeiramente, a escolha da pesquisa qualitativa é tomada pois essa abordagem que tem suas raízes no século XIX, se origina quando cientistas sociais começam a indagar os métodos de investigação que até então vinham sendo focados para as ciências físicas e naturais, o que dava origem a uma abordagem positivista e os investigadores viam na perspectiva positivista o modelo para os estudos da vida em sociedade.

Portanto, o que traz a pesquisa qualitativa de diferente? Nesse sentido André (1995) diz:

(...) Dilthey, que era historiador, foi um dos primeiros a fazer esse tipo de indagação e a buscar uma metodologia diferente para as ciências sociais, argumentando que os fenômenos humanos e sociais são muito complexos e dinâmicos, o que torna quase impossível o estabelecimento de leis gerais como na física ou na biologia (André, 1995, p.18).

O que em outras palavras, poderíamos dizer que as ciências físicas e naturais trabalham com objetos de estudo que se diferenciam das ciências humanas e sociais, os métodos de aprofundamento das pesquisas também deveriam ser pautados nos aspectos que são próprios de cada especificidade de cada ciência. Nesse sentido, ao pensarmos na pesquisa qualitativa como norte para o desenvolvimento de nossa pesquisa, significa compreender a pesquisa qualitativa enquanto uma abordagem que busca interpretar significados que devem estar dentro de um contexto. Portanto, se iremos estudar como as ciências sociais podem ser ensinadas às crianças por meio de leitura e atividades lúdicas,

implica buscarmos os significados dessas experiências dentro do contexto o qual iremos abordar e aqui destacamos ser uma escola no município de Jaboticabal.

O que buscamos por meio da pesquisa qualitativa?

Esta abordagem parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado (Mazzotti, 2023, p.3).

Nesse sentido, busca-se por meio dessa pesquisa abordar sobre as crenças, percepções, sentimentos e valores do pesquisador como foi trazido na introdução dessa tese para orientar toda a trajetória realizada pela pesquisadora, para que sejam abordados também as crenças, percepções, sentimentos e valores dos sujeitos os quais a pesquisadora conviveu por meio das aulas. E assim nesse processo ao qual as relações foram construídas e não se deram de modo imediato, mas no percurso, no trajeto, na construção, esses significados serão desvelados. Portanto, quando adotamos a pesquisa qualitativa, buscamos nos orientar por uma corrente idealista-subjetivista, pois valoriza a maneira própria de entendimento da realidade do sujeito ou sujeitos indo contra a ideia de compreender a realidade como algo exterior ao sujeito.

Sobre as etapas da pesquisa qualitativa temos Mazzotti (2023, p.13) “De um modo geral, três grandes etapas podem ser distinguidas nos estudos qualitativos: (a) período exploratório; (b) investigação focalizada; e (c) análise final e elaboração do relatório”. Tendo como parâmetro essas etapas da pesquisa qualitativa, podemos dizer que o período exploratório pode ser representado pelo estudo dos referenciais teóricos levantados nessa pesquisa, assim como as histórias infantis desenvolvidas e atividades lúdicas elaboradas para o desenvolvimento da pesquisa-ação.

No que se refere a investigação focalizada, temos os encontros entre a pesquisadora e as crianças para as leituras das histórias, os momentos das falas das crianças, as relações construídas, as anotações realizadas, as atividades aplicadas e, por fim, a análise final e elaboração do relatório. Em tal etapa teremos as descrições de como as aulas foram acontecendo, as falas das crianças descritas, as ideias das crianças representadas por desenhos e atividades elaboradas e assim propomos aqui realizar esses três momentos da pesquisa qualitativa que nesta tese é demarcada pela observação

participante e análise de documentos pensados primeiramente pelo pesquisador e aplicado posteriormente no decorrer da pesquisa.

Vimos até aqui que a pesquisa qualitativa ganha força na década de 1960 e a isso podemos atribuir vários movimentos sociais e as lutas contra a discriminação racial e social. As rebeliões que ocorriam na França também aceleraram esse processo, pois os educadores se perguntavam sobre o que realmente acontecia dentro das escolas e das salas de aula, por isso pesquisas com abordagens antropológicas foram ganhando popularidade.

Ainda no que se refere as técnicas aplicadas na pesquisa qualitativa iremos adentrar agora, a pesquisa-ação, pois a pesquisa qualitativa pode utilizar de diferentes técnicas para o desenvolvimento da pesquisa. Partimos assim para a próxima indagação: O que é uma pesquisa-ação?

(...) a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2018, p.20).

Dessa maneira, a pesquisa-ação é caracterizada como uma pesquisa que pressupõe a participação direta do pesquisador com os participantes da pesquisa, supõe-se também uma forma de ação planejada que no caso específico aqui, é de cunho educacional. Nesse sentido, qual o objetivo da pesquisa-ação? Thiollent (2018) coloca que um dos principais objetivos dessa proposta consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora (Thiollent, 2018, p.14).

Nessa perspectiva, é necessário definir com precisão as ações que serão tomadas, quais serão seus agentes, seus objetivos e obstáculos sem deixar de lado a produção de conhecimento envolvida na pesquisa. Iremos agora apontar alguns caminhos traçados nesta pesquisa. Primeiramente, procuramos a Secretaria da Educação do município de Jaboicabal e apresentamos a pesquisa junto aos dirigentes, depois foi proposto por eles que a pesquisa fosse realizada em uma escola municipal que atendesse o contraturno das escolas, pois poderíamos trabalhar com faixas etárias diferentes e poderíamos ter como atores da situação crianças pertencentes a diferentes bairros da cidade.

Posteriormente, visitamos a escola e conversamos com a direção e assim definimos dar início à pesquisa-ação em dois grupos, um que seria matutino onde participariam crianças de 6 a 11 anos e outro vespertino com crianças de 7 a 10 anos. O objetivo se estabeleceu em realizar 14 a 15 encontros que foram divididos semanalmente onde as histórias das ciências sociais seriam apresentadas, seguidas de atividades e perguntas filosóficas. Um dos obstáculos encontrados foi que ao longo das semanas algumas crianças não puderam mais participar por motivos diversos: fosse mudança de horário ou não estavam mais frequentando a escola. Mas, logo outras crianças da escola que tinham ciência da pesquisa estar em andamento, pediam à pesquisadora quando a encontrava no corredor para poder participar. Então, conversávamos com a direção e a criança era incluída na pesquisa.

Como Thiollent (2018) nos diz “(...) seja como for, a atitude dos pesquisadores é sempre uma atitude de “escuta” e de elucidação dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções próprias” (Thiollent, 2018, p.24). Dessa forma, a pesquisadora estava sempre atenta a opinião das crianças para incluir outras crianças no processo.

Thiollent (2018) coloca

consideramos que a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela, é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas (Thiollent, 2018, p.28).

Destacando esses pontos levantados por Thiollent, buscamos produzir conhecimentos com a produção de histórias das ciências sociais para crianças, assim como das atividades propostas para execução e análise da produção dos sujeitos no campo educacional. Adquirir experiência se faz no decorrer, no desenvolvimento da pesquisa durante as aulas e assim contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das ciências para crianças, pois as histórias fazem sentido quando apresentadas as crianças e interpretadas por elas. Entendemos que essa pesquisa faz sentido pela presença da criança, o olhar atento da pesquisadora e as falas e escutas que perpassam a pesquisa do começo ao fim.

Para que o trabalho seja realizado dentro da sala de aula se faz por meio da observação direta das situações de ensino-aprendizagem, onde buscamos aqui retomar as

histórias construídas no livro *Ciências Sociais na infância: contribuições para se ler o mundo*. Buscando também construir agora o material didático que irá acompanhar as histórias sendo por meio desses a observação direta das situações de ensino-aprendizagem.

2.2 Para além das leituras das histórias infantis: construindo materiais didáticos

“Sabe o que eu quero de verdade? Jamais perder a sensibilidade, mesmo que às vezes ela arranhe um pouco a alma. Porque sem ela não poderia sentir a mim mesma...” Clarice Lispector.

De que forma a sensibilidade se relaciona ao trabalho do pesquisador? Aqui compreendemos a sensibilidade como característica necessária ao pesquisador que opta pela abordagem qualitativa e pesquisa-ação na escola. Pois diante da coleta de dados, o pesquisador precisa estar atento às variáveis do ambiente físico, às pessoas, aos comportamentos e terá que recorrer as suas intuições, sensações, emoções, percepções, porém precisará recorrer também a constante atitude de vigilância para conseguir observar suas preferências pessoais, filosóficas, religiosas e políticas. Colocamos aqui que a postura do pesquisador não é neutra e não será neutra, mas busca estar ciente de seus valores para que não interfiram nos dados. Em outras palavras, podemos dizer que o trabalho do pesquisador não é uma reprodução fiel do real e isento de valoração. É um trabalho onde há o reconhecimento de sua valoração para tentar ir além dela.

Portanto, iremos descrever como pensamos a pesquisa-ação antes, durante e depois. O trabalho proposto aqui é realizado pelo pensar (anterior) ao trabalho de campo, pelo movimento construído ao longo do processo (durante o trabalho de campo) e pelas observações (posteriores) fundamentadas nos materiais e retorno dos próprios sujeitos inseridos no campo. Ou seja, o pensar (anterior) ao trabalho de campo se fundamenta no planejamento das histórias construídas no livro *Ciências Sociais na Infância: contribuições para se ler mundo* (2022), momento em que os conceitos dentro das histórias foram explicados, portanto, aqui nosso objetivo será revisitar as histórias para construir materiais didáticos para trabalhar com as histórias com as crianças.

Os materiais foram pensados anterior ao trabalho de campo e foram aliadas as rodas filosóficas. O processo é demarcado pela experiência da autora das histórias com

as crianças, momento em que trabalha com as histórias por meio de leituras e atividades lúdicas colocadas aqui em mais detalhes após cada história apresentada. Por último, iremos descrever como as leituras e atividades lúdicas foram trabalhadas por meio das atividades propostas, fotos e outros instrumentos que serão disponibilizados no processo.

Começamos então nossa trajetória para além das leituras como o subtítulo dessa seção coloca. Iremos construir materiais didáticos fundamentados nas histórias, por isso, optamos por revisitar as histórias as colocando na íntegra aqui como estão dentro do livro *Ciências Sociais na infância: contribuições para se ler o mundo* (2022).

Realizamos uma tabela para compor como as leituras ou atividades serão desenvolvidas do começo ao fim. Optamos por uma visão geral das ciências sociais primeiramente, para adentrar pensadores que interpretam a sociedade em que vivemos atualmente e somente depois iremos aos clássicos. Pois pensamos num primeiro momento instigar sobre questões da atualidade e aquilo que toca os sujeitos por serem questões do cotidiano para posteriormente recorrermos aos clássicos e suas teorias para a leitura social, interpretações essas que foram desenvolvidas em outros contextos históricos. A tabela colocada aqui busca oferecer de maneira sistemática como pensamos em reunir todas as histórias produzidas e desenvolvidas ao longo do nosso trabalho, por isso, não se apresenta de forma linear à forma como foram sendo escritas e pensadas, mas a trazer primeiramente alguns fundamentos das ciências sociais para depois adentrar esse território.

Iremos discorrer sobre como pensamos em percorrer o caminho das ciências sociais. Para tanto, na tabela temos as histórias infantis, pois nosso trabalho parte disso, a área do conhecimento planejada sendo a sociologia, antropologia, ciência política ou a filosofia. Depois, apresentamos os conceitos, pois as histórias escritas foram pensadas por meio dos conceitos. Os pensadores, pois são esses quem nos propõe as questões trabalhadas e por último os materiais didáticos, são representados pelo momento em que poderemos observar e analisar as respostas das crianças. Não somente esses, pois a observação ocorrerá por todo o processo, mas esse momento terá também uma função importante para a descrição das observações. Partiremos agora aos detalhes de como o trabalho de campo foi pensado para a sua aplicação.

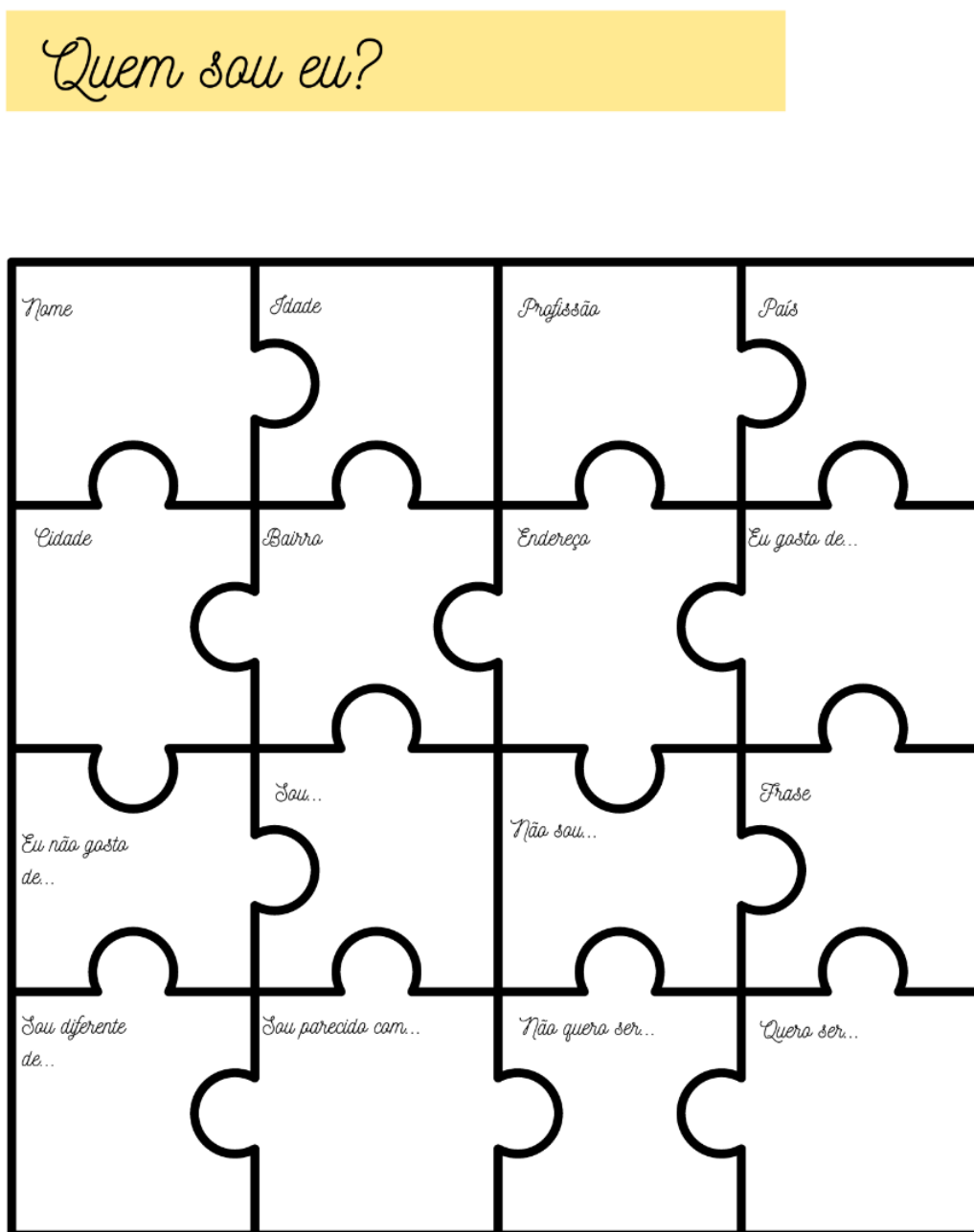
Tabela 1 - Tabela de desenvolvimento das histórias e atividades

Histórias infantis	Área do conhecimento	Conceito(s)	Pensador(es)	Material didático
	Sociologia e Antropologia	Identidade	Roberto DaMatta	Quebra-cabeças Quem sou eu?
O inverso de mim	Antropologia	Estranhamento	Clifford Geertz, Lévi-Strauss	Espelho: Quem sou eu? E Lupa: Quem é o outro
O trem de Lévi-Strauss	Antropologia	Cultura	Lévi-Strauss	Caça palavras e desenhar o trem do Brasil.
Chuva de bolos	Sociologia	Imaginação sociológica	Anthony Giddens, C. Wright Mills	Atividade: café e livro.
O caleidoscópio social	Ciências sociais	O que são as ciências sociais?		Atividade: Perguntas do caleidoscópio social.
Criança líquida	Sociologia	Modernidade líquida	Zygmunt Bauman.	Desenhar a criança líquida e encontrando sua forma.
As selfies de Narciso	Sociologia	Sociedade do espetáculo	Guy Debord	Trocando uma selfie por experiências. (Material digital)
Que trabalhão, hein?!	Sociologia	Brincadeira de papéis	Vygostski	Jogo da memória das profissões e O que serei no futuro? (espelho)
Quando o Papai Noel é o Karl Marx	Sociologia	Trabalho	Karl Marx	Atividade: Abrindo a caixinha do pensamento
Os superpoderes de Foucault	Ciência política	Os poderes para Foucault.	Michel Foucault	Atividade: Os superpoderes do dia-a-dia
O fantástico mundo de Durkheim	Sociologia	Fato social	Émile Durkheim	Atividade: O fantástico mundo de Durkheim
Os ciclistas de Weber	Sociologia	Ação social	Max Weber	Atividade: Quem ganhou a competição? Desenhe e explique
Anne Frank e o canário	Filosofia	Discutir sobre o que é liberdade		Roda filosófica sobre o que é liberdade

Fonte: tabela elaborada pela autora

Damos início a jornada das ciências sociais com crianças com o quebra-cabeças: Quem sou eu? Atividade desenvolvida dentro do livro *Exercícios de ser infância* (2022). A atividade propõe que os alunos completem as frases do quebra-cabeças para explicarem quem são e o que pensam, nesse processo irão compartilhar suas ideias e escutar as ideias dos outros. Nesse momento será trabalhado a questão da identidade colocada no livro *O que faz o brasil, Brasil?* (1986), de Roberto DaMatta. Depois de cada criança apresentar seu quebra-cabeças, recortamos para que pudessem brincar de montá-lo novamente. Foi utilizado uma ampulheta para que tornasse a atividade dinâmica e as crianças o montassem e pudessem comparar suas respostas.

Figura 1 Quebra-cabeças quem sou eu?



Elaborado por Bruna Ribeiro de Oliveira Mendes.

Fonte: elaborada pela autora.

No segundo encontro, fizemos a leitura da história *O inverso de mim*. Essa história está no livro *Exercícios de ser diferença* (2024). A história traz o conceito de

estranhamento na Antropologia e busca como meio didático utilizar as atividades: Quem sou eu? E Quem é o outro? A primeira atividade foi oferecida o desenho de um espelho e os educandos se desenharam como os percebiam. Na outra atividade foi oferecido uma lupa e tinham que escolher uma cultura diferente da nossa e desenhar os elementos e como percebiam o outro ou outros.

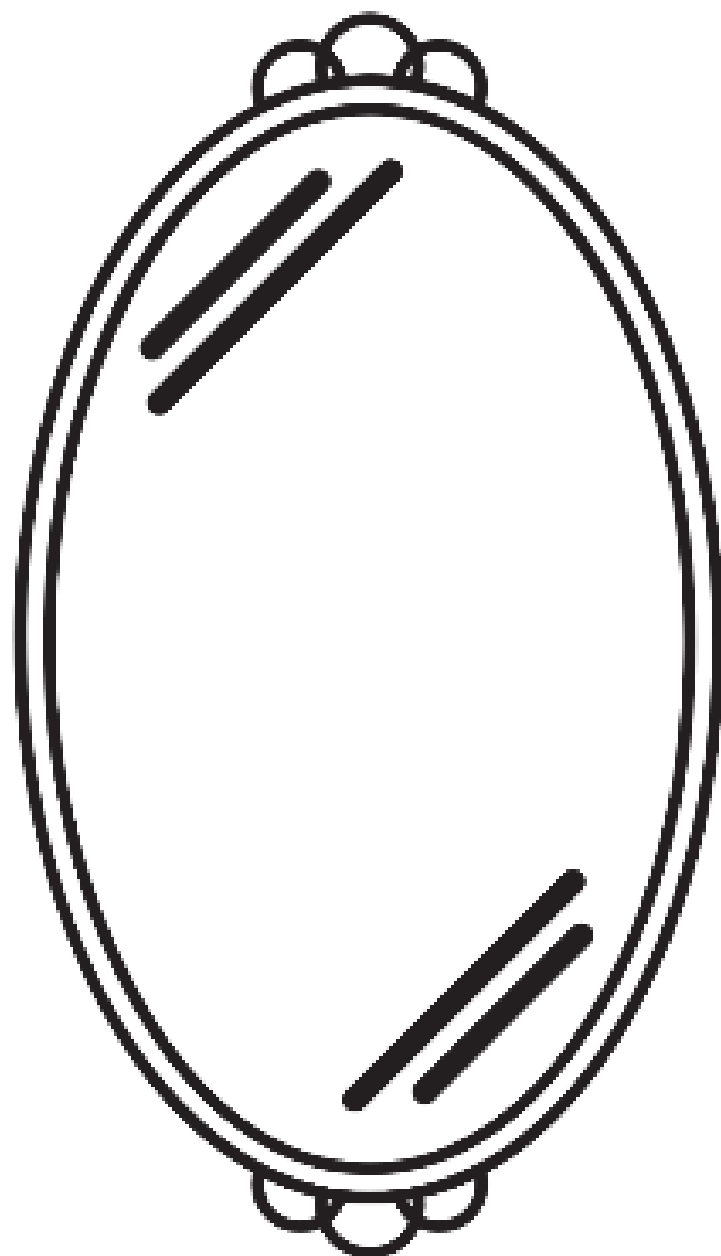
O inverso de mim

Olá, meu nome é Eduardo, mas todos me chamam de Dudu. Tenho 10 anos e adoro sair por aí com minha lupa e olhar todas as coisas a minha volta, sou muito curioso. Esses dias descobri algo muito, muito, mais muito maneiro... tchã, tchã, tchã, tchã, tchã...você sabiam que tudo aquilo que vemos é focado por algo dentro de nossos olhos que se chama cristalino e que se projeta em nossa retina que fica ao fundo dos nossos olhos, mas as imagens daquilo que vemos é invertida, isto é, se vemos uma árvore, dentro de nossos olhos, na retina a árvore estará de ponta cabeça! Isso é muito legal! E me fez pensar que quando alguém olha para mim, me vê ao contrário, invertido. Mas, qual é o inverso de mim? Será que sou eu mesmo de ponta cabeça ou eu seria outra pessoa?

Eu fiquei pensando sobre isso e me deu até tontura. Mas, depois de uns minutos, pensei que para ver o inverso de mim, preciso me estranhar porque se achar que tudo que faço é natural não conseguirei me ver ao contrário. Preciso me conhecer para saber o inverso de mim. Então, vamos lá...para mim, viver no Brasil é natural, mas e se tivesse nascido em outro lugar? Seria eu? Eu sou brasileiro e falo português, aprendi a contar os números, sei muitas palavras, mas e se tivesse aprendido outro idioma? Não saberia falar o português e saberia, falaria outro idioma. Ainda assim seria eu? Eu gosto dessa brincadeira de me estranhar, eu estranho onde vivo, a maneira que eu falo meu idioma, a comida que vem a mesa todo dia, as brincadeiras que faço, as caretas que faço na frente do espelho, e quanto mais eu me estranho, mais eu me conheço e entendo como sou porque no fundo gosto de quem sou, mas também me interesso pelo outro. O que você gosta em você e acha interessante no outro?

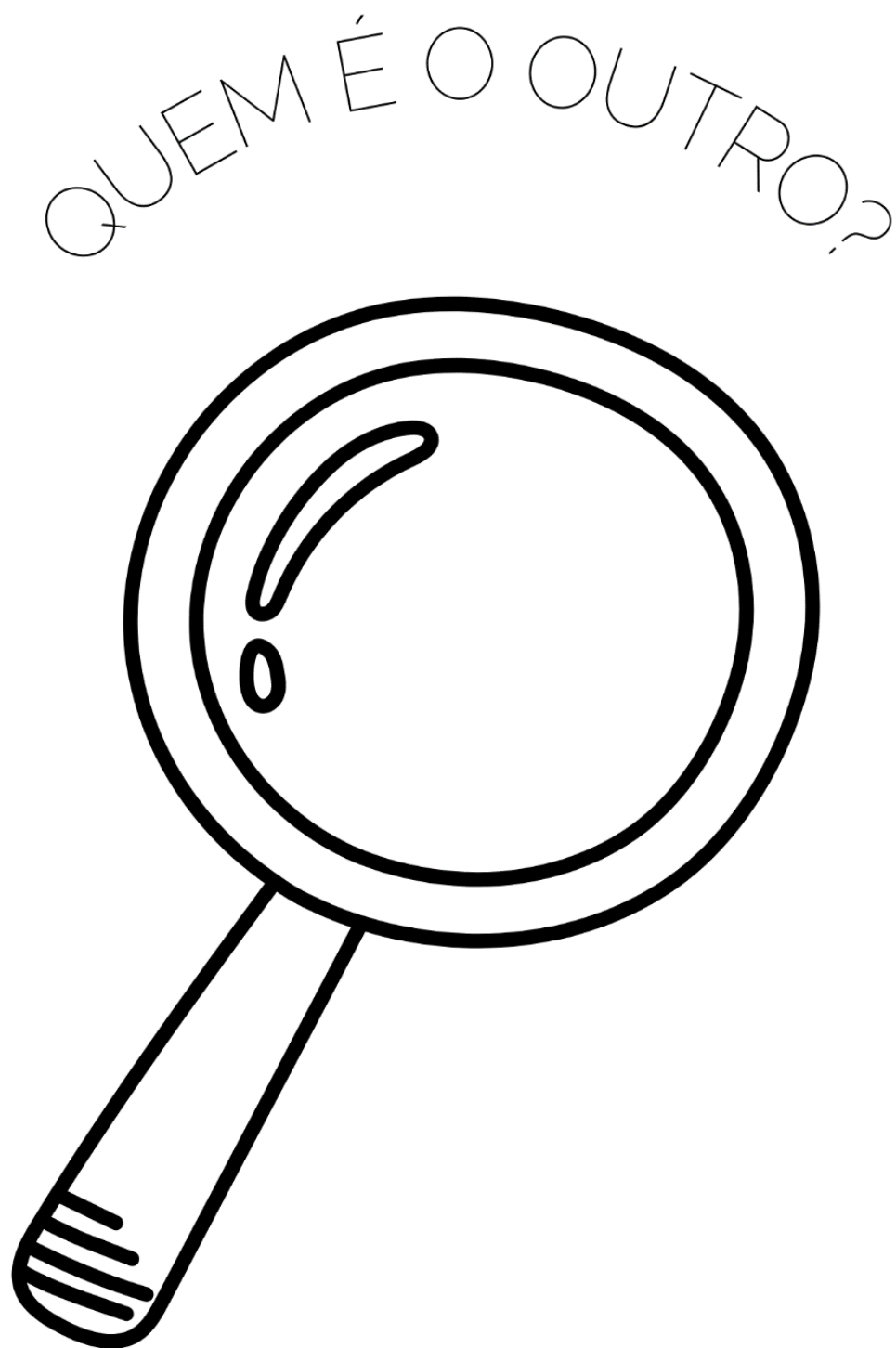
Figura 2 Atividade Quem sou eu?

QUEM SOU EU?



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 3 Atividade quem é o outro?



Fonte: Elaborado pela autora.

No terceiro encontro, continuando o caminho antropológico, trouxemos o conceito de cultura exemplificado por Lévi-Strauss (2008) que utiliza como metáfora da cultura, trens. Nos diz que os diferentes trens são as culturas, pois possuem velocidades diferentes, destinos diferentes. Para desenvolver esse conceito fizemos a leitura da história: *O trem de Lévi-Strauss* e depois aplicamos a atividade caça-palavras onde tinham que encontrar as palavras trabalhadas no texto, sempre retomando as ideias expostas anteriormente e depois iam usando da criatividade para desenhar, colorir e representar o trem de nosso país. Se fossemos desenhar o trem que carrega os brasileiros, como ele seria? Quais cores teria? Como se deslocaria? Como seriam os sujeitos de dentro do trem? O que fariam? Como se vestiriam? Como se alimentariam? Como seriam suas tradições, seus costumes? Qual é seu idioma? Nesse momento, pudemos oferecer várias perguntas para a compreensão sobre a cultura brasileira.

Criamos para depois da leitura da história uma dinâmica em que uma caixa com pontos de interrogação foi passada para brincar de batata quente e quando a palavra “PARA” era falada, a criança pegaria uma pergunta na caixa para responder, essas perguntas foram elaboradas de forma a retomar algumas questões trabalhadas na história. As indagações foram assim definidas:

O que é cultura? Quais coisas uma cultura pode aprender com outra? Em que somos iguais? O que nos diferencia uns dos outros? Como é o Brasil? Quais são alguns costumes indígenas? Quais são alguns costumes americanos? Qual animal é sagrado na Índia?

O trem de Lévi-Strauss

O brasileiro entrou no trem para chegar ao seu destino e viu pessoas almoçando arroz e feijão.

O indígena entrou no trem para chegar ao seu destino e observou pela janela seu povo, os homens pescando e as mulheres cuidando das crianças.

O americano entrou no trem para chegar ao seu destino e estava com pressa, e então decidiu comprar uma comida rápida, o *fast food*. Escolheu uma porção de fritas e hambúrguer.

O indiano entrou no trem para chegar ao seu destino depois de ter alimentado uma vaca que caminhava livremente na rua, pois a considera um animal sagrado.

Todos estavam dentro de seus respectivos trens e não conseguiam olhar o outro. Algumas vezes olhavam o trem que passava ao seu lado, mas era difícil, pois um trem ia mais rápido, o outro ia em direção oposta aos demais, além de que, quando conseguiam enxergar um pouco do trem do outro, não compreendiam a vestimenta, o alimento, a língua, a forma como o outro se comportava.

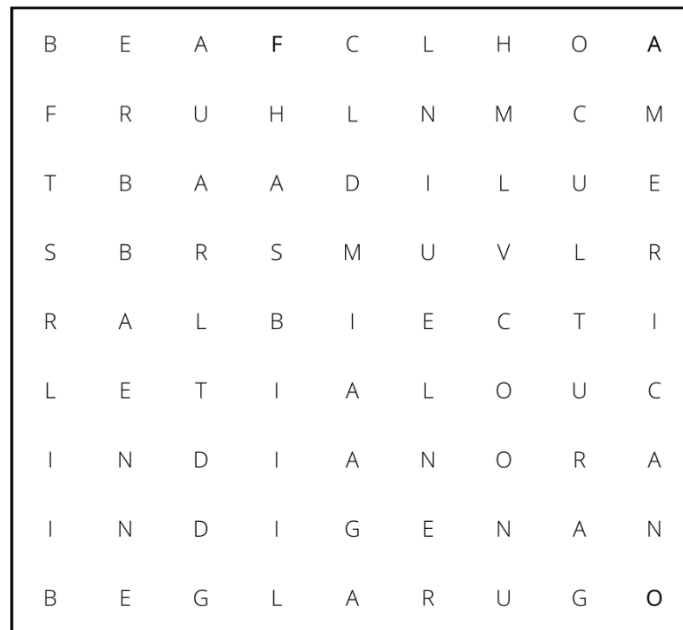
Até que o trem do francês Lévi-Strauss passou e disse bem alto para todos ouvirem:

- Os trens são as diferentes culturas!!!

E todos ficaram a pensar que, dependendo da cultura em que estamos inseridos, pensamos de uma forma, mas essa forma não é a única possível. Agora todos - o brasileiro, o indígena, o americano e o indiano - brincam de se colocar no lugar do outro. O brasileiro se imagina pescando um peixe para almoçar, o indígena pensa em como seria a palavra curumim em inglês, o americano pensa como seria sua vida sem ter a carne de vaca no hambúrguer que almoça e o indiano fica com vontade de provar o arroz e o feijão. E você? Gostaria de ver através dos olhos de quem?

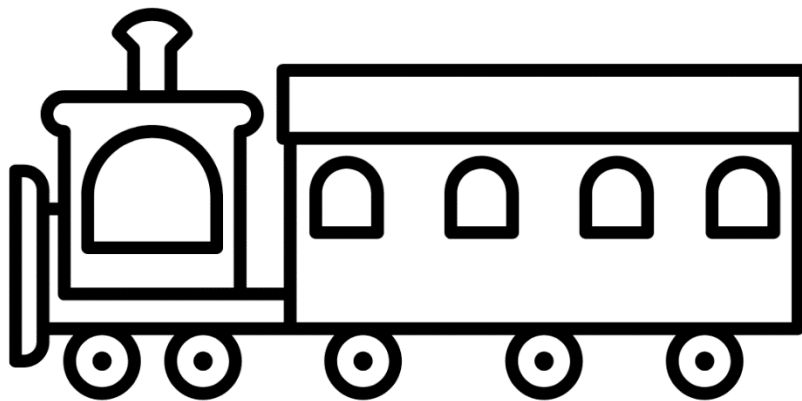
Figura 4 Atividade: Caça-palavras das interpretações e o Trem do Brasil4

O trem de Lévi-Strauss caça-palavras

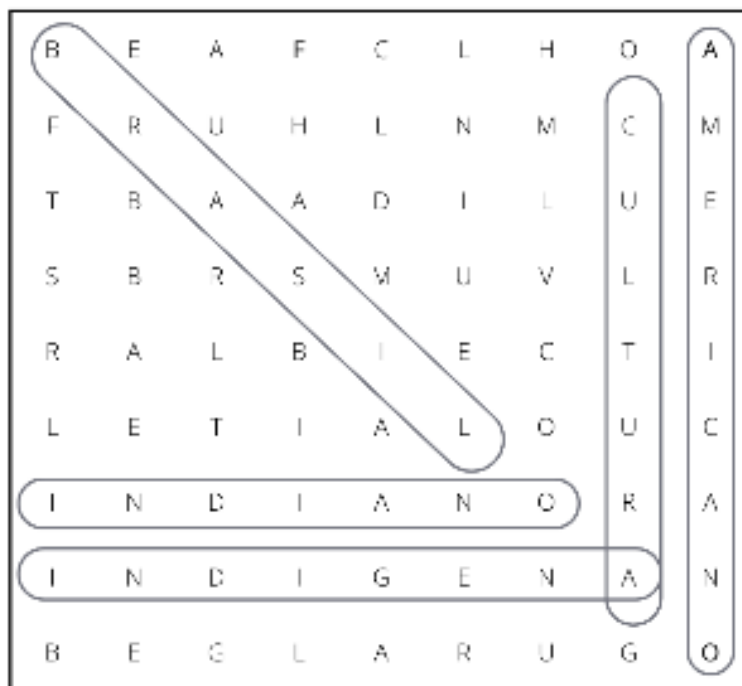


cultura Brasil indígena americano indiano

Desenhe e decore o trem do Brasil:

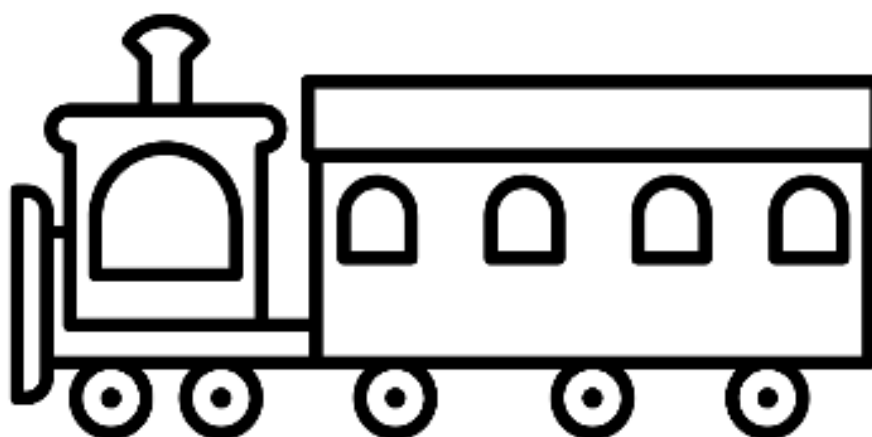


O trem de Lévi-strauss caça-palavras



cultura Brasil indígena americano indiano

Desenhe e decore o trem do Brasil:



Fonte: Elaborado pela autora.

Partiremos agora para a sociologia e o conceito de imaginação sociológica dado por C. Wright Mills na obra *Sociologia*, de Anthony Giddens (2012). A imaginação sociológica traz para os sujeitos a ideia de “olhar” para algo e ver além das interpretações rotineiras que podemos fazer. Para tanto, fizemos a leitura da história *Chuva de bolos* e depois realizamos uma atividade em que os alunos eram estimulados a pensarem sobre como podemos refletir sobre vários significados para o café e o livro. Como, por exemplo, o café pode ser uma bebida para manter alguém acordado, pode ser um momento de conversa e reflexão quando alguém é chamado para tomar um cafezinho. O café pode ser o trabalho de alguém quando a pessoa trabalha o colhendo. No inglês, o *Coffee break* é usado para falar sobre o intervalo de uma reunião.

Nessa atividade a pesquisadora estimulou as crianças ao pensar e juntos refletiram sobre os significados. Se as crianças forem alfabetizadas podem escrever os significados em volta do desenho e se as crianças estiverem ainda em processo de alfabetização podem desenhar as situações levantadas em conjunto.

Chuva de bolos

A menina pediu um bolo de chocolate de sobremesa.

Um amigo convidou o outro para comer um bolo em sua casa para se reunirem.

Na festa de aniversário todos terminaram comendo um bolo confeitado pela mãe da aniversariante.

A professora de matemática usou a figura de um bolo para ensinar a dividir pela quantidade de alunos que havia na sala.

O menino foi ao encontro de seu amor e diz ter levado um bolo porque sua amada não apareceu.

Na história da Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, o lobo vira bolo.

A boleira trabalha fazendo bolos.

Tem bolo doce, bolo salgado.

Em inglês um bolinho pequeno se chama cupcake.

Mas quando várias pessoas vão apostar juntos na loteria se chama bolão, ou quando um jogador de futebol joga muito bem, dizem que jogou um bolão.

Em sua coleção, Maria tem um bolo de figurinhas.

Bolo de cenoura com cobertura de chocolate, bolinho de arroz no almoço.

Bolo, bolinho, bolão: o que mais podemos pensar dessa massa de farinha que todos adoram ter em suas mãos?

Figura 5 Atividade: Imaginação sociológica

IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Quando usamos a imaginação sociológica podemos pensar sobre vários significados para uma palavra. O que podemos pensar sobre o café e o livro?



Fonte: Elaborado pela autora.

O próximo passo foi definir o campo de trabalho das ciências sociais trazendo a história *O caleidoscópio social*, que foi publicado no artigo *Teorias sociais da educação e as ciências sociais para crianças como ação curricular*, na Revista Humanidades e Inovação (2023). A história busca trabalhar com questões que são da sociologia, da antropologia e da ciência política. Para trabalhar com a história e refletir sobre as questões trazidas, foi disponibilizada uma atividade em que os educandos usaram um clip e um lápis. O lápis foi para segurar o clip no meio do círculo escrito ciências sociais e o clip tem por função girar e ver qual ciência irá cair, para assim responder uma pergunta. A atividade pretende estimular o pensar sobre questões dessas áreas do conhecimento e dialogar com os alunos.

Como nos inspiramos na filosofia para traçar o caminho das ciências sociais para crianças, tomamos como modelo o que Mathew Lipman chama de “iscas filosóficas” para possibilitar o pensar e aqui nesse momento pensamos que as perguntas sobre as ciências sociais podem ser as “iscas das ciências sociais” para as crianças elaborarem suas ideias e começarem a navegar dentro dessas ciências. Nessa atividade o objetivo será estimular as ideias das crianças sem necessariamente trazer as respostas sobre essas indagações nesse momento.

O caleidoscópio social

O sinal da escola bateu e finalmente poderia sair correndo para casa, pois estava ansioso para chegar e almoçar meu prato favorito, batata frita. Estava andando com meu amigo em direção a minha casa até que vi no chão um caleidoscópio. Você sabe o que é? É um aparelho óptico formado por um tubo e dentro dele há três espelhos inclinados que formam um triângulo e quando o colocamos em movimento formam imagens e combinações diferentes no fundo.

Mas, esse não era um caleidoscópio comum, pois assim que o peguei e fui admirar o que estava dentro dele, ele me puxou para dentro e cai em um dos espelhos que era chamado de sociologia. Nesse espelho, havia a minha imagem e a de todas as pessoas que convivem comigo, era como se naquele espelho, eu pudesse ver todas as pessoas que conheço e até as que não conheço. Quando me aproximei melhor, pude ver além das

peessoas, pude ver o que elas se perguntavam. E as perguntas que mais me chamaram atenção foram: Por que vamos à escola? Por que trabalhamos? Por que existe a desigualdade social? E o preconceito, o que é e como se dá? A sociedade me forma e eu formo a sociedade?

Fiquei muito instigado com essas perguntas e foi pensando sobre elas que me mexi um pouco e caí em outro espelho, chamado de antropologia. Esse espelho era diferente, eu ainda me via e via os outros ao meu redor, mas era um espelho muito diferente e, por isso, comecei a me estranhar. Olhava para minha imagem e estranhava minhas roupas, estranhava meu jeito de falar, estranhava meu modo de andar, me estranhava por completo, estranhava os espaços à minha volta, a minha casa, minha escola, aonde ia, o que fazia. Nesse espelho do estranhamento, ao pensar sobre mim comecei a pensar no outro ou outros, outros países que falam línguas diferentes, se vestem de forma diferente, se alimentam, pensam e agem de forma diferente. E fiquei curioso em entender o outro e ou outros.

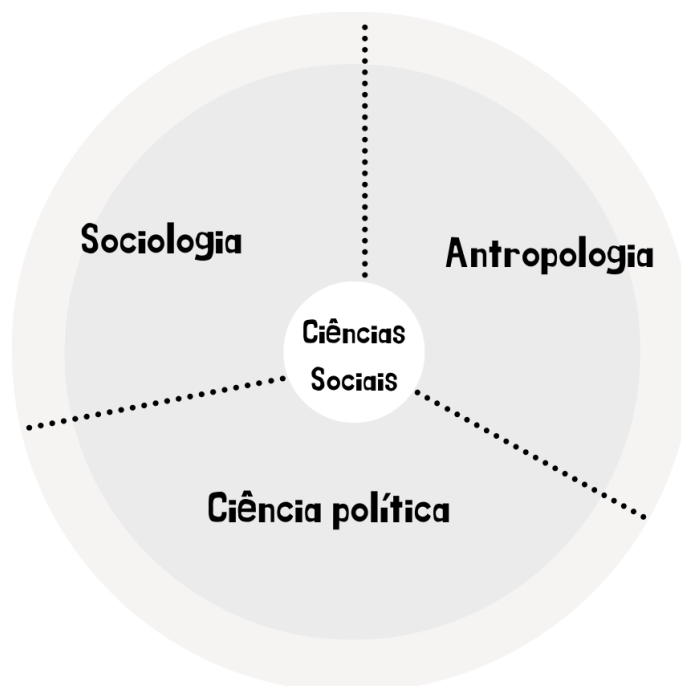
Tentei ficar paralisado porque esse espelho era muito interessante, assim como o outro, mas não consegui me equilibrar e o caleidoscópio girou mais uma vez e caí no espelho da ciência política. Nesse espelho, como nos outros, eu via minha imagem e a de todos à minha volta, mas algo chamava a atenção, a de que nesse espelho podia observar os poderes e como esses eram distribuídos; no caso do Brasil, via nesse espelho a eleição. As pessoas indo votar para escolher seus representantes, mas sei, e hoje mesmo estudei na escola que em outros países não se dá dessa forma.

Achei incríveis esses três espelhos e decidi me levantar e correr, indo de um para o outro, movendo o caleidoscópio, e nesse movimento vi que se formou e apareceu escrito pela luz que entrava dentro do caleidoscópio: Ciências Sociais. E foi assim que saí do caleidoscópio e vi meu amigo novamente, para contar tudo o que havia passado nessas combinações de espelhos.

Figura 6 Atividade: Perguntas do caleidoscópio social

CALEIDOSCÓPIO SOCIAL

Coloque um lápis sobre um clipe dentro do círculo das ciências sociais. Gire e veja a ciência que irá responder uma pergunta.



Sociologia

O que é sociologia?
 Por que vamos à escola?
 Por que trabalhamos?
 O que é desigualdade social?
 O que é sociedade?

Ciência Política

O que é ciência política?
 O que é política?
 O que é poder?
 O que é democracia?
 O que é monarquia?

Antropologia

O que é Antropologia?
 Quem sou eu?
 Como posso me estranhar?
 O que significa: "Tornar o familiar exótico e o exótico familiar"?
 O que é alteridade?

Fonte: Elaborado pela autora.

A próxima história busca refletir sobre o conceito de Zygmunt Bauman (2001) sobre a modernidade líquida, relacionando a liquidez posta na sociedade para o âmbito infantil e como essa liquidez se transpõe ao universo infantil. A atividade proposta foi apresentada depois da leitura da história *Criança líquida* e ocorreu o momento em que as crianças desenharam como seria a criança líquida para depois desenharem como seria a criança líquida encontrando sua forma.

Criança líquida

Acordei um dia e de repente todas as crianças haviam se tornado líquidas. Algumas eram suco, outras refrigerante, algumas águas, outras vitaminas e eu era milk-shake de morango. Todos nós estávamos em um recipiente diferente; se não fosse isso, já teríamos vazado e escorrido pelo ralo. No começo achamos até legal, pois dava para brincar de pular de um recipiente para outro: de um copo fui a uma jarra, depois parei em uma caneca e assim continuei pulando de vasilha em potes, até que me cansei e vi que não tinha uma forma certa. Sentia falta da minha forma de criança.

Criança tem forma de falar, criança tem forma de escutar, criança tem forma de brincar, criança tem até forma de ver as coisas, e como um líquido eu havia perdido minha forma.

Estava ficando muito nervosa, até que minha mãe me acordou do sonho em que eu estava e me ofereceu uma abacatada. Na hora percebi que estava sonhando e agradei em voltar a ser criança novamente. Sai correndo para fazer as coisas que as crianças fazem e me deparei com o computador. Estava curiosa para ver meu Facebook, Instagram, vídeos no Youtube. E foi assim que conheci Zygmunt Bauman.

Fiquei impressionada porque a forma como esse sociólogo polonês explica a sociedade tem muito a ver com meu sonho. Ele dizia que a sociedade em que vivemos é líquida. Como isso é possível? No meu sonho as crianças eram líquidas, mas agora todos nós somos?!

Sim. Para Bauman a amizade é líquida, o amor é líquido, o medo é líquido, e até a criança é líquida, porque não possuímos uma forma definida: com tantas informações nos sentimos perdidos. Nós, crianças, temos muitas opções. Assistimos vídeos no Youtube. Vemos um brinquedo legal que queremos, mas logo sai outro e queremos novamente. O novo fica velho em um dia e aquilo que compramos hoje já será velho amanhã. Nós nos sentimos confusos e indecisos e assim a nossa forma vai se perdendo. Com tantas formas

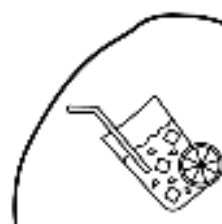
de falar, não sei mais qual irei escolher para mim. Escuto muito, mas pouco penso, porque repito e repito, então perco o meu olhar, porque o meu olhar é o olhar do outro que repito e não o meu.

Fico então a pensar: como pode a criança líquida encontrar sua forma? Deixe-me pensar... pensar... pensar... Já sei, para mim a criança líquida encontra sua forma pensando sobre ela mesma.

Figura 7 Atividade: Criança líquida

CRIANÇA LÍQUIDA

Desenhe a criança líquida e depois ela encontrando sua forma. Como pode a criança líquida encontrar sua forma?



Fonte: Elaborado pela autora.

Partindo de Guy Debord (2003), a próxima atividade foi desenvolvida por meio da história *As selfies de Narciso*, momento em que as crianças foram instigadas a trocarem uma “selfie” por experiências. Foi disponibilizado um material digital criado no *powerpoint* com imagens de máquinas fotográficas. As crianças foram estimuladas a dizerem: “Eu troco uma selfie por uma experiência”. Quando abríamos o link da máquina fotográfica, havia uma atividade para desempenharem juntos e compartilharem o momento. Foram criados seis links e as atividades de experiências propostas foram: contar uma história improvisada juntos conforme uma imagem aleatória ia sendo inserida, construíram um hambúrguer de brinquedo juntos e o objetivo era não o deixar cair, pegaram uma imagem que representasse uma emoção e faziam a mímica para que os colegas adivinhassem, tinham que tentar passar um sino entre eles sem tocar para trabalhar o equilíbrio e atenção, brincaram de vivo ou morto e força.

A atividade de força foi preparada digitalmente e as crianças tinham por objetivo descobrir as palavras *selfies*, sociologia, Guy Debord, que estavam relacionadas à história.

As selfies de Narciso

Narciso era um menino que gostava de brincar com seus amigos, ia à escola justamente porque encontrava seus melhores amigos lá e vivia com o sorriso no rosto, pois não tinha muitas preocupações, brincava, ia à escola, fazia suas lições de casa, assistia televisão e assim vivia sua vida. Narciso foi crescendo e quando chegou à idade que seus pais haviam lhe prometido, ganhou o celular tão esperado. Fez sua conta em várias redes sociais, pois desejava estar online o tempo todo. Tirou uma selfie em seu quarto e postou, tirou uma foto de seu café da manhã que postou, mas não provou. Tirou uma foto com seus amigos sorrindo e postou, mas naquele dia havia se chateado com um deles por não ter sido convidado ao seu aniversário. Tirou uma foto na piscina do clube e postou, mas depois de cinco minutos que estava nadando começou a chover. Os amigos de Narciso o viam nas redes sociais e pensavam que sua vida era perfeita. Narciso via suas fotos e o achava lindo, um gato, como dizem. Mas algo o incomodava, via suas fotos perfeitas e se lembrava de que os momentos não eram tão perfeitos assim, pois enquanto se preocupava em fazer a melhor foto possível, perdia o que acontecia ao seu redor. Enquanto tirava foto

de seu quarto, deixava de deitar na cama limpinha e olhar para as estrelinhas grudadas no teto. No momento em que tirava a foto do café da manhã, passava a vontade de comer e conversar com sua família no momento da refeição. Enquanto mostrava o sorriso e estava abraçado com seu amigo, sentia vontade de estar longe e dar um tempo nessa amizade. Se preocupava com a foto da piscina e esquecia de olhar o céu carregado de nuvens que traziam a chuva. Foi então que Narciso percebeu que, quanto mais se aproximava da foto perfeita para ser postada, mais se perdia de si mesmo e das experiências que queria viver. Percebeu então que a vida virtual online o proporcionava uma vida offline e resolveu trocar, viver a vida e deixar a vida virtual offline.

Vigostsky (1978) nos mostra por meio da periodização histórico-cultural a importância da brincadeira de papéis para o desenvolvimento infantil. Quando a criança tem em torno de 7 anos de idade, começa a “imitar” a vida adulta e brincar de profissões. Momento em que pode ser explorado pelos educadores para trazer repertório as crianças sobre as profissões e explorar a ideia do que é o trabalho. Para tanto, depois da leitura da história *Que trabalhão, hein?!* realizamos um jogo da memória das profissões estimulando o pensamento para as atividades desempenhadas por cada profissão e logo após, foi proposto uma atividade que as crianças tinham que desenhar dentro do espelho o que queriam ser no futuro.

Que trabalhão, hein?!

Olá, crianças! Tudo bem? Antes de me apresentar a vocês, gostaria que vocês descobrissem quem sou eu. Darei algumas dicas!

A maioria das crianças me adora. Sou irresistível tanto para meninos como para as meninas. Vocês podem brincar comigo de diferentes formas. Mas eu tenho mesmo uma forma só. Sou redondinho. Posso ser de várias cores ou de uma cor só. Posso ser mais macio ou mais durinho. Posso ser lento ou bem rápido, pois dependo de você para me mover. Algumas vezes, você me perde e outras vezes você me encontra na casa do vizinho. Posso causar algumas confusões entre você e a família, porque você me chuta e se eu estiver sujo, deixo minha marca na parede. Sou tipo uma ferramenta de afresco para crianças. Você sabe o que é um afresco? É quando o pintor faz sua pintura diretamente na parede. Além de ser um objeto para fazer uma obra de arte na garagem quando me

chuta, posso ganhar um campeonato com você, ou você pode relaxar na piscina brincando comigo.

Agora está muito fácil, né? Acredito que você já descobriu quem sou eu. Eu sou... a bola. Não pensem que sou uma bola qualquer. Eu ganhei vida nessa historinha porque tenho algo importante para dizer. Como vocês sempre brincam comigo e escolhem a brincadeira, hoje quem gostaria de escolher a brincadeira sou eu. Vamos brincar?

É a brincadeira do desvendar o trabalho. Eu escutei alguém dizer que eu dou trabalho. Alguém já disse a você: nossa, como você dá trabalho?! Eu escuto isso algumas vezes, pois dizem que dou trabalho para ser guardado. Mas, não é isso não, amiguinhos.

Você sabia que para eu existir, preciso que várias pessoas trabalhem? Eu posso ser feito de vários tipos de materiais, mas vamos pensar em um. Bom, primeiro existem algumas crianças que me fazem de forma bem simples e prática. A bola de meia. Pegam uma meia e uma camiseta que já estão mais velhinhas, dobram a camiseta e colocam dentro da meia. Apertam bastante a camiseta dentro da meia para que fique redondo, torcem a parte de cima e dobram. Da parte da meia que sobrou pedem para um adulto costurar e *voilà!* Estou pronta!

Mas, como eu te disse, para que eu exista preciso do trabalho de várias pessoas. Quem faz e de onde vem a camiseta? Quem faz a meia? Quem faz a linha para costurar? E a agulha? Como chego às lojas para as pessoas me comprarem? Quantas perguntas, né? Desculpe, acabei de fazer mais uma! É porque adoro perguntas.

Olha só quanto trabalho e quantas pessoas trabalham para que eu exista. Se eu for uma bola de meia, vamos pensar no que é preciso só para fazer a camiseta. É necessário que haja o produtor de algodão, pessoas que colham o algodão, o algodão precisa ser transformado em fio por meio de máquinas. O fio é tecido em outras máquinas até produzir a malha. A malha é tingida nas mais variadas cores. Há pessoas que modelam o tecido para que fique na forma de uma camiseta, cortam, riscam, fazem marcações. Há uma linha de montagem para que cada pessoa divida o trabalho e consiga produzir a camiseta mais rapidamente. Há pessoas que fazem a revisão para verem se a camiseta está bonita, alinhada, retiram os fios de linha que sobram... As camisetas são vendidas a lojas que as colocam para serem revendidas novamente. Até que você compre a camiseta, use-a por muito tempo e faça uma bola com ela.

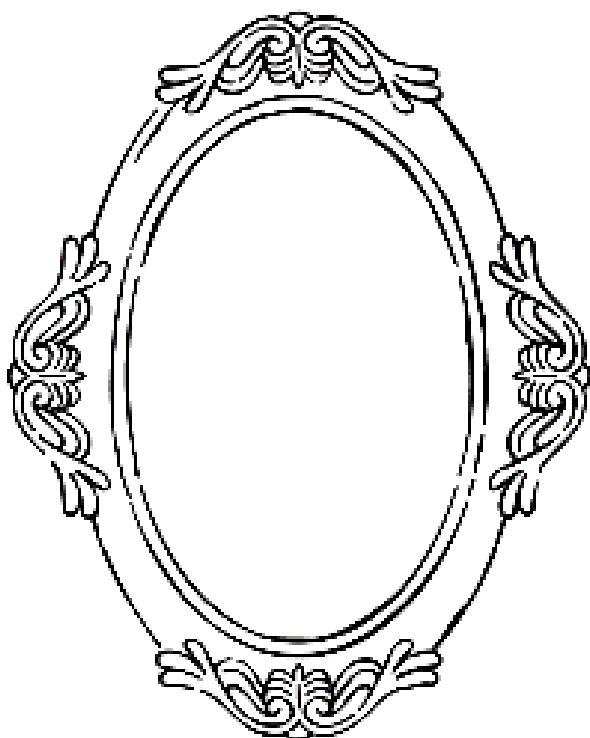
Ufa...consegui! Olha quantas pessoas trabalham para que você use uma camiseta! Para

produzir e vender uma simples camiseta há muitas pessoas envolvidas. Você pode imaginar quanto trabalho é necessário para se fazer meias, agulha, uma bicicleta, uma ponte, uma casa, ou a escola onde você estuda?

Vamos continuar esse exercício pensando em tudo o que está a nossa volta e quanto de trabalho há em cada coisa?! O que você gostaria de pensar agora?

Figura 8 Atividade: Espelho do futuro

Meu trabalho do futuro:



Fonte: Elaborado pela autora.

A próxima história foi relacionada com a história trabalhada anteriormente, pois busca por meio do conceito de trabalho em Karl Marx (1818) refletir sobre a desigualdade social a relacionando de que forma e como os sujeitos se relacionam na sociedade, sendo assim por meio do trabalho. Depois da leitura da história foi proposta uma atividade em que os alunos deram continuidade a ideia trazida na história do pensador: abrir a caixinha do pensamento para a compreensão da vida em sociedade e desenharam o que pensaram partindo das ideias propostas na história.

Quando o Papai Noel é o Karl Marx

Juquinha era um menino que adorava desafios,
 E não tinha calafrios quando se falava em desvendar algo,
 Pois sonhava alto.
 Via na vontade de conhecer o Papai Noel,
 Uma estratégia que lhe caiu do céu,
 Queria descobrir quando o velhinho chegava,
 E, principalmente, quando ele cairia em sua casa.
 A mãe de Juquinha um dia lhe perguntou:
 — Filho, por que você não escreve uma cartinha para Papai Noel?
 Juquinha não hesitou e logo pensou:
 — Vou à minha escrivania escrever,
 Algum presente que eu possa merecer.
 Juquinha então escreveu
*“Querido Papai Noel,
 Fui um bom menino este ano,
 E gostaria de algo especial para este Natal,
 Gostaria de lhe pedir um dinossauro,
 E quando olhar para a janela, estará um copo de leite com bolacha. O que você acha?
 Espero que você goste
 Porque meu outro sonho é encontrar você
 Para assim um abraço seu receber”*.
 Juquinha
 No dia seguinte, Juquinha logo acordou,

E para sua mãe perguntou:

— Será que minha cartinha a Papai Noel chegou?

Sua mãe lhe respondeu:

— Acredito que os ajudantes de Papai Noel a entregaram.

Bom, já que o dia seguinte do Natal estava a chegar,

Juquinha resolveu seu plano bolar.

Iria tentar pegar o Papai Noel, quando em seu leite e bolacha o encontrasse!

E assim pegaria o Papai Noel, logo que ele chegasse...

No dia de Natal, atrás do sofá esperou

Até que de relance algo estranho avistou...

Papai Noel de roupas vermelhas, mas o velhinho tinha barba preta!

Juquinha assustou o velhinho e disse:

— Quem é você?

E o velhinho respondeu: “sou aquele
que veio lhe fazer uma surpresa”!

Sou Karl Marx, disse o velhinho

Juquinha sorriu e disse: “Karl, quem”?

E pensou: “será que eu pisei no (Karl)canhar de alguém”?! Mas, não disse nada, pois achou inconveniente.

Bom, sou Karl Marx e vim da Alemanha

Nasci em 1818

O menino achou estranho,

Pois 1818 passou há muito tempo...

E quantos anos será que o velhinho tinha?

Mas, Karl Marx continuou e disse:

“você topa fazer uma viagem,

E o mundo da forma como vejo conhecer?

Não tenho trenó, mas tenho uma coisa só,

Uma frase mágica,

Que assim proferida a viagem será cumprida.”

Juquinha gostou do velhinho e aceitou o desafio

“Vamos viajar e seu mundo conhecer”.

Karl Marx disse então: “vamos e diga”:

“Troco o ter pelo ser”

Quando se deparou, estava ao lado de um menino

Que não tinha sapatos!

Os pés estavam queimando, pois fazia quase 40 graus!

Juquinha pensou “na minha cartinha pedi um dinossauro de presente ao Papai Noel enquanto que esse menino não tem nem sapatos”.

E perguntou a Karl Marx “Por que algumas pessoas têm grandes casas, carros e muitas roupas enquanto que outras não possuem coisas?”

Karl Marx respondeu “Sua pergunta é muito boa! Para isso, vamos pensar juntos. Quando pensamos na relação do homem com a natureza, vemos que o homem a transforma para conseguir produzir e sobreviver. Assim o homem tira da natureza tudo aquilo que procura obter a seu bel prazer.

Quando penso sobre a sociedade me vem algo a mente. Para o homem produzir precisa criar maneiras para evoluir. Pensa no trabalho como aquilo que lhe dá um atalho, para sua necessidade suprir o que acaba fazendo sua vontade de querer sempre mais crescer. A vontade de ter afasta o homem do ser.

O trabalho é um produto que quando trocado obtemos o salário. Mas, o valor do trabalho não é igual para todos. E assim, vivemos em uma sociedade sem igual sendo assim tão desigual.”

Juquinha passou a ver as coisas com os olhos de Marx. Começou a ver o trabalho em todas as coisas. No asfalto da rua, via pessoas trabalhando, na roupa que usava, o trabalho de fábricas - trabalho e mais trabalho por todos os lados. Juquinha estava gostando muito da conversa, pois o alemão abria a caixinha de seu pensamento para a imensidão.

“Pegue meus sapatos”, disse Juquinha.

O menino se alegrou, e um sorriso seguido de abraço Juquinha recebeu.

Karl Marx diz a Juquinha “Deixo você em sua casa com a frase mágica e a pergunta: Como podemos trocar o ter pelo ser?”

Depois que se despediram,

Juquinha correu para contar a sua mãe

A peripécia que havia passado,

E o que havia aprendido com o amigo alemão que nunca o deixava na mão.

Figura 9 Atividade: Caixinha do pensamento

ABRINDO A CAIXINHA DO PENSAMENTO

O que podemos pensar com a história?
Desenhe o que aprendeu com a história.



Fonte: Elaborado pela autora.

A próxima história busca trabalhar o conceito de poder para Foucault (2009) e como continua a oferecer exemplos de profissões na vida em sociedade, pensamos em ser uma sequência interessante, por dar continuidade ao pensar, mas agora tendo em vista como as relações sociais podem ser demarcadas por poderes onde uma relação exerce um tipo de poder sobre a outra. Depois da leitura da história, as crianças foram estimuladas a pensarem sobre outras profissões e quais são seus poderes dentro daquele campo em que performam. Para tanto, oferecemos a atividade *os superpoderes do dia-a-dia* e desenharam uma profissão de sua vontade e pensaram sobre os poderes exercidos pela mesma. Elaboramos uma brincadeira chamada de “poderes de Foucault” onde foram impressas imagens relacionadas a uma profissão², as imagens eram embaralhadas e distribuídas entre as crianças. A criança tinha o “poder” de pegar a carta do amigo se o mesmo tivesse a imagem que era desejada, caso a criança não tivesse a imagem, o jogo continuava e ganharia a criança que tivesse todas as imagens relacionadas a profissão primeiro.

Os superpoderes de Foucault

Bernardo havia terminado de ler seu gibi com a história do seu super-herói favorito e adorou, porque o seu superpoder era a força que assim venciam seus inimigos que tentavam destruir a sociedade.

Foi assim que Bernardo pensou: “Já sei! Irei brincar de super-heróis e superpoderes!”

Mas algo incrível aconteceu. Eis que a mãe de Bernardo entrou na sala com uma capa e começou a andar em volta dele dizendo: “Postura ereta, meu filho! Tire os cotovelos da mesa para comer! Coma de boca fechada! Escove os dentes depois das refeições!” E foi assim que, em 1 segundo, sua mãe lhe disse tudo o que precisava para ser uma pessoa bem-comportada e disciplinada ao longo de sua vida.

Enquanto que, em 1 segundo, Bernardo, com seu poder de raio laser, perguntou a sua mãe: “O almoço está pronto? Você sabe onde está meu brinquedo favorito? Meu uniforme está passado? Cadê minhas meias? Manhê!! Quero ver o papai depois da escola! Vamos, estou atrasado!”

² Vide anexo.

Quando Bernardo chegou à escola, sua professora estava com um escudo que, com um poder de luz, colocou todas as carteiras enfileiradas, os alunos sentados, os livros abertos na página certa para a lição do dia, além de que fez com que todos lessem um grande texto em apenas 1 segundo.

E em 1 segundo, no campo de força escolar, um aluno perguntou a professora: “Você corrigiu a prova?” O outro: “E a tarefa?” Um menino: “Iremos usar massinha hoje?” Outro disse querer ir ao banheiro. A mãe de um aluno acabava de chegar para conversar com a professora enquanto a diretora queria dar um recado.

O pai de Bernardo era médico, então depois da aula foi visitá-lo e, chegando lá, viu seu pai que, com o piscar dos olhos, fazia a grande fila de pessoas que esperavam para ser atendidas desaparecer, enviando pessoas para os quartos do hospital, outras para serem medicadas em suas casas, além de que organizava os medicamentos, lavava suas mãos, fazia cirurgia: a cada piscar uma missão se completava.

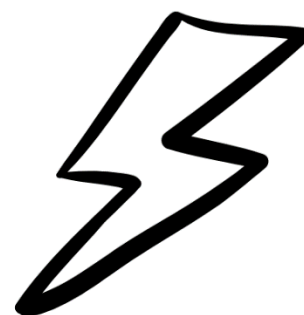
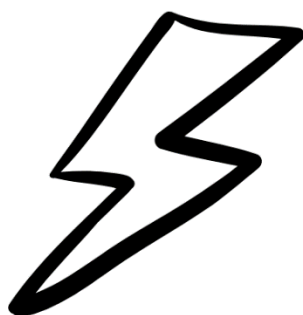
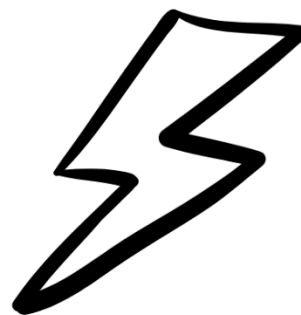
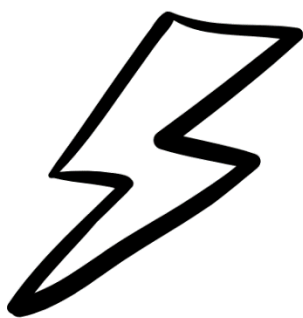
Enquanto que pessoas e mais pessoas chegavam ao hospital e com o poder da mente diziam o que sentiam, o que queriam sem nem ao menos dizer uma palavra.

Bernardo ficou impressionado, pois viu vários poderes acontecerem ao mesmo tempo em vários lugares, até que de repente sentiu algo o cutucando. Abriu os olhos e acordou de um sonho, em que estava brincando com seu irmão de superpoderes do dia-a-dia.

Figura 10 Atividade: Os superpoderes do dia-a-dia e jogo dos superpoderes

OS SUPERPODERES DO DIA-A-DIA

Desenhe um superherói de nossa sociedade e escreva seus superpoderes dentro dos raios.





Fonte: Elaborado pela autora.

Como colocado anteriormente, buscamos dar início as ciências sociais para crianças explicando questões das ciências e o que são, depois trazer os pensadores mais atuais para trabalhar as questões do dia-a-dia e trabalhar com aquilo que é do nosso tempo, para depois, revisitar os clássicos. Agora, iremos recorrer a Émile Durkheim (1995) e como o autor compreende a sociedade por meio do conceito de fato social (geral, exterior, coercitivo). Para desenvolver o pensamento de Durkheim (1995), pensamos em primeiramente fazer uma leitura da história com as crianças e, depois quando fizemos a leitura pela segunda vez, entregamos uma atividade para conforme a leitura foi sendo feita, as crianças desenhavam aquilo que estavam entendendo sobre a história, para juntos fazermos uma interpretação.

O fantástico mundo de Durkheim

Olá amiguinho/a! Tudo bem? Você gosta de usar a imaginação? Eu gosto muito, por isso desafio você a começar a jornada da imaginação. Vamos lá!!! Não estamos mais dentro de um livro: estamos dentro de um carrinho de uma montanha russa. Acabamos de entrar juntos no carrinho e o instrutor acabou de baixar a barra de segurança para nos proteger. Já sabemos que o carrinho sairá a 120km por hora. Tão rápido que parece que nossa pele vai descolar do rosto. Mãos para cima! E vamos lá!

Ah, esqueci de comentar que essa montanha russa é bem diferente porque, como usamos a imaginação, tudo pode acontecer a qualquer momento.

Bom, primeiro nessa jornada veremos o rosto de um daqueles que explicou a sociedade em que vivemos: Émile Durkheim. Ele era francês e é considerado o pai da Sociologia. Você sabe o que é Sociologia? É a ciência que estuda a sociedade.

O que nós seríamos se não fosse a sociedade? Posso até imaginar minha vida numa ilha deserta, sozinho, só eu e a natureza, o som do mar, o barulho dos animais. Mas, se tivesse ficado em uma ilha deserta, sozinho desde criança, será que teria me tornado quem sou? Émile Durkheim estuda a forma como as pessoas vivem em sociedade, pois existem muitas coisas que parecem naturais, mas não são. A sociedade nos ensina como devemos agir, como, por exemplo, usar as roupas que usamos. Por que às vezes vemos na rua pessoas indo trabalhar com terno e gravata debaixo do sol quente? Porque o trabalho deles exige que coloquem aquela roupa mesmo que esteja muito calor, para mostrar que são

sérios, elegantes, bem-sucedidos e isso significa que a sociedade muitas vezes diz como devemos agir, pensar, sentir...

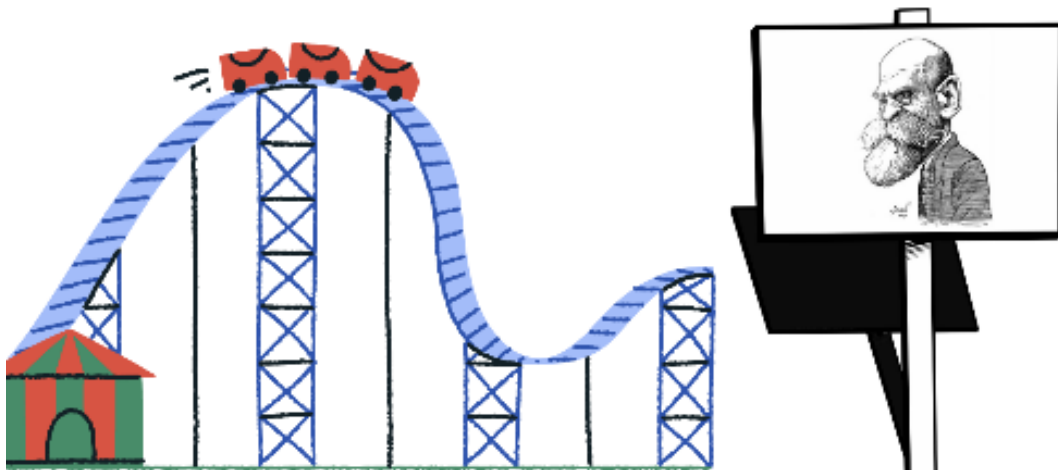
Durkheim diz que para todas as nossas ações existem três coisas que se repetem. 1,2,3. 1) Minha ação é exterior. Eu faço porque vejo como os outros fazem. Não nasci sabendo contar, falar. Observei com outros e aprendi. 2) Minha ação se repete no outro, então ela é geral. Eu aprendi a contar, falar e meus amigos também. Não sou só eu que aprendo, todos a minha volta também. 3) Minha ação é coercitiva. Eu hein?! O que é isso? Significa que se eu não aprender a falar, não conseguirei me relacionar, brincar com meus amigos. É como quando minha mãe me manda fazer algo e se eu não a obedecer ficará brava comigo. Se não obedecer às regras da sociedade não farei parte dela. Se não souber me comportar dentro do carro da montanha russa, não poderei participar do trajeto.

Na montanha russa de Durkheim ficamos agora de cabeça para baixo e olhe só! Que maluquice! Cada pessoa se vê de uma forma diferente. Eu me vejo andando com as mãos, pegando um cachorro quente com os pés e cumprimento as pessoas com as pontas dos dedos dos pés. Todos olham para mim e riem. Estou com muita vergonha. Ainda bem que o carrinho está virando e tudo volta à normalidade para o meu sossego.

O trajeto vai chegando ao fim e percebo que, no fantástico mundo de Durkheim, sou como sou porque aprendo o tempo todo com a família, a escola, a igreja... Todos os lugares que frequento ficam em mim um pouco e vão formando aquele que sou.

Figura 11 Atividade: O fantástico mundo de Durkheim

O fantástico mundo de Durkheim.



Fonte: Elaborado pela autora.

Enquanto Émile Durkheim (1995) faz uma leitura sobre a vida em sociedade desenvolvendo o conceito de fato social. Max Weber (2008) interpreta a vida em sociedade pelo conceito de ação social. A história desenvolvida *Os ciclistas de Weber* buscam trabalhar com os tipos de ações afetiva, tradicional, com relação a valores e com relações afins. A história é construída para a compreensão de que as ações sociais balizam as ações humanas, ou seja, cada sujeito age conforme tipos de ações diferentes. A história não traz a denominação para cada tipo de ação, mas busca trabalhar os quatro tipos. Depois da leitura da história, a atividade foi entregue as crianças para que desenhassem o ganhador e eram estimulados a explicar o porquê aquela pessoa ganhou pensando sobre as razões de cada um.

Os ciclistas de Weber

O domingo havia chegado e a competição de ciclismo estava para começar. Os participantes estavam em seus devidos lugares e faltavam 10 minutos para darem a largada. Enquanto os competidores esperavam, assim como o público, os olhares de quatro competidores se comunicaram como se um estivesse torcendo pelo outro. Até que Amanda começou a conversa:

— Boa sorte a todos nós! Estou muito contente de estar aqui!

Os três competidores responderam:

— Boa sorte!

Amanda continuou:

— Estou participando dessa competição porque amo pedalar. Todas as vezes que estou pedalando sinto como se meu pai estivesse comigo. E vocês?

A pergunta de Amanda fez com que todos pensassem sobre o real motivo de estarem ali, e foi então que começaram a refletir sobre aquilo.

— Olá! Meu nome é Úrsula e desejo que tenhamos sorte também. Prazer em conhecê-los! Eu estou participando da competição de ciclismo porque na minha família é uma tradição que passou de geração para geração. Começou com minha bisavó. Minha bicicleta veio dela, passou para minha mãe que fez nela uma reforma e quando foi dada a mim passou por outra reforma. Como vocês podem observar, minha bicicleta é de corrida, mas tem um ar retrô por ser mais antiga.

Todos já haviam notado mesmo, pois a bicicleta de Úrsula marcava presença. Era muito bonita, pois unia o moderno ao antigo em um azul que se destacava entre as outras bicicletas.

João continuou:

— Olá! Meu nome é João! Desejo boa sorte a todos também! Eu estou aqui por outro motivo. Na minha infância, eu sempre gostei muito de comer e acabei tendo problemas de obesidade. Então, comecei a fazer ciclismo para emagrecer. Para mim, mais do que ganhar a competição, o importante é me manter saudável.

Foi então que Jaime brincou:

— Eu desejo boa sorte a todos, mas quem irá ganhar serei eu!!!

Todos deram risada, pois Jaime se mostrara muito espirituoso.

— Estão observando esse “corpinho sarado” aqui? Estou aqui para mantê-lo. Sou modelo. Foi assim que um competidor começou a pensar nas razões do outro. Será que havia um motivo melhor que o outro? Quem deveria ser o campeão? Amanda, Úrsula, João ou Jaime?

O fim desta história é você, amiguinho, quem irá dizer. Quem ganhou para você?

Figura 12 Atividade: Os ciclistas de Weber

Os ciclistas de Weber

**Quem ganhou a competição?
Amanda, Úrsula, João ou Jaime?
Desenhe o ganhador e explique.**



Fonte: Elaborado pela autora.

A última história desenvolvida para o trabalho de campo será *Anne Frank e o canário* e busca trazer à filosofia e o pensar filosófico. Dessa maneira, depois da leitura da história, realizamos uma roda filosófica sobre o tema liberdade.

Anne Frank e o canário

Olá! Meu nome é Ana e tenho 9 anos. Minhas férias chegaram e meus pais disseram que se programaram por muito tempo para viajarmos e visitarmos alguns lugares da Europa, como a França, Inglaterra e Holanda. Fui para a Holanda na semana passada em um lugar chamado Amsterdam. Estava muito frio e foi a primeira vez que vi a neve. Adorei! Parece que a nuvem que fica no céu cai e agora quem tem nuvem é o chão, pois fica tudo tão branquinho. Eu pensava que teria que andar enrolada em todos os cobertores da minha casa de tão frio que seria, mas é interessante: no momento antes da neve chegar fica muito frio, mas quando a neve está caindo, o frio diminui.

Foi em uma quarta-feira que acordei bem cedinho e meus pais disseram para irmos logo porque iríamos visitar a casa de Anne Frank. Fiquei meio confusa porque geralmente visito a casa de quem eu conheço, mas não conhecia a Anne Frank; só pensava que se parecia com Ana, meu nome. Será que ela tinha sido uma menina legal? Porque minha mãe já havia me dito que ela era uma menina e que havia morrido em 1945. A casa dela havia se tornado um museu que as pessoas podiam visitar. Se a minha casa virasse um museu a melhor atração seria meu cachorro, porque ele é muito engraçado. É só olhar para ele que deita em cima do nosso pé para fazer carinho de tão manhoso que é.

Quando chegamos à casa de Anne Frank, vimos um escritório e havia ali um armário com muitas pastas organizadoras de documentos. Mas, quando se afastava o armário, havia uma pequena escada que levava a vários cômodos que ficavam na parte de cima da casa. Vi o quarto dos pais da Anne, Otto e Edith, onde dormia também a irmã de Anne, Margot. O outro quarto era o de Anne que dividia com Fritz Pfeffer. Vi também o quarto de Peter e minha mãe me disse que Anne era apaixonada por ele.

Não entendia muito bem porque o armário do escritório parecia esconder a escada que levava para a parte de cima da casa. Foi aí que minha mãe me explicou: a família de Anne Frank e outros moradores, como a família de Peter e Fritz, tiveram que se esconder. Não podiam ir ao cinema, não podiam sair nas ruas para andar de bicicleta. Tiveram que ficar escondidos e assim ficaram por dois anos. Não consigo imaginar minha vida só dentro de

casa, sem sair. Minha mãe disse que isso acontecia porque eram judeus e naquela época ser judeu, além de outras coisas, também significava perder a liberdade.

Acho que entendo, porque uma vez ganhei um canário da minha tia que veio dentro de uma gaiola. Dei o nome de Romeu, ele era lindo e cantava muito, mas eu sempre via os outros pássaros passando e olhando para ele que estava preso. Até que um dia, veio um vento, derrubou a gaiola e Romeu escapou. Todos disseram que agora ele estava livre para ir onde quisesse. Mas uma vez aprendi na escola que quando um animal é preso dentro de uma gaiola e fica lá por muito tempo, depois não sabe mais viver livre, não sabe caçar sua própria comida e a se virar na natureza. Será que a liberdade depois de tirada de alguém não volta mais para ela?

Queria que Anne Frank tivesse sido um canário sem nunca ter sido presa dentro de casa. Queria que ela tivesse voado com sua família, seus amigos e todos ao seu redor para onde bem entendesse.

3. CIÊNCIAS SOCIAIS NAS RODAS FILOSÓFICAS

3.1 Encontro com a Instituição – Onde essa história começa?

O primeiro passo para o início desta pesquisa foi apresentar a pesquisa-ação para a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Lazer (SECEL) de Jaboticabal, que nos recebeu e deu toda atenção para escutar nossa exposição sobre os fundamentos e os objetivos da pesquisa. Em nossa primeira reunião, após apresentar os pontos principais da pesquisa, partiu das dirigentes a sugestão de realizarmos o trabalho em uma escola que recebe alunos de todo município no contraturno para que pudessemos atingir crianças com diferentes faixas etárias e de diferentes bairros da cidade. A escola escolhida foi Dr. Jose Abdo Chueire no município de Jaboticabal. Em um segundo momento, realizamos um encontro com a direção da escola e foi assim que definimos realizar a pesquisa com dois grupos de oito crianças, um grupo no período matutino reunindo crianças de 6 a 11 anos e outro grupo de oito crianças no período vespertino com crianças de 7 a 10 anos.

Disponibilizamos para os responsáveis das crianças um termo de consentimento livre para que as crianças pudessem participar da pesquisa com o consentimento dos responsáveis assim como autorização para que pudessemos gravar nossas conversas. As crianças também nos permitiram a gravação e autorizaram a participação da pesquisa por gravação. Gostaríamos de salientar que as identidades das crianças neste trabalho serão preservadas. Foi definido que teríamos de 13 a 15 encontros que seriam divididos semanalmente e teriam duração de 1 hora. Foi também definido que apresentaríamos uma história por encontro com atividade proposta como consta na segunda seção. Traçamos esse caminho partindo das ciências sociais nas experiências filosóficas. As experiências aqui descritas estão definidas de acordo com o cronograma de como as histórias foram sendo lidas. Temos as falas das crianças do grupo matutino e do grupo vespertino para cada história lida, pensamos em realizar dessa maneira para conseguir levantar os pontos principais trabalhados dentro de cada problematização. As falas das crianças foram mantidas na íntegra, mas foi realizado a correção da conjugação dos verbos em algumas falas.

3.2 Primeiro encontro: Eu me encontro no outro ou o outro se encontra em mim?

Fizemos um círculo com as mesas e cadeiras e inicialmente me apresentei as crianças explicando como a pesquisa aconteceria e se gostariam de participar desse trabalho comigo. Autorizaram a gravação para que pudesse me lembrar de todas as falas durante o processo completo da pesquisa. Depois da autorização das crianças comecei perguntando se conheciam as ciências sociais e expliquei a eles cada uma das áreas do conhecimento, a antropologia, a sociologia e a ciência política. Disse a eles que iríamos conhecer pensadores dessas ciências e que ora estaríamos em uma área, ora em outra. Disse a eles que começaríamos nossa jornada nos conhecendo melhor e para isso iríamos estudar sobre a identidade, foi assim que apresentei o quebra-cabeças: Quem sou eu? Levei o meu quebra-cabeças pronto e preenchido e pedi para que fizessem os deles, pois depois iríamos compartilhar nossas ideias. Durante o processo, fomos adaptando, pois havia crianças que preferiam escrever suas opiniões e ideias e outras que preferiam desenhar.

Depois de pronto, cada criança apresentou individualmente suas ideias e fomos compartilhando as falas. Começamos pelo nome, depois as idades – entre 6 e 11 anos. Na profissão, os orientei que poderiam colocar a profissão atual (são todos estudantes) ou o que queriam ser no futuro e foi assim que disseram: “advogado, jogador de futebol, professora, veterinária de animais de porte grande e pequeno, policial, ginasta, professor de inglês e matemática, delegado”. Em relação a profissão, as crianças ficaram curiosas e me perguntaram o que precisariam fazer para se tornarem aquilo que desejavam, como por exemplo, o que precisaria fazer para se tornar um delegado. Dessa forma, conforme a profissão foi sendo trazida pela criança fui explicando o percurso educativo para se chegar a cada profissão.

No país, colocaram Brasil e na cidade, todos colocaram Jaboticabal. No bairro, colocaram Barreiro, São Sebastião, Bairro X, Jardim das Rosas, Morada do Campo, Santo Antônio, Aparecida, e uma das crianças desenhou a frente do portão da casa, pois não se lembrava do nome. No endereço, algumas crianças desenharam suas casas, outras escreveram, outra colocou o número do celular da mãe que se lembrava. Na continuação da frase Eu gosto de...algumas crianças disseram torrada com nutela, chocolate, melância, nutela com chocolate, doces, chocolate e macarrão, morango com chocolate e melão outras disseram jogar futebol, jogar vôlei, Corinthians e uma criança completou Eu gosto

de Deus. Completando a frase eu não gosto de... disseram: chuchu, caqui, torresmo. Três crianças colocaram eu não gosto do Palmeiras. Completaram também, “eu não gosto de faltar às aulas, ser picada pela dengue, ficar de castigo, que mexem nas minhas coisas” e duas crianças colocaram nomes de outras crianças que eram colegas de sala. Nesse momento, perguntei se não gostavam das crianças ou da atitude que tinham em relação a elas e assim as crianças me explicaram o que os colegas faziam que as deixavam bravas e as faziam não gostar delas. Complementando a frase sou, responderam: “inteligente, legal, bonita corinthiano, uma menina, um menino, de Jesus, de Deus e Jesus, criança”. Não sou...completaram, “clubista, chata, menina, feia, rápida, burro, chato, um animal”. Nas frases, pedi para que escrevessem frases que gostam ou acham importante, colocaram; “Vai Corinthians”, “Vai Mengão”, “Sou linda para sempre”, “Eu gosto de Corinthians”, “Vou nada”, “Bambolê”, “Eu sou legal”, “Você é inteligente”, “Te amo!”, “Eu amo minha mãe” e uma criança escreveu em uma frase o nome de outra criança que estava ali presente dizendo que o amigo era fofo.

Ao dar continuidade a frase sou diferente de...escreveram, “todo mundo, pessoas, dela, outros, todos, meu tio, meu tio e do meu irmão”. Continuando a frase sou parecido com colocaram, “meu pai, minha mãe, minha irmã, irmão”. Não quero ser... escreveram “médico, mau, chata, palmeirense, corinthiana, outra pessoa, igual aos outros, mal-educado, convidado para umbanda”. Assim que a criança disse não querer ser convidado para a umbanda, outras crianças me perguntaram o que era umbanda e expliquei ser uma religião e nesse momento uma criança disse que tinha perdido a amizade com um amigo no dia anterior por pertencer à umbanda. Perguntei a eles se poderíamos gostar de alguém mesmo que não tivéssemos a mesma religião? Eles responderam que sim e uma criança disse... “Não importa a cor, não importa o jeito da pessoa, não importa o que ela é, não importa a religião. Eu posso ter amizade mesmo que a opinião seja diferente” (H., 10 anos). Uma outra criança disse... “Deus deu uma vida para cada e uma personalidade para cada” (D., 9 anos).

Perguntei a eles: e se fôssemos todos iguais? O que aconteceria? Uma criança respondeu que “teríamos que colocar o nome na testa para sabermos quem é quem”. Depois disso, as crianças foram falando sobre como gostam de ser únicas e diferentes.

Por último para a frase quero ser... disseram “professor, bonito, educado, eu mesma, caminhoneiro, pintor, magra, jogador de futebol e corinthiano para sempre, professora, flamenguista, estudante de faculdade, lindo, estudiosa”.

Na apresentação da atividade mostraram muito interesse e várias crianças queriam começar, então fomos brincando de pedra, papel e tesoura para decidirmos quem iria começar. Em um momento em que estavam apresentando os quebra-cabeças, uma das crianças tinha o nome que se escrevia com a pronúncia americana e o pronunciei dessa forma, foi então que me corrigiram e disseram para pronunciar da forma correta. Eu disse ser professora de inglês por isso errei a pronúncia do nome dela. Me perguntaram como seria o nome deles em inglês e aqui pude explicar que nosso nome carrega nossa identidade que se fosse para os Estados Unidos teria o mesmo nome que tenho, não mudaria, pois faz parte de minha identidade e de quem eu sou.

Perguntei o que podemos aprender com o quebra-cabeças quem sou eu? “Somos diferentes, mas temos coisas iguais” (H., anos). “Aprendemos a montar” (MC., 6 anos). “compartilhar nossas vidas, falar o que a gente gosta” (A., 10 anos). “Aprendi que a vida é divertida” (D., 11 anos). “Eu aprendi tudo da minha vida” (A., 7 anos). “Eu aprendi que quando eu crescer posso ser tudo que eu quiser” (MC., 6 anos).

Pedi para que as crianças recortassem o quebra-cabeças, peguei uma ampolheta e disse que iríamos brincar de montar o quebra-cabeças durante o tempo. Dessa forma, fomos retomando as respostas e as comparando. Perguntei a eles, se quando pensamos na profissão podemos ser para além dela? Sou professora, mas posso ser outra coisa? Uma criança disse que sim. Disse que podemos ser “bondosos” e a outra criança respondeu que “para ser bondoso era preciso dinheiro, pois para ajudar as pessoas do Sul do país que havia enfrentado enchentes, era necessário dinheiro” (B, 8 anos). Perguntei se poderíamos ajudar outras pessoas mesmo sem precisarmos de dinheiro? “com roupas que não usamos” (N., 10 anos). E assim foram colocando que “podemos ajudar com sapatos que não usamos mais”, “podemos ajudar mandando água” (A., 10 anos).

Retomamos o quebra-cabeças e fui apresentar o meu, quando cheguei na frase que gosto disse a eles “Só sei que nada sei” ser de Sócrates e perguntei o que podemos pensar sobre essa frase. Foi então que uma criança disse “Eu acho que é que eu sei uma coisa e a outra eu não sei”. (N.,10 anos). Outra criança comentou “Então ele fala que não sabe nada porque ele fala só sei que nada sei”. (A., 10 anos). Perguntei então se Sócrates assumi

a postura de que precisa aprender? “Sim e não porque como a frase como ele disse que sei e não sei, então a parte que sei é a parte que ele sabe e não precisa estudar, mas a parte que ele não sabe ele precisa estudar” (N., 10 anos). Outros comentários que também apareceram sobre a frase de Sócrates foram: “Vai sabê!” (D., 9 anos). “Eu sei que eu não sei de nada” (A. 7 anos). “Eu sei que eu fiz alguma coisa?” (D. 9 anos).

Continuando com a apresentação do meu quebra-cabeças, em minhas frases sou diferente de...e sou parecido com... completei crianças, pois disse ser diferente e parecida ao mesmo tempo com crianças. Perguntei podemos ser parecidos e diferentes ao mesmo tempo? “Sim, você pode ser adulta, mas você pode ser parecida com uma criança” (A., 10 anos). “Ou você pode ser uma adulta e se comportar, ou brincar ou fazer como uma criança” (N.,10 anos). “Agora você cresceu e não dá pra ser criança mais”. (M., 6 anos).

3.3 Segundo encontro: “Eu de outra pessoa”

Demos início à história o inverso de mim e quando chegamos a indagação qual seria o inverso de mim? As respostas foram... “Seria eu em outro mundo”. (D., 11 anos). “Eu de outra pessoa” (MC., 6 anos) “Eu de ponta cabeça?” (D., 9 anos). “Eu invertendo o corpo com outra pessoa?” (D., 9 anos).

Fomos lendo a história e as problematizações foram marcadas ao longo da leitura. Perguntei: “se estivéssemos nascidos em outro lugar seríamos nós mesmos?” Uma criança respondeu “a gente seria a gente mesmo só que com um tipo de língua diferente” (N.,10 anos). Outra criança disse que não, pois “iria mudar as comidas que comemos também” (A., 10 anos). Logo uma criança exemplificou “se eu sei falar em inglês, mas vou para Jaboticabal e vejo as pessoas falando português e daí elas vão aprendendo a falar português” (N., 10 anos). Nesse momento eles me perguntaram como eu havia aprendido inglês e disse que havia estudado por muitos anos e os contei minha trajetória com o idioma. Continuamos a história e finalizamos com a pergunta O que você gosta em você e acha interessante no outro? As crianças disseram: “O que eu gosto em mim é que não gosto de ficar parado, gosto de brincar na rua, jogar bola, soltar pipa e o que gosto dos outros é meus amigos da rua, tipo brincar com os outros, às vezes perguntamos pra nossas mães se tem 2 reais para juntarmos nosso dinheiro e vamos lá comprar guaraná, bolacha, salgadinho” (A., 10 anos).

“Eu gosto de mim. Eu assim em casa eu sou uma criança, tem vez que me comporto como uma adolescente e tem vez que me comporto como uma criança porque tenho uma irmã de 3 anos e quando eu tô sem fazer nada eu me enturmo com ela e viro criança. O que eu gosto nos outros é a bondade deles porque nesse mundo não se pode confiar mais em ninguém e a bondade de pessoas e de quem eu estou me relacionando, por exemplo eu estou brincando com X, mas não conheço o pai dele, o irmão dele, mas tem vez que eu conheço o pai, a mãe, a cor que ela mais gosta e é isso”. (N., 10 anos).

“Eu gosto do meu cabelo e dos outros eu gosto da bondade e ser amigo deles” (B., 8 anos). “Eu gosto do meu cabelo e a obediência das pessoas” (M., 9 anos). “Eu gosto da minha perna e gosto dos olhos dela” (D., 11 anos). “Eu gosto da minha aparência e eu gosto do seu cabelo” (D., 9 anos). “Eu gosto do meu cabelo, dos seus olhos e da sua pele” (MC., 6 anos). “Eu gosto do meu cabelo e da sua pele”. (A., 7 anos).

Figura 13 Desenho Quem sou eu? (E., 11 anos)



Fonte: Desenho realizado por E.

Figura 14 Desenho Quem é o outro? Está escrito dentro da lupa “Eu não sei o que o outro pensa”. (E., 11 anos)



Fonte: Desenho realizado por E.

Figura 15 Desenho Quem sou eu? (A., 7 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

Figura 16 Desenho Quem é o outro? (A., 7 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

Figura 17 Desenho Quem sou eu? (A., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

Figura 18 Desenho Quem é o outro? (A., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

3.4 Terceiro encontro: Os trens e os vagões

Levei a imagem de trens impressas e fui explicando a analogia de Lévi-Strauss dizendo que os trens são as diferentes culturas e vão em direções diferentes. Perguntei a eles qual cultura teriam interesse em conhecer e disseram (E.U.A., Japão, França, Brasil, Coréia). “O trem do Brasil eu não conheço” (M., anos). Logo fizemos a leitura da história e a analogia foi ficando mais clara para as crianças. Assim que terminamos a leitura, entreguei as crianças uma caixa com perguntas dentro e brincamos de batata quente. Assim que a caixa parasse em alguma criança, essa pegaria uma pergunta e responderia. Aqui estão as perguntas e as respostas das crianças:

O que nos diferencia uns dos outros? “Eu sou mais rápido, e ele é mais lerdo” (D., 8 anos). “Até gêmeos são diferentes, ninguém é igual a ninguém” (B., 8 anos).

Perguntei a todos no que somos diferentes e disseram:

“Aparência, cabelo, jeito, a voz, a cor da pele, a cor dos olhos, a sobrancelha, a barriga, as roupas, a velocidade, a diferença de meninos e meninas, os calçados, a bolsa – objetos que temos, pessoa que usa brinco e pessoa que não usa” (responderam em conjunto).

Para a pergunta em que somos iguais? As respostas foram: “Humanos” (D., 8 anos). “Crianças, adultos, adolescentes” (N., 10 anos). “Eu aprendi na escola que somos animais” (M., 9 anos). “Cabelo. Ela tem cabelo curto, eu tenho cabelo longo, mas é cabelo. O corpo humano” (N., 10 anos). “A língua porque somos brasileiros. Onde nós vivemos” (A., 10 anos). “O planeta” (D., 8 anos). “As águas” (D., 8 anos). E perguntei poderia explicar melhor? E a criança respondeu: “Tem um montão de água por dentro”. E continuou explicando... “as gramas, as árvores, as flores”. Perguntei se estava querendo dizer que temos a natureza a nosso dispor e ele disse que sim.

Na pergunta como é o Brasil? Responderam: “Muito legal” (D., 8 anos). “É um pouco divertido, porque tem alguns seres humanos que não sabem o que fazer da vida, e bota fogo na mata. Fazem coisas erradas” (N., 10 anos). “Maltrata crianças” (B., 8 anos). “Verde e Amarelo” (D., 9 anos). “O Brasil é bom, mas tem muitas coisas que não são boas” (N., 10 anos).

Disse então para pensarmos o que tem de bom e o que tem de ruim, foram então construindo juntos: “os animais, aniversário, água, as pessoas, arroz e feijão, as famílias, floresta, natureza, os amigos, a escola, chocolate, supermercado, cinema, comida, a festa

do quitute (festa tradicional no município de Jaboticabal)” (Respostas das crianças em conjunto). Depois disse para comentarmos sobre o que não gostamos no Brasil; “povo colocar fogo na mata, roubarem crianças, matarem crianças, homem do saco, roubarem carro, moto”.

Havia na caixa a pergunta qual animal é sagrado na Índia? E uma criança respondeu: “Eu sei. A vaca” (B., 8 anos). Perguntei onde eles haviam aprendido isso? E disseram que na história que vimos.

Para a pergunta quais são alguns costumes indígenas? Foram respondendo juntos: “caçar, arco e flecha, pescar, tomar banho no rio, tirolesa, fazer fogueira, esquentar comida na fogueira, danças, rituais, eles fazem instrumentos, as roupas, a casa é diferente, eles moram na oca”. Foi dito também: “Eu vi num vídeo do *tiktok* que tinha uns índios mais ricos que a gente. Eles tinham até um iphone 14, 15” (L., 9 anos). “A cor da pele é diferente da nossa. Os olhos são diferentes. A voz é diferente” (A., 7 anos).

Para a pergunta o que é cultura? Responderam “Eu sei. Cultura são trens diferentes. Brasil, e os países. As comidas” (N., 10 anos). “São trens diferentes, tipo cada trem, quer dizer, cada país tem um trem, tipo o do Brasil é um, o do Japão é outro, o da Coréia é outro, e o dos E.U.A. é outro. Cada um tem o seu trem” (K., anos). “As nossas diferenças, porque em São Paulo temos um jeito, em Minas Gerais outro” (H., 10 anos). Quando a criança fez essa colocação conversamos sobre que mesmo dentro de um país temos culturas regionais diferentes. “As coisas típicas de um lugar” (D., 11 anos).

Para a pergunta quais são alguns costumes da cultura América? “A língua deles que é diferente da nossa, as comidas, os estilos de roupa, a casa” (N., 10 anos). “Tem alguns objetos lá que são diferentes, nós nem sabemos” (A., 10 anos). “O dinheiro, o dólar” (M., 9 anos). “Brincar na neve” (A., 7 anos).

Na pergunta quais coisas uma cultura pode aprender com outra? “A linguagem” (A., 10 anos). “A cultura, os vagões” (C., 9 anos). “Eles podem aprender o nosso jeito de pensar, nossa vestimenta, nossa comida” (H., 10 anos).

Para a atividade o trem do Brasil. A criança fez dentro das janelas, nas rodas elementos brasileiros, como por exemplo, a bandeira do Brasil na janela, o supermercado da cidade, desenho que representasse o brincar, a escola (L., 9 anos).

Figura 19 Atividade os trens de Lévi-Strauss



Fonte: Desenho realizado por L.

A criança desenhou a bandeira do Brasil, arroz e feijão, bola de futebol, natureza e indígena (E., 11 anos).

Figura 20 Atividade os trens de Lévi-Strauss



Fonte: Desenho elaborado por E.

3.5 Quarto encontro: Quem é café com leite?

Comecei a atividade com uma criança que quis fazer parte dos encontros e pedindo a ela que autorizasse nossas gravações. Expliquei rapidamente tudo o que havíamos estudado e refletido até aquele momento e disse que iria contar a história *A chuva de bolos*. Levei as ilustrações realizadas por Lucilene Ribeiro de Oliveira e expliquei que era minha mãe. As crianças se interessaram muito e senti que tornou tudo mais próximo, pois conheciam a mim e agora haviam demonstrado interesse em conhecer a ilustradora de algumas histórias. Me pediram para conhecê-la e disse que iria pedir a permissão da escola e em nosso último encontro poderia convidá-la.

Expliquei para as crianças que a história que iríamos ver estava relacionada à sociologia e que esta é uma ciência que estuda a sociedade. Perguntei a eles o que era sociedade e eles disseram que era ansiedade. Disse a eles que as palavras se pareciam, mas a ansiedade era um sentimento. Comecei exemplificando que a formiga vive em sociedade, assim como a abelha, ou seja, esses insetos não vivem isolados cada um no seu canto, vivem em comunidade, assim como em nossa sociedade. Nesse caso, a sociologia é o estudo da sociedade. Expliquei que a história que iríamos ver nesse encontro pertencia a sociologia.

Comecei a contar a história e ficaram impressionados com a ilustração e muito curiosos em saber como a ilustradora havia feito os desenhos, quais materiais havia usado e fui esclarecendo as dúvidas.

Quando terminei de contar a história, expliquei que quando fazemos sociologia é como se fôssemos detetives, pois quando pensamos sobre um bolo é comum pensarmos em um bolo de aniversário, mas a sociologia nos ajuda a olharmos para algo e pensarmos em várias coisas ao mesmo tempo. Perguntei a eles se gostariam de brincar de detetive e disseram que sim. Então, retomei tudo o que a história nos fez pensar sobre o bolo, e agora iríamos usar a imaginação sociológica e iríamos pensar sobre vários significados para uma mesma palavra e no caso, iríamos agora pensar sobre o café e sobre o livro.

Sobre o café, as crianças falaram e ou escreveram: “Cafeteria, quando alguém é café com leite em uma brincadeira, café quente, café com bolacha, café da manhã, café da tarde, bala de café” (L., 9 anos). “Coffee break, derrubar café, o café caiu no livro” (H., 10 anos). “Eu fui cortar o cabelo e o cabelereiro falou para minha mãe se ela queria tomar um café” (A., 10 anos). “Tomar café em um casamento pela manhã, picnic, comprar

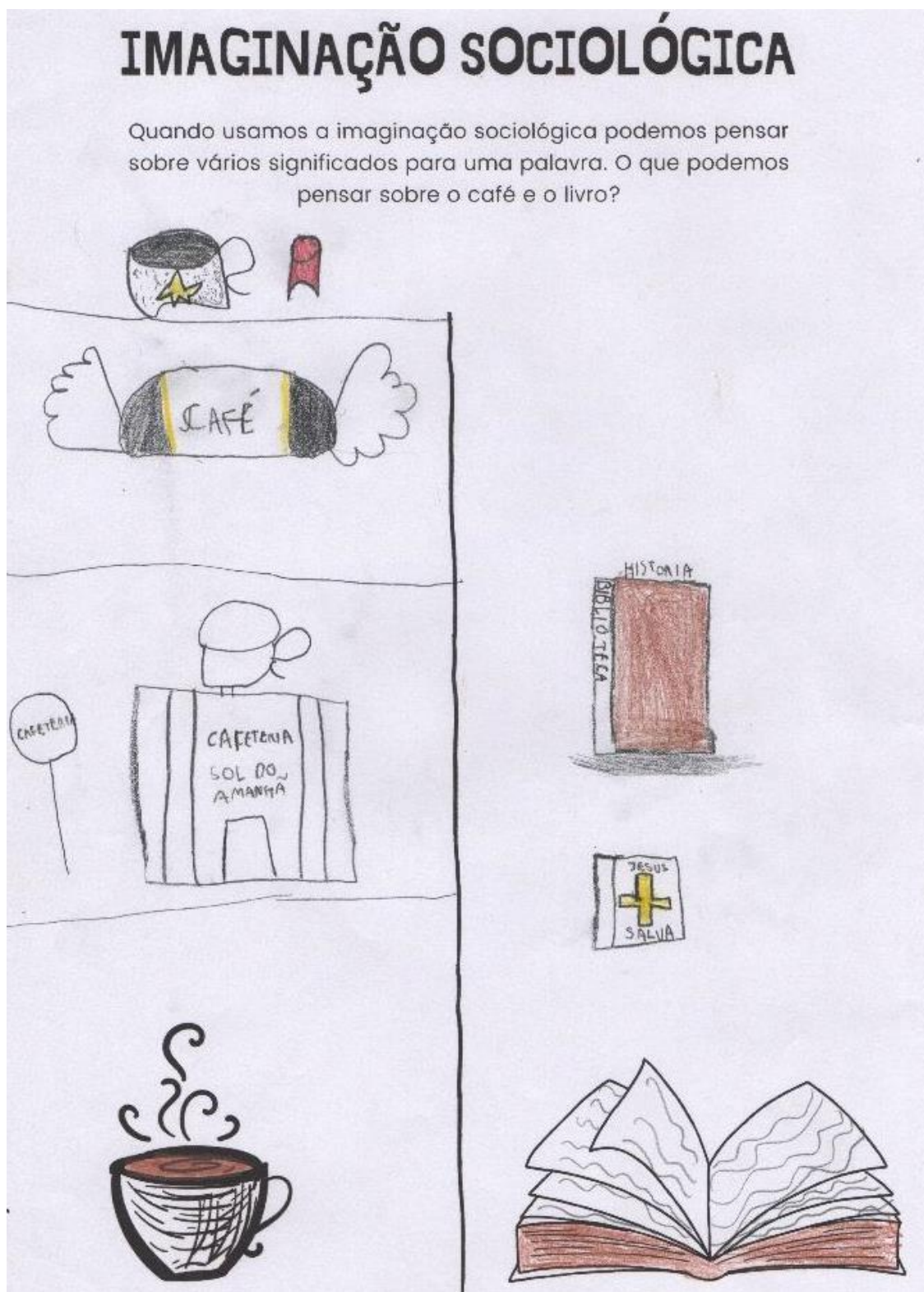
café, tomar café todo dia, tomar café na casa da vó, café da escola, um convite: Quer tomar café? guardar café, esquentar o café, congelar o café, pingado que é leite com café”

(Respostas em grupo).

Para o livro tivemos as seguintes colocações:

Livraria, livro de matemática, português, ciências, geografia, história, inglês, manual de professor, revista, caderno, jornal, livro da cinderela, gibi, livro de adesivos, livro de plástico para bebês, livros em 3D, biblioteca, sala de livro, bíblia, células de igreja, dicionário, receitas, bula de remédio, partituras, manual de instrução, álbum de figurinhas, estudar, escrever, ler, aprender
(Respostas dos grupos).

Figura 21 Atividade sobre a Imaginação sociológica (De., 11 anos)



Fonte: Atividade elaborada por De.

3.6 Quinto encontro: Por que não nascemos de 10 meses?

Antes de iniciar a história levei um caleidoscópio para as crianças pegarem e olharem por ele, expliquei como era feito e depois dei início a história. Para ilustrar a história de forma lúdica peguei algumas imagens que representassem algumas partes da história na *internet* e fiz a impressão, as coloquei em um palito de sorvete para ir contando a história e ilustrando o que estava acontecendo. Depois de contar a história, fomos para a brincadeira do caleidoscópio e cada criança girava o clip sobre a folha para ver qual ciência ia cair para pegar uma pergunta dentro do envelope referente aquela ciência e responder.

Para a ciência política saíram as perguntas: O que é monarquia? “É quando tem um rei e uma rainha” (A., 10 anos). Complementei dizendo a eles que é o governo de um, no caso o rei governa e perguntei quais países podemos dar de exemplos para a monarquia. E disseram: A Inglaterra. “O país onde só uma pessoa comanda” (H., 10 anos). Para a pergunta o que é democracia? Responderam: “Democracia é votação” (B., 8 anos). Complementei dizendo que a democracia é quando o governo é eleito pelo povo. Nesse momento falamos sobre os três poderes: o legislativo, judiciário e executivo e o que cada um deles representa. Na pergunta O que é poder? Disseram: “Poder de comandar o país, poder de decidir, como o Bolsonaro não deu a vacina” (D., 11 anos). “Poder para mim são três coisas, tipo todo mundo tá aqui aí eu falo vai pegar um copo de água e ele vai. Daí eu tenho o poder de controlar a mente dele. O segundo poder é a ciência”. Questionei, por que a ciência é um poder? E ela continuou “porque se você trabalha com poções e saber usar a coisa certa, você consegue fazer alguém ficar invisível”. Eu disse que havia entendido e se ela estava querendo dizer que podemos fazer descobertas diferentes? A criança disse: “Isso mesmo! E a terceira, que é a última sabe aqueles desenhos animados? Então a nossa imaginação acha que é um poder, porque tipo, está lá o cachorro *Scooby Doo* tá falando, porque é um animal que fala” (N., 10 anos).

Perguntei se as pessoas da família têm poder e uma criança disse: “Lógico, a mãe tem poder de bater” (D., 11 anos). “Ela fala basta!”. (Da., 9 anos). Na pergunta o que é política? Uma criança disse “Política é eleição, os direitos”. (H., 11 anos).

No que se refere a sociologia saíram as respectivas perguntas e respostas: O que é sociologia? “É o trabalho”. (N., 10 anos). Disse a eles, vamos lembrar...a sociologia é

o estudo da... e disseram: sociedade. O que é sociedade? “O povo” (H., 10 anos). “As pessoas têm sua própria sociedade”. (D., 11 anos).

Com a indagação por que trabalhamos? Responderam: “Não trabalhamos somente pelo dinheiro, trabalhamos também para não ficar entediado, para não dizer que não fazemos nada na vida” (He., 10 anos). “Para ganhar dinheiro e não ser sustentado por ninguém. Para nunca faltar nada em casa” (D., 11 anos). “Para comprar coisas” (H., 10 anos). “Para não comer coisas do lixo” (Da., 9 anos).

Diante à pergunta por que vamos à escola? Disseram: “Porque se a gente não fosse na escola, a gente ia ser burro e porque somos obrigados”. (D., 9 anos). “Se o mundo fosse ao contrário, a gente ia nascer lendo, escrevendo, falando” (D., 11 anos). “Sem a escola, não íamos ser nada na vida” (D., 11 anos). “Para aprender o nosso idioma” (H., 10 anos). “Para fazer amizade, para brincar, para comer” (respostas do grupo). “Para a gente aprender, para estudar. Escola não é lugar de brincar” (MC., 8 anos). “Tem só um motivo para mim, tem que estudar porque quando você crescer e for para a Faculdade, vão perguntar e eu vou falar que eu fui bem na escola, e que eu aprendi bastante. Tem que estudar para saber como se faz as coisas que nem eu que quero ser delegado”. (B., 8 anos). “Para estudar, para aprender matemática, para ir para a faculdade porque senão você não vai saber nada lá e não vai, para ganhar dinheiro e para se informar para trabalhar”. (He., 10 anos). “Tem gente que estuda porque só quer ganhar dindin” (B., 8 anos). Depois essa mesma criança me perguntou “O que você prefere sua vida ou o dinheiro?” e respondi “Hum. Eu prefiro os dois. Por que seriam opostos? Por que a vida é oposta ao dinheiro?” E a criança respondeu: “É porque tem gente que prefere um ao outro” (B., 8 anos). Outra criança perguntou “se fosse para você escolher entre ter uma namorada ou dinheiro. O que você iria escolher?” a mesma criança logo respondeu “eu ia escolher o dinheiro porque se eu escolhesse a namorada ela ia ficar pedindo dinheiro e eu não ia ter” (He., 10 anos).

Ainda referente a pergunta “por que vamos à escola?”, tivemos outras respostas: “Para mim são alguns motivos, a primeira porque a gente tem que aprender para ser alguma coisa na vida, para ter uma profissão, para saber, por exemplo, estou no nono ano e não sei de nada, aí complica e para você poder fazer faculdade porque é paga e é caro” (N., 10 anos). Aqui comentei que existem as universidades que são particulares, pagas, e as universidades que são públicas e disse a eles que eu havia estudado minha vida em

universidades públicas. Me perguntaram depois quantos anos eu havia estudado e disse que estudei 4 anos e meio de graduação, depois fiz 1 ano de especialização, dois anos de mestrado e agora estava estudando por 4 anos para o doutorado.

Fomos a pergunta “o que é desigualdade social?”: “É quando as pessoas não têm a mesma coisa” (H., 10 anos). “É quando a pessoa não tem e tem que dividir com a outra pessoa” (D., 11 anos). “Eu não divido nada com ninguém não” (Da., 10 anos).

Em relação a antropologia, demos início a pensar o que significa: “tornar o familiar exótico e o exótico familiar”? Assim que a criança tirou essa questão me perguntou o que era exótico e respondi ser algo estranho, diferente. Então a criança respondeu:

para mim o familiar meu, da minha família, o estranho é a minha irmã porque ela tem 3 anos, né! Uma hora ela tá tipo de boa na dela e ela não pode relar em alguma coisa que ela começa a chorar, então tipo, ela tá familiar exótica que é aí e exótica que é quando ela tá chorando do nada se você vai agradecer ela, ela para de chorar (N., 10 anos).

Depois disse a eles que essa frase da antropologia quer nos dizer que como somos brasileiros. Por exemplo, podemos estranhar nosso país, então se comemos arroz e feijão podemos pensar: Nossa que estranho! E por que posso estranhar aquilo que é comum? Para pensarmos em outras culturas. E quando eu penso, por exemplo, na Índia que eles não comem carne de vaca, isso para mim é estranho, mas no momento que eu penso que não é tão estranho, eu começo a entender como eles pensam. Então por isso, que é tornar o familiar exótico e o exótico familiar, pois só conseguimos entender outra cultura se estranharmos a nossa própria. Se pensarmos que nossa cultura é a melhor, teremos mais dificuldade de pensar em outra cultura. Depois dessa explicação uma criança disse: “Minha cachorra só quer comer pão com manteiga, não aceita comer outra coisa” (B., 8 anos). Comentei que então ela só aceita o que é familiar, pois só quer comer a mesma coisa. Outra criança disse: “O meu pai, uma hora quer comer uma coisa e depois ele quer outra, fica mudando o tempo todo, uma coisa doida” (N., 10 anos). Comentei que então ele gosta de estranhar bastante, pois ele muda de opinião. Ela respondeu: “Sim e eu também sou assim”.

Outra criança disse: “Eu não entendo porque uma criança fica 9 meses na barriga e quando ele nasce já não faz 10 meses, começa contar 1 mês novamente”. (H., 10 anos). Assim, que foi feita essa colocação disse as crianças que isso estava totalmente

relacionado ao estranhamento, pois é quando estranhamos aquilo que temos como natural. Logo fomos a pergunta como posso me estranhar? “Falando coisas que eu não sou. Falando coisas diferentes de mim” (H., 10 anos). “Eu estranho minha orelha” (L., 9 anos). “Quando a pessoa tá com uma máscara, e ela tira e toma um susto” (AN., 10 anos). “Quando uma pessoa fala que eu sou bonito e eu me acho feio” (B., 8 anos). “Quando aparece uma coisa na minha frente e depois some. Quando uma barata aparece na minha frente e depois quando eu olho ela não está mais lá” (B., 8 anos). “Eu me estranho, quando uma hora pareço que sou uma menina de 10 anos que é minha idade, mas uma hora pareço uma menina de 4, 5 anos. Tem vez que eu estou normal, mas depois vejo que faço coisas que bebê faz” (N., 10 anos).

Para a pergunta quem sou eu? “Uma pessoa” (L., 9 anos). Logo as crianças disseram que somos tudo o que está em nosso quebra-cabeças e fomos lembrando os tópicos do quebra-cabeças.

Para a indagação o que é alteridade? Disseram “Quando alguém está com raiva”. (H., 10 anos) “Quando alguém tem o direito de fazer alguma coisa” (D., 9 anos).

Expliquei então que alteridade é quando nos colocamos no lugar do outro, quando, por exemplo, vemos alguém sofrendo e procuramos entender o que está acontecendo com essa pessoa. Uma criança disse: “Um dia um morador de rua pediu um lanche para meu pai e meu pai disse que não tinha, mas aí eu dei meu suco para ele” (D., 11 anos). Outra criança contou: “Um dia um homem pediu moedas para mim e eu estava indo comprar pão, daí eu dei um pão para ele” (Da., 9 anos). Perguntei a eles, como podemos usar a alteridade em outras situações? E veio a resposta: “Quando eu vejo alguém cair no meio da sala e não dou risada” (H., 11 anos).

Abrindo um parêntese, em um dos encontros duas crianças começaram a discutir, pois um estava cantando enquanto todos faziam a atividade e uma das crianças ficou irritada, pois estava atrapalhando. Disse às crianças que naquele momento iríamos usar a alteridade, a criança que estava irritada iria se imaginar feliz e com vontade de cantar e a criança que estava cantando iria pensar que o silêncio o ajudaria a se concentrar para fazer a atividade. Completei dizendo que é assim que nos colocamos no lugar do outro e assim podemos mudar e sermos melhores uns com os outros. As crianças usaram outra situação que estava acontecendo naquele momento também em que duas crianças estavam discutindo, pois uma queria organizar os lápis dentro da caixa e a outra queria usar o lápis,

disse que iriam se colocar um no lugar do outro também. Dessa forma, utilizamos o conceito de alteridade para explicar as situações e as crianças se acalmaram e voltaram as atividades: “quando eles brigam, nenhum dos dois estão certos” (H., 10 anos).

3.7 Sexto encontro: Eu encontro minha forma sólida nadando

Demos início ao encontro relembrando a história caleidoscópico social e falando sobre os espelhos; ciência política, antropologia e sociologia. Disse às crianças que no encontro de hoje estaríamos mais presentes no espelho da sociologia com a história criança líquida. Começamos falando sobre o Zygmunt Bauman e expliquei que ele diz que vivemos num mundo líquido e, assim como Lévi-Strauss, que gosta de brincar com as palavras dizendo que as culturas são como trens, Bauman diz que nossa sociedade é líquida. Começamos a leitura da história com o livro ilustrado. Assim que começamos a leitura perguntei às crianças se eles já se imaginaram sendo um *milkshare* de morango? As crianças começaram então a falar: “Eu seria um açaí bem recheado com frutas e doces” (H., 10 anos). “Eu seria um café porque estou hoje vestida com uma roupa preta” (L., 9 anos). “Eu seria um energético de laranja” (D., 11 anos). “Eu seria um sorvete de morango” (A., 7 anos). Outra criança disse: “mas, sorvete não é líquida” e a resposta foi dada imediatamente, “mas sorvete derrete”. “Eu seria um chocolate quente com uma barra de chocolate por cima” (Ar., 7 anos). “Eu seria uma cachaça”. (D., 9 anos). “Eu seria uma Heineken” (A., 7 anos). Nesse momento as crianças deram risadas umas com as outras por suas respostas inusitadas.

Continuei a história depois de todas as crianças imaginarem o que seriam. Ao longo da história fui exemplificando algumas ideias de dentro da história como a de que podemos desejar algo e perder o interesse rapidamente. “Uma vez eu queria muito um *pop it* que estava na moda, tudo mundo queria, mas agora eu nem brinco mais com isso” (L., 9 anos). “Uma hora você quer comprar uma coisa, depois quer comprar outra, depois você se arrepende” (A., 10 anos). “Já aconteceu comigo isso. Minha tia queria dar uma cesta de doce ou um presente, daí eu escolhi a cesta de doce e logo acabou” (He., 10 anos).

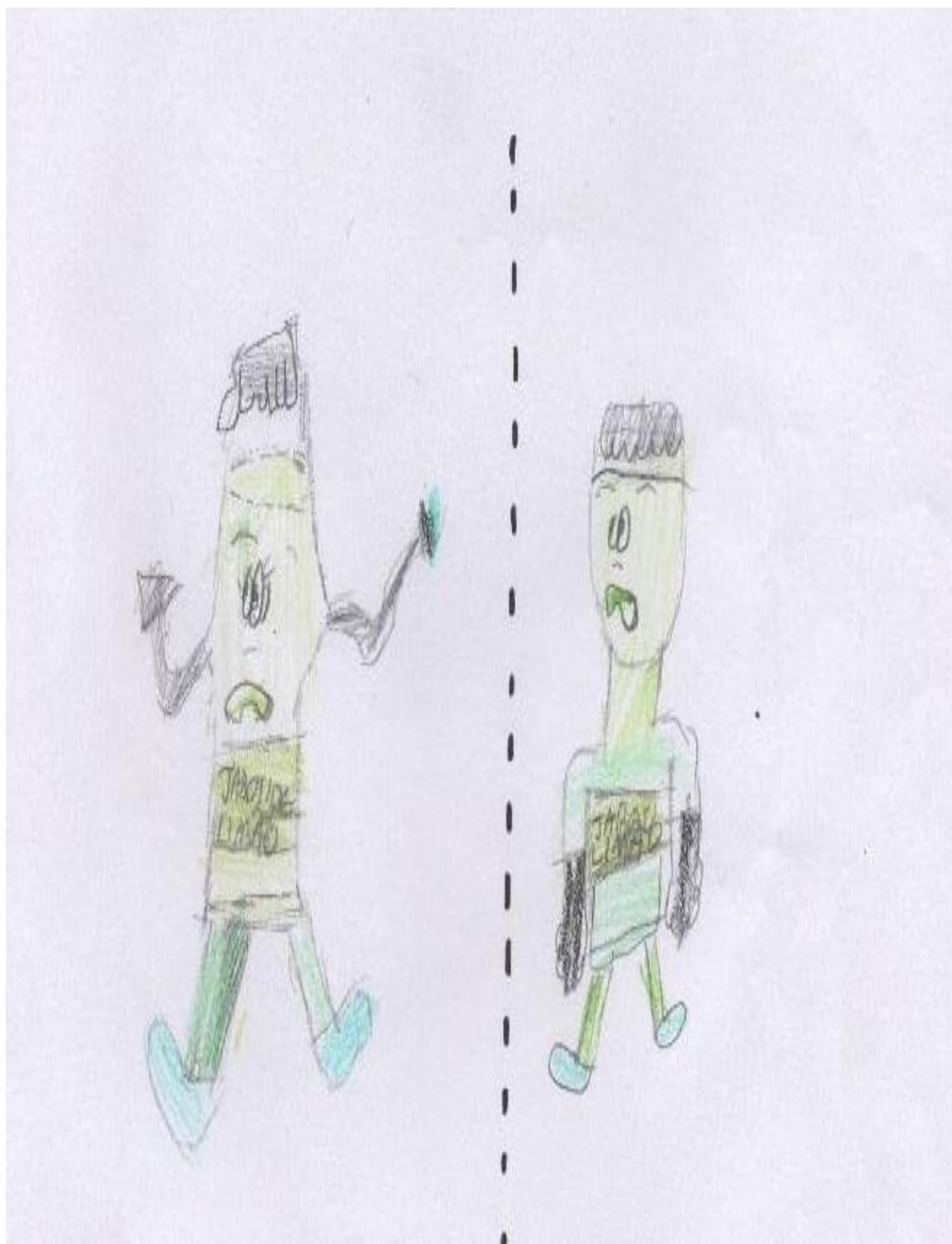
Um dia minha tia foi viajar e pediu para eu escolher que fruta iria querer de presente e eu escolhi o morango, mas quando ela chegou na casa da minha avó, ela estava com uma caixa grande de uvas e uma caixa pequena de morangos.

Daí eu fiquei com inveja e quis a uva só porque a caixa era grande e nem comi o morango (N., 10 anos).

Encaminhamos para o fim da história e disse que, para Bauman, a criança é líquida quando ela não pensa sobre ela mesma, mas quando ela pensa sobre seus gostos, vai encontrando sua forma. “Ah! Tipo assim, quando alguém oferece para você coca-cola ou água. Você tem que escolher, mas você pensa o que é mais gostoso, ou mais saudável” (He., 10 anos). “Para mim era só pensar em cabelo cacheado que eu lembro de mim mesma” (H., 10 anos).

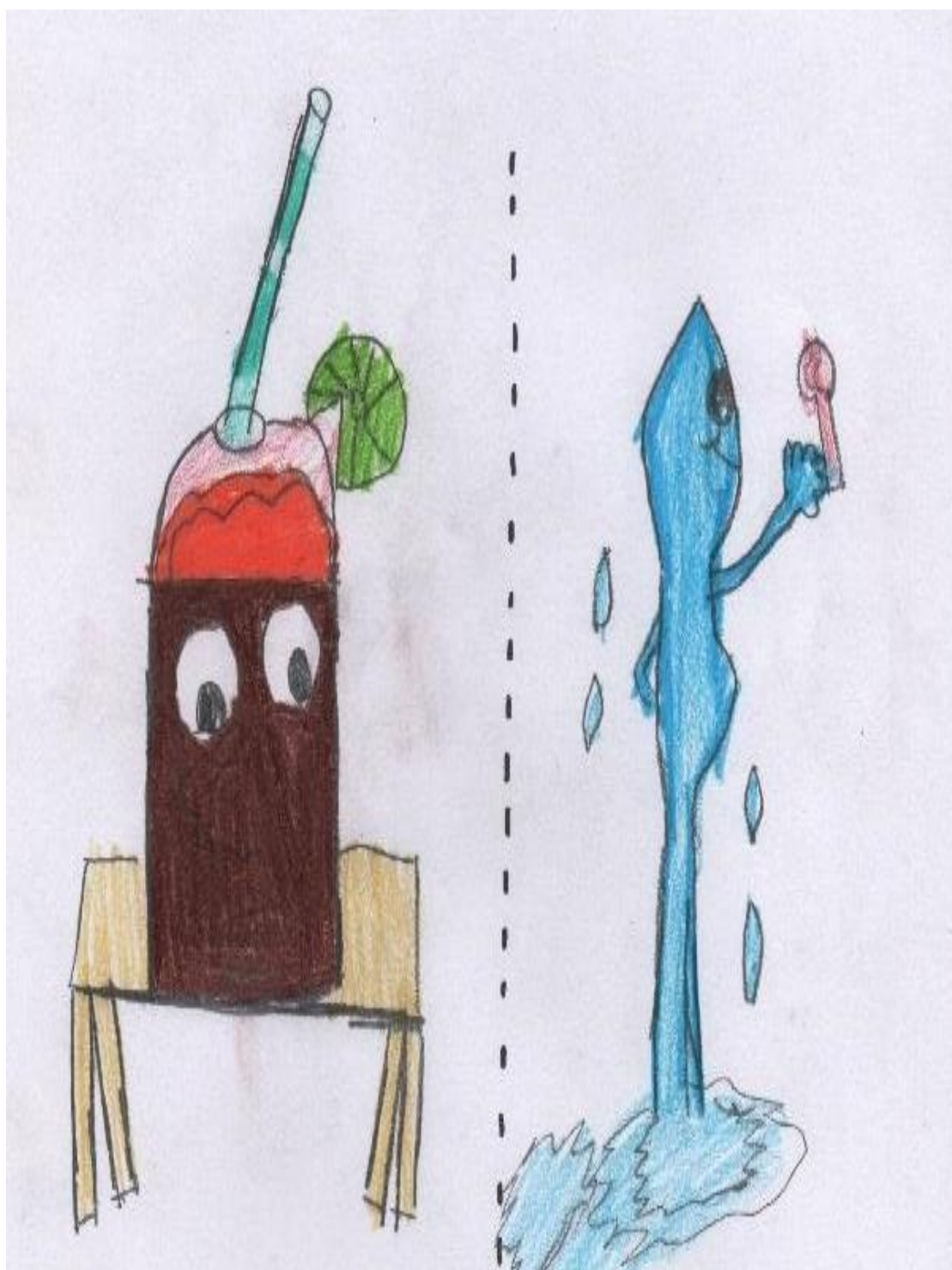
Perguntei a eles, como podemos nos pensar em nossas formas líquida e em nossas formas sólida. “Sólido é quando a gente nada na piscina, porque quando a gente nada no líquido é porque a gente é sólido” (H., 10 anos). “Verdade, quando a gente sai do banho também” (Da., 9 anos). “Quando a gente vai beber água ali e a gente toma água com a mão aí nossa mão vira sólida e nosso corpo líquido” (D., 11 anos). Perguntei a eles e como podemos ser líquidos? “Pela água, porque a gente tem água no corpo” (D., 11 anos). Logo, fomos para a atividade, onde desenharam a criança líquida e a criança encontrando sua forma. Uma criança disse: “Eu vou me desenhar saindo pelo canudinho” (L., 9 anos). “Vou desenhar uma criança normal sem ser gota” (DL., 8 anos).

Figura 22 Desenho da criança líquida (B., 8 anos)



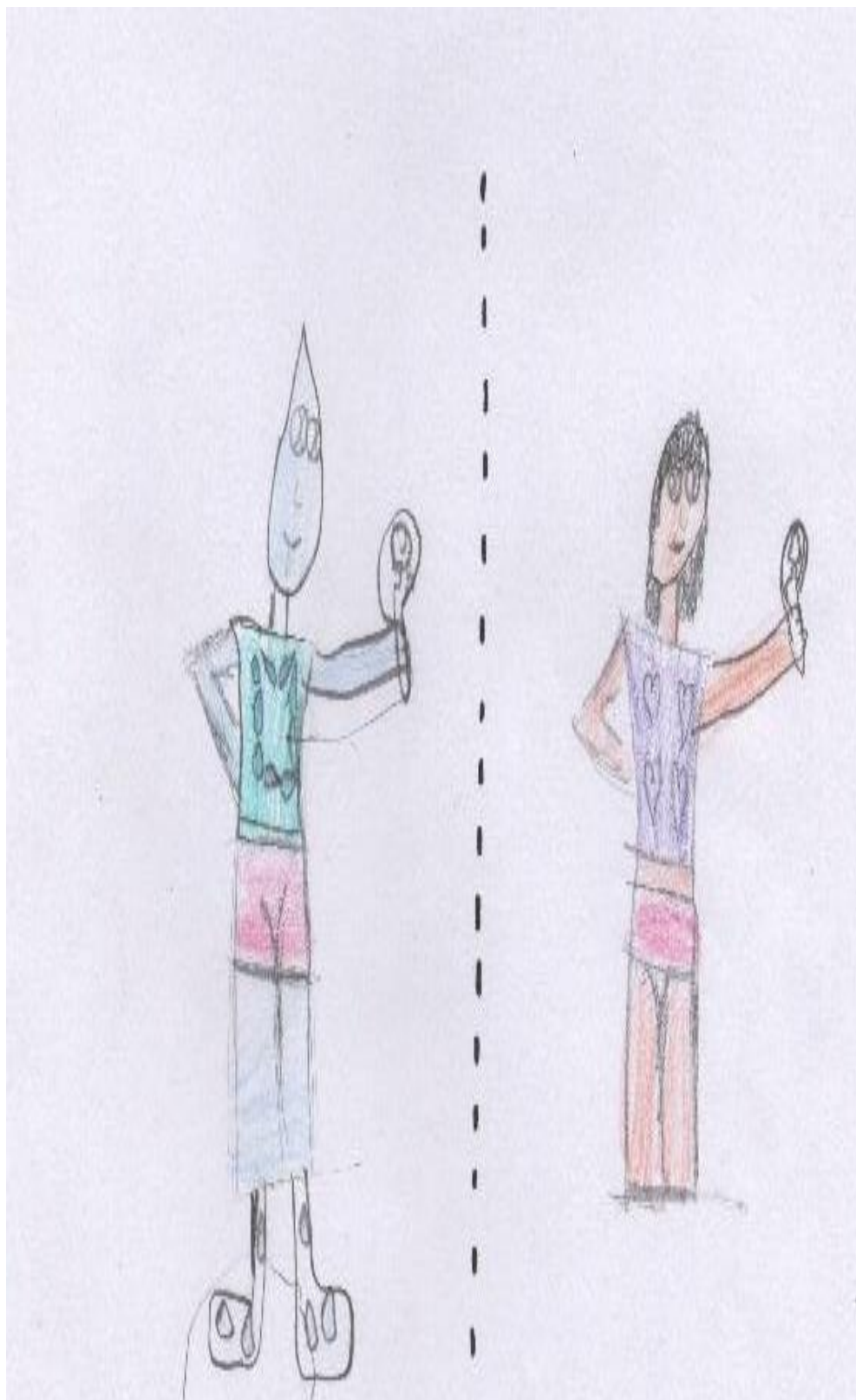
Fonte: Desenho realizado por B.

Figura 23 Desenho da criança líquida (A., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

Figura 24 Desenho da criança líquida (H., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por H.

3.8 Sétimo encontro: Experiências e ou histórias?

Levei a história em slides no *powerpoint* e montei na sequência as brincadeiras para fazermos sobre a história, pois o objetivo era conversar com as crianças sobre como podemos fazer experiências. Foram idealizadas seis brincadeiras. A história improvisada, onde eu ia mostrando imagens e as crianças iam inventando uma história. Outra brincadeira foi a de que tínhamos que construir um hambúrguer de brinquedo juntos, sem deixá-lo cair. Tivemos também a mímica das emoções, onde pegavam uma imagem e tinham que representar para os amigos adivinharem. Fizemos o jogo do equilíbrio onde tinham que passar um sino um a um sem bater. A brincadeira de força com as palavras da história das selfies de Narciso e a brincadeira de vivo ou morto.

Demos início ao nosso encontro fazendo a leitura da história as selfies de Narciso e logo que terminamos perguntei às crianças; o que essa história nos diz? “Que a vida não é só ficar no celular?” (A., 7 anos). “Isso daí é muito a minha irmã” (D., 9 anos). “Meu pai não me deixa ficar no celular. Não tenho celular” (A., 7 anos). “O menino da história vai morrer porque ele não tá vivendo a vida, não tá aproveitando nada” (B., 8 anos). “Ele vai ser enterrado com o celular na mão” (He., 10 anos).

Disse as crianças que iríamos trocar uma selfie por experiência. Nesse momento as crianças tinham que dizer: “Eu troco uma selfie por experiência” para irmos para uma brincadeira. Na brincadeira de força as palavras para descobrirem foram (*selfies*, sociologia e Guy Debord).

Na brincadeira história improvisada as histórias foram:

O Kiko na vara³ estava no acampamento e estava brincando de andar no elástico nas árvores, até que ele caiu e bateu a cabeça. O macaco o puxou pela perna e ele começou a gritar “Socorro” e a vovó dele veio e começou a gritar e o cachorro veio ajudar, depois a maçã caiu na cabeça do cachorro e fez um galo. Daí o cachorro saiu correndo e latindo e chamou outras pessoas para ajudar todos eles. Depois o pintinho saiu do ninho dele e ouviu a gritaria e foi ajudar. Daí o pintinho achou uma flor no chão e ele viu todo mundo deitado no chão. O menino estava parado, o cachorro estava correndo e os outros estavam ajudando. Daí o pintinho viu um buraco na árvore e foi morar lá dentro (História inventada pelas crianças no grupo da manhã enquanto apareciam as respectivas imagens: menino, macaco, imagem de uma senhora, cachorro, pintinho, árvore).

Um certo dia um homem estava caminhando num acampamento aí sem querer ele caiu no sono e o macaco foi lá. O macaco roubou a banana que ele tinha na

³ De acordo com dicionário informal do google “kiko na vara” é uma expressão que pode se referir a algo desinteressante ou para expressar desaprovação.

mochila dele. A vó dele que estava junto com ele e havia chegado logo depois, ela percebeu e acordou o homem. Ela pegou a bengala dela para ir bater no macaco. Apareceu o cachorro para ajudar o macaco. O cachorro foi para cima da senhora e levou uma bengala na cara. Depois que a senhora bateu no cachorro e no macaco, foi comer uma maçã e ficou de boa. Aí ela caiu no sono e apareceu um pintinho que estava atrás de uma minhoca. Como a senhora estava dormindo de boca aberta e o pintinho estava voando, a minhoca caiu dentro da boca da senhora (História inventada pelas crianças no grupo da tarde enquanto apareciam as respectivas imagens: menino, macaco, senhora, cachorro, pintinho).

O grupo da tarde gostou tanto dessa atividade que pediram para criar outra história com outras imagens:

Era uma vez uma flor que não foi regada e estava murcha, mas logo começou a chover para ajudar essa flor. Daí apareceu uma menina e arrancou as pétalas da flor para colocar em um trabalho da escola senão iria ficar sem nota. Daí a planta morreu. Logo a natureza ficou muito brava com a menina e começou a nascer um monte de espinhos nas árvores. Aí do nada os espinhos vão para cima da menina e batem nela. Daí a mãe dela apareceu e perguntou: “O que aconteceu aqui?” A natureza falou para a mãe da menina que ela tinha arrancado a flor. Daí a mãe dela foi comprar uma nova e deu a natureza de volta que ficou muito feliz e deixou a menina viver feliz. Mas, daí a menina saiu e foi perturbar a mamãe baleia e sem querer pegou o filho da mamãe baleia e a história continua tudo de novo só que agora no mar (História inventada pelas crianças do grupo da tarde enquanto apareciam as imagens: flor, menina, árvore, mulher, baleia).

As crianças gostaram muito desse encontro, pois puderam brincar bastante e interagir uns com os outros.

3.9 Oitavo encontro: Como as pontes são feitas?

Antes de começarmos a leitura da história pedi para que as crianças me dissessem o que podemos pensar sobre o título que trabalhamos, hein?! E as respostas foram: “Eu acho que entendi um pouco. Eu acho que ele trabalha bastante e não para de trabalhar” (B. 8 anos). “Eu acho que sei, porque assim quando a pessoa vai num emprego que acha muito difícil ou demora muito?” (H., 10 anos).

Dei início a história e quando a terminamos pedi as crianças para que pensássemos em todo trabalho envolvido por trás de uma escola. “Começa pelo dono da escola que teve a ideia de fazer” (D. 11 anos). Disseram também: “começa pelo tijolo” (D., 9 anos). Outra criança disse: “Não! Tudo começa por Deus que fez o mundo” (L., 9 anos). Logo as crianças começaram a pensar em tudo que era necessário para a escola funcionar, como por exemplo,

os móveis da escola que precisariam ser comprados, a escola precisaria ser limpa, há o trabalho da diretora, dos professores, dos inspetores, das cozinheiras, dos coordenadores, dos alunos que tem o trabalho de aprender, dos motoristas que levam as crianças até a escola, trabalho da monitora... (respostas do grupo da manhã).

Depois quiseram pensar sobre todo o trabalho envolvido por trás do celular, *mouse* e hospital. Para o hospital disseram: “enfermeira, doutor, diretor, guarda, mulher que faz o parto, ginecologista, doula” (respostas do grupo da manhã). Logo me pediram para fazermos uma brincadeira em que teriam que falar várias profissões sem repetir nenhuma e se “travassem” teriam que sair da brincadeira. E assim fizemos:

polícia, enfermeira, professora, jogador de futebol, diretora, caminhoneiro, veterinária, engenheira, eletricista, doutora, jogador de basquete, cozinheira, taxista, advogado, diarista, jogador de vôlei, empresário, jornalista, *youtuber*, *tiktoker*, jogador de ping-pong, blogueiro, jogador de golfe, vendedor, carpinteiro, pintor, pedreiro, jardineiro, técnico de futebol, agrônomo (respostas do grupo da manhã).

Assim que a brincadeira terminou, demos início ao jogo da memória das profissões. O jogo da memória foi realizado no *powerpoint* com as profissões (professora, engenheira, médica, veterinária, advogado, cozinheira, jogador de futebol, policial, bombeiro, eletricista). Quando terminamos o jogo da memória fizemos a atividade meu trabalho do futuro, onde cada criança se desenhou com a profissão que desejam para o futuro: “policial” (He., 10 anos), “delegado” (B., 9 anos), “advogado” (A., 10 anos), “pipeiro” (DL., 8 anos), “professora de futebol” (N., 10 anos), “bailarina” (MC., 6 anos), “professora de matemática” (M., 9 anos), “jogador de futebol” (três crianças desenharam), “professora” (L., 9 anos), “caminhoneiro” (D. 9 anos), “jogadora de vôlei”. (H., 10 anos), “veterinária” (MC. 6 anos).

No grupo da tarde, durante a história, começamos a pensar em todo o trabalho envolvido por trás de uma camiseta. E as crianças foram pensando juntas e falando “o tecido, o formato da camiseta, a agulha, material de costurar, panos coloridos para fazer o desenho, tesoura, lã” (grupo da tarde). Continuei a história onde havia a explicação de como o tecido era feito. Quando a história terminou uma criança perguntou: “Como fizeram a ponte se tinha água dentro? Eles primeiro tiraram a água para colocar a ponte?” (B., 8 anos). As crianças fizeram várias suposições de como a ponte é construída dizendo

ser de concreto, de tijolos. Pensaram também sobre “como a cidade é construída se as pontes estão quebradas? Eles vão de avião?” (B., 8 anos). Senti que estavam muito curiosos e permite que suas ideias fluíssem e criassem suposições para suas próprias indagações.

Fomos para a brincadeira das profissões, como no grupo da manhã, onde tínhamos que dizer profissões diferentes e não podíamos repetir senão íamos saindo da brincadeira até chegarmos ao ganhador. O jogo começou com bombeiro, delegado, jardineiro, advogado, policial, empresário, professora, médico, veterinário, enfermeiro, empregada doméstica, pintor, prefeito, faxineira, pedreiro, diretora, tradutor, funcionário público, engenheiro, jornalista, costureira, pescador, lixeiro, fazendeiro, jogador de futebol, operário, músico, cantor, jogador de vôlei. A brincadeira acabou, mas continuaram lembrando de outras profissões que poderiam ter falado “padeiro, eletricista...”. Partimos para o jogo da memória das profissões e quando o terminamos entreguei a atividade para que os desenhassem em suas profissões do futuro.

Figura 25 Desenho sobre meu trabalho do futuro (A., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

Figura 26 Desenho sobre meu trabalho do futuro (MC., 8 anos)



Fonte: Desenho realizado por MC.

3.10 Nono encontro: De tanto pensar no ser só conseguiu pensar no ter

Demos início a atividade sobre Marx. Durante a história, quando aborda o trabalho, várias crianças disseram que trabalham ajudando nos afazeres domésticos. Quando terminamos a história perguntei o que poderíamos aprender com ela. As crianças disseram que não haviam entendido, então fui utilizando as imagens e a contando novamente, com minhas palavras, sem fazer a leitura. Depois de contar resumidamente uma criança disse: “Já sei! Eu vou desenhar um rico com as coisas caídas no chão porque compra muitas coisas e no pensamento dele mais coisas” (H., 10 anos). “Eu tive uma ideia. Eu vou desenhar um rico e do lado vou desenhar um pobre” (D., 9 anos). Disse as crianças que sobre a frase “Troco o ter pelo ser”, poderíamos pensar em várias coisas. E disseram: “O ter desenha um dinheiro e uma pessoa com dinheiro e o ser uma pessoa em dinheiro” (H., 10 anos). “Eu trocaria o ter uma bola por ser um jogador de futebol” (D., 10 anos). “Um homem perdendo o emprego e alguém dando oportunidade para ele” (D., 9 anos). “Eu vou desenhar o menino da história pensando em querer o gorro do Papai-Noel” (D., 8 anos). “Irei desenhar casa de rico de um lado e casa de pobre do outro” (E., 11 anos).

No grupo da tarde quando terminei a leitura algumas crianças disseram: “Eu percebi que estava rimando tudo” (B., 8 anos). Fomos para a atividade e perguntei o que podemos aprender com essa história: “Trabalhar e compartilhar porque o menino deu o chinelo para o homem” (A., 10 anos). “O menino ajudou o próximo e queria conhecer o Papai-Noel” (B., 8 anos). Perguntei o que podemos pensar sobre “troco o ter pelo ser”, uma criança disse “é para trocar de objeto” (B., 8 anos), “é tipo pegar uma roupa e trocar, usar para outra coisa” (N., 10 anos). “Eu entendi. Você ter alguma coisa e ser alguma coisa” (A., 10 anos). Disse as crianças vejam se faz sentido. Quando falamos em trocar o ser pelo ter. Eu pensei em ser assim, eu troco comprar um objeto por fazer um curso, porque um curso por exemplo, o aprendizado irá me transformar em algo diferente do que eu sou. Então eu serei diferente. Mas, um objeto eu o tenho, não sou um objeto. Faz sentido?” Uma criança disse “Ter é quando você tem uma coisa e ser é quando você é algo” (B., 8 anos). Outra criança disse: “Nós somos a nossa profissão” (A., 10 anos).

Continuamos a conversa pois as crianças estavam pensando em seus desenhos e queriam fazer algo que representasse o ter de um lado e o ser de outro. Disse a eles quando eu penso em ter, penso em vários objetos que eu possa ter, um computador, um carro,

uma casa...e o ser está relacionado a nossa profissão, família, a religião, os amigos. Uma criança complementou “a comunidade que é onde a gente vive” (B., 8 anos). Disse as crianças que quando temos um livro, mas não o lemos, se torna somente um objeto, mas quando o lemos, pensamos sobre ele, conversamos sobre ele, estamos na esfera do ser. Enquanto estávamos falando sobre o que seria o ter e o ser uma criança fez um desenho e todos ficamos pensando sobre o desenho dele criando várias suposições. Uma das suposições foi de que “uma menina ficou pensando sobre o ser, mas como estava no sol, o sol a queimou de tanto que ela pensou, portanto, ela só conseguiu pensar no ter e não no ser” (A., 10 anos).

Figura 27 Atividade sobre a história quando o Papai-Noel é o Karl Marx. (L., 9 anos)



Fonte: Desenho pintado por L.

3.11 Décimo encontro: O dia em que descobri que tenho poder

Iniciamos o encontro relembrando a história caleidoscópica social para falarmos das ciências sociais novamente e mostrar as crianças que a história os superpoderes de Foucault se encontra dentro da ciência política. Fiquei impressionada, pois as crianças já sabiam nos nomes dos espelhos e as ciências pertencentes as ciências sociais. Perguntei as crianças o que será que Michel Foucault teria a nos dizer e uma criança disse: “ele é que nem aquele lá o Lévi-Strauss que fala das culturas, ele vai falar algo assim, mas só que da ciência política” (A., 10 anos). Respondi a criança que era isso mesmo e ele disse “Eu sou muito esperto” (A., 10 anos). Concordei com a criança.

Perguntei as crianças o que poderíamos pensar sobre o título da história e disseram “Super-heróis” (H., 10 anos), “Salvar a cidade, tipo Homem-Aranha” (D., 10 anos), “Ele vai falar dos poderes dele” (B., 8 anos), “Deixe-me dar um palpite. Alguma pessoa que pode fazer alguma coisa dentro da ciência política” (A., 10 anos).

Quando terminamos a leitura da história perguntei o que poderíamos pensar sobre e “todo mundo tinha poder” (H., 10 anos), complementei dizendo para as crianças que Foucault nos ensina que todas as pessoas exercem um poder sobre o outro, ou seja, todos nós temos poderes. Perguntei as crianças o que é poder? Responderam: “É aquilo que fazemos cada dia. Todo dia nós fazemos o que essa história falou” (A., 10 anos). “Cada um tem o seu poder, mas não o de voar” (A., 10 anos). “Sabe qual é meu poder? Meu poder é ser fofinho” (B., 8 anos).

Perguntei: o que é esse poder que nós temos uns sobre os outros? “É de respeito porque nós respeitamos o poder que um tem sobre o outro” (A., 10 anos), “O poder do ser humano porque todo mundo tem o direito de fazer alguma coisa” (N., 10 anos).

O poder é tipo, nós podemos criar o poder. Pode criar como na história em um segundo. Por exemplo, nós estamos em oito pessoas, nós trabalhamos juntos e podemos um ter poder sobre o outro. É comum e a gente faz todo dia, mas tem pessoa que consegue e tem pessoa que não consegue (A., 10 anos).

“Eu estou pensando também que eu tenho um poder que eu consigo usar, mas depois não consigo usar. Eu descubro um dia que consigo usar aquele poder que tinha e não sabia” (A., 10 anos). “Isso! um dia eu descubro que tenho um poder” (B., 8 anos).

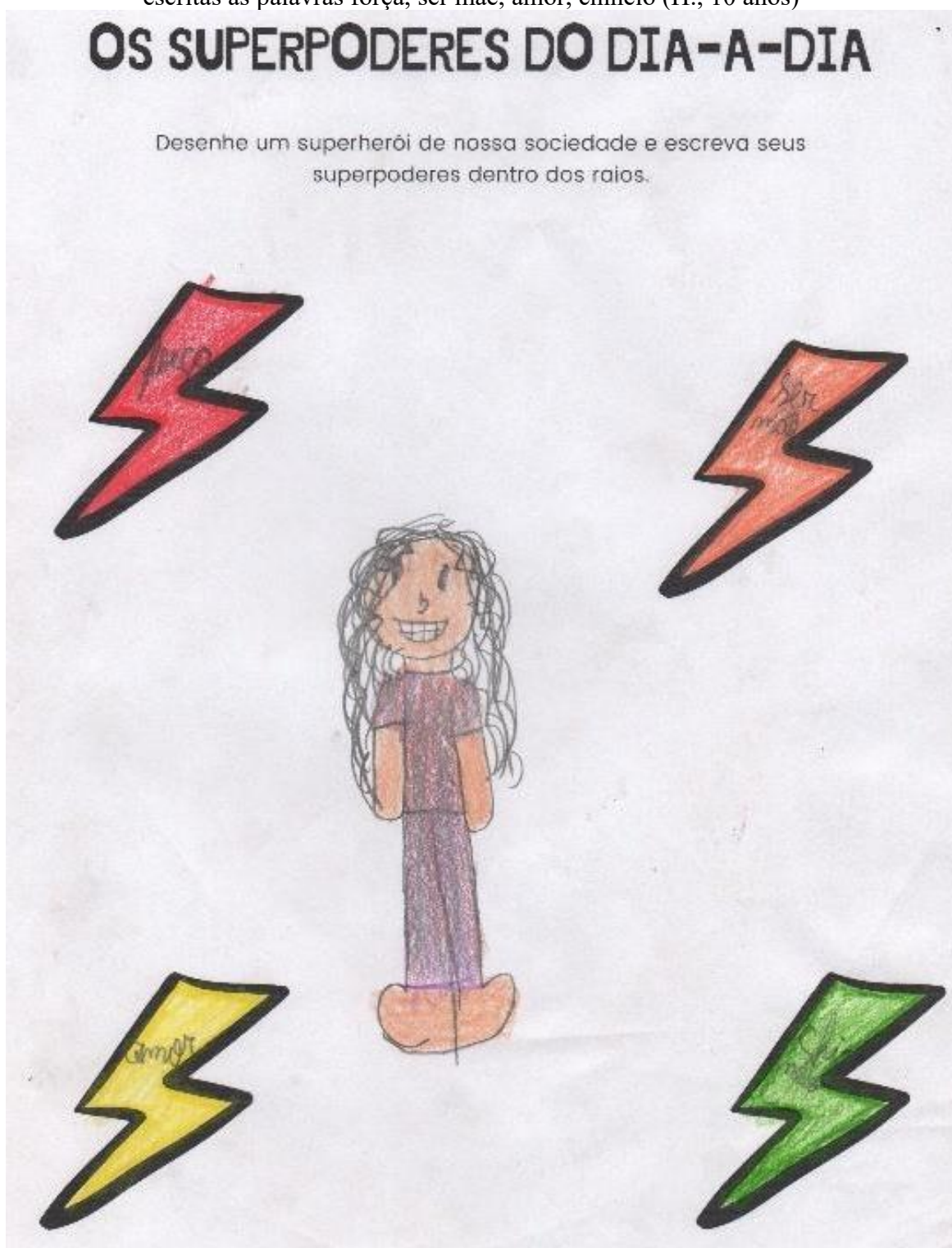
Logo partimos para a brincadeira dos superpoderes, onde haviam cartas com imagens de profissões e objetos utilizados para cada profissão.⁴ As cartas eram distribuídas igualmente entre as crianças e elas podiam exercer um poder sobre o amigo e pegar a carta dizendo, por exemplo, “eu quero o bombeiro”. Se o amigo tivesse a carta teria que entregar, agora, se não estivesse com a carta, ficaria sem ela. Ganharia o aluno que completasse todas as cartas referentes a profissão primeiro e logo dizer “Super poderes de Foucault”. Durante a brincadeira, uma criança disse “Se eu fosse prefeito, fecharia todas as escolas” (D., 10 anos). Perguntei o porquê e a criança disse que ficava muito tempo na escola e era demais. Uma outra criança complementou “Se escola não é lugar para dormir, então nossa casa não é lugar de fazer tarefa” (H., 10 anos).

Perguntei se gostavam de ir à escola e a maioria disse que sim. Uma criança disse que não pois gostava mesmo era de jogar futebol. Disse a ele que na escola aprendemos regras do futebol com o professor de educação física, aprendemos inglês o que ajuda os jogadores a se comunicarem quando viajam para o exterior jogando. Depois disso a criança disse: “se eu fosse prefeito, fecharia a escola somente três vezes na semana” (D., 11 anos).

Quando terminamos a brincadeira fomos para a atividade e tinham que pensar em profissões e nos superpoderes dessas profissões. As profissões desenhadas e poderes escritos foram “bombeiro – apaga o fogo e cuida das pessoas” (Da., 9 anos). “Menino – faz manobras” (H., 10 anos), “Coelho – fofinho” (MC, 6 anos), “Gari – limpar o mundo, catar o lixo, levar o lixo para o lugar adequado, reciclar” (E., 10 anos), “Mãe – poder de jogar o chinelo, poder de ser bonita, poder de ter” (L., 9 anos), “Mãe – força, amor” (H, 10 anos), “Mãe – bater, amor, carinho” (D., 10 anos), “Professora – ensinar, escrever, conhecimento, corrigir” (8 anos), “Jogador de futebol – brigar, fazer gol, driblar, dar assistência” (D., 11 anos).

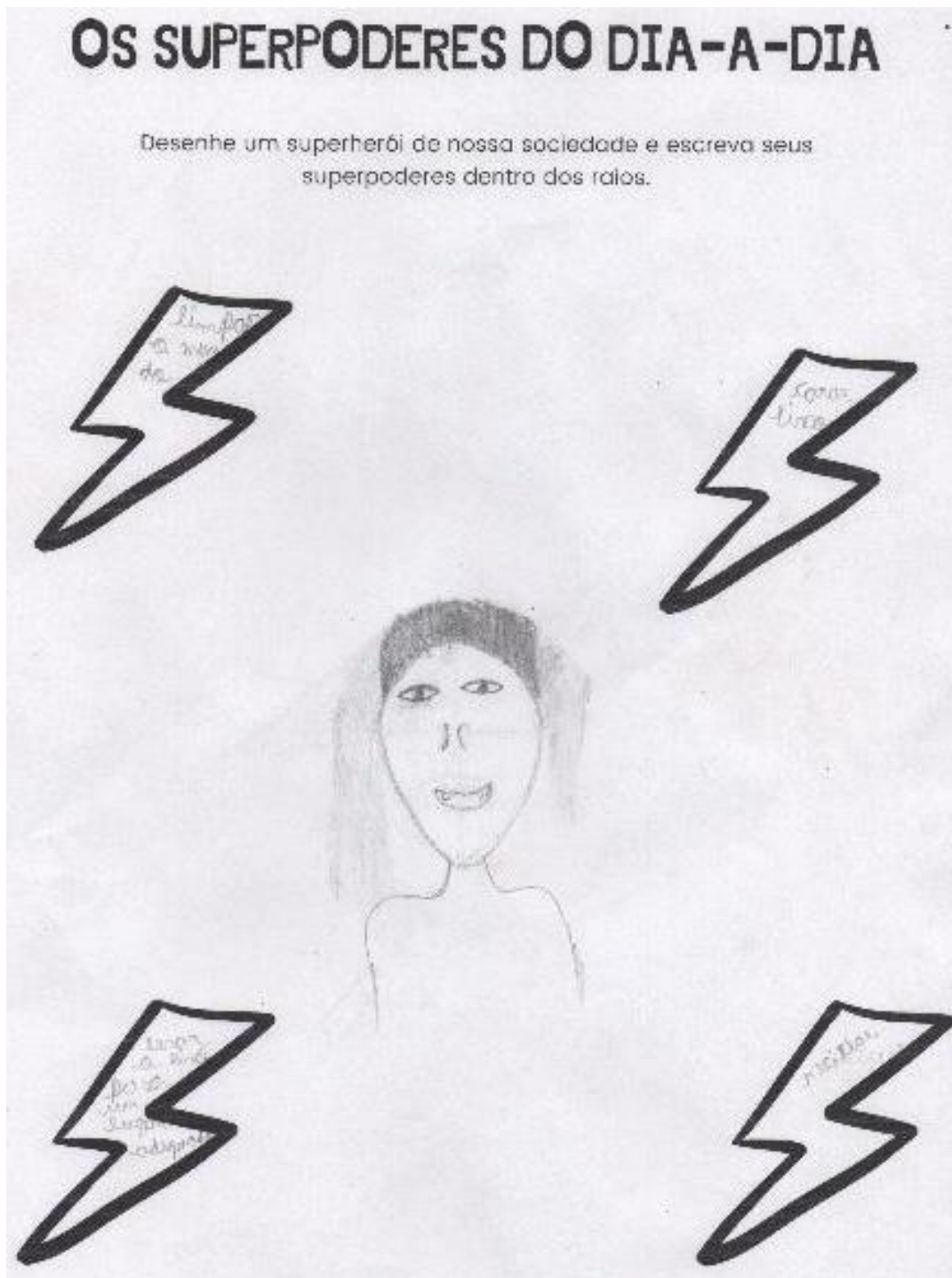
⁴ O jogo está em anexo figura 9

Figura 28 Atividade dos superpoderes. Desenho de uma mãe e dentro dos raios estão escritas as palavras força, ser mãe, amor, chinelo (H., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por H.

Figura 29 Atividade dos superpoderes. Desenho de um coletor de lixo e dentro dos raios estão escritas as palavras limpar o mundo, catar lixo, levar o lixo para lugar adequado, reciclar (E., 11 anos)



Fonte: Desenho realizado por E.

3.12 Décimo primeiro encontro: Cada um tem seu tempo para nascer

Iniciamos o encontro com a leitura da história *O fantástico mundo de Durkheim* e pedi para que as crianças fechassem os olhos e se imaginassem dentro de um carrinho de uma montanha russa e fui fazendo a leitura da história enquanto ouvia alguns comentários como “Ai, que medo!” (H., 10 anos). Logo, pedi para que abrissem os olhos, pois havia levado impresso algumas imagens para ilustrar o que ia acontecer na história e tornasse o momento lúdico para o aprendizado. Durante a leitura fomos problematizando alguns pontos da história, em outras palavras, fomos fazendo uma leitura comentada, onde as crianças podiam se expressar e falar o que pensavam a respeito daquilo que estava sendo lido. Quando chegamos na parte em que apareceu a problematização de como seria nossa vida senão vivêssemos em sociedade.

As crianças foram fazendo as seguintes colocações: “Não ia conseguir trabalhar” (A., 10 anos). “Não ia saber o nome dele” (He., 10 anos). “Nós seríamos sozinhos no mundo. Se fossemos sozinhos no mundo não iria existir escola, shopping” (H., 10 anos). Perguntei as crianças como iríamos falar sem socializarmos, ou seja, sem a presença do outro. “Como falamos as primeiras palavras sem saber o alfabeto?” (H., 10 anos). Respondi que vamos ouvindo as pessoas falando a nossa volta e vamos associando as palavras. Fomos pensando juntos como os bebês demonstram as emoções sem ao menos falar e que poderíamos estimular um bebê conversando com ele, pois poderia contribuir para a fala dele.

Essa conversa levou o grupo da manhã a pensar que temos habilidades diferentes uns dos outros, que uma criança desenvolve a parte motora mais rápido, outra criança a fala. Uma criança disse “e as crianças autistas? É como se tivessem poderes como o do Foucault?” (L. 9 anos). “A criança é muito inteligente e não gosta de barulho” (A. 7 anos). Disse as crianças que como professora de inglês tenho alunos que se desenvolvem mais na fala, outros mais na escrita, outros mais na gramática... e isso não significa que o aluno que se desenvolve mais na fala não seja bom na escrita ou na gramática, mas que seu ponto forte é aquele. Conversamos sobre como podemos nos desenvolver por meio do estudo, pois cada um foi falando algo que precisava estudar mais e como poderia melhorar naquele assunto por meio do estudo.

Demos continuidade a leitura da história, mas fui oferecendo exemplos de situações que podem ser fatos sociais exteriores, coercitivos e gerais. Quando

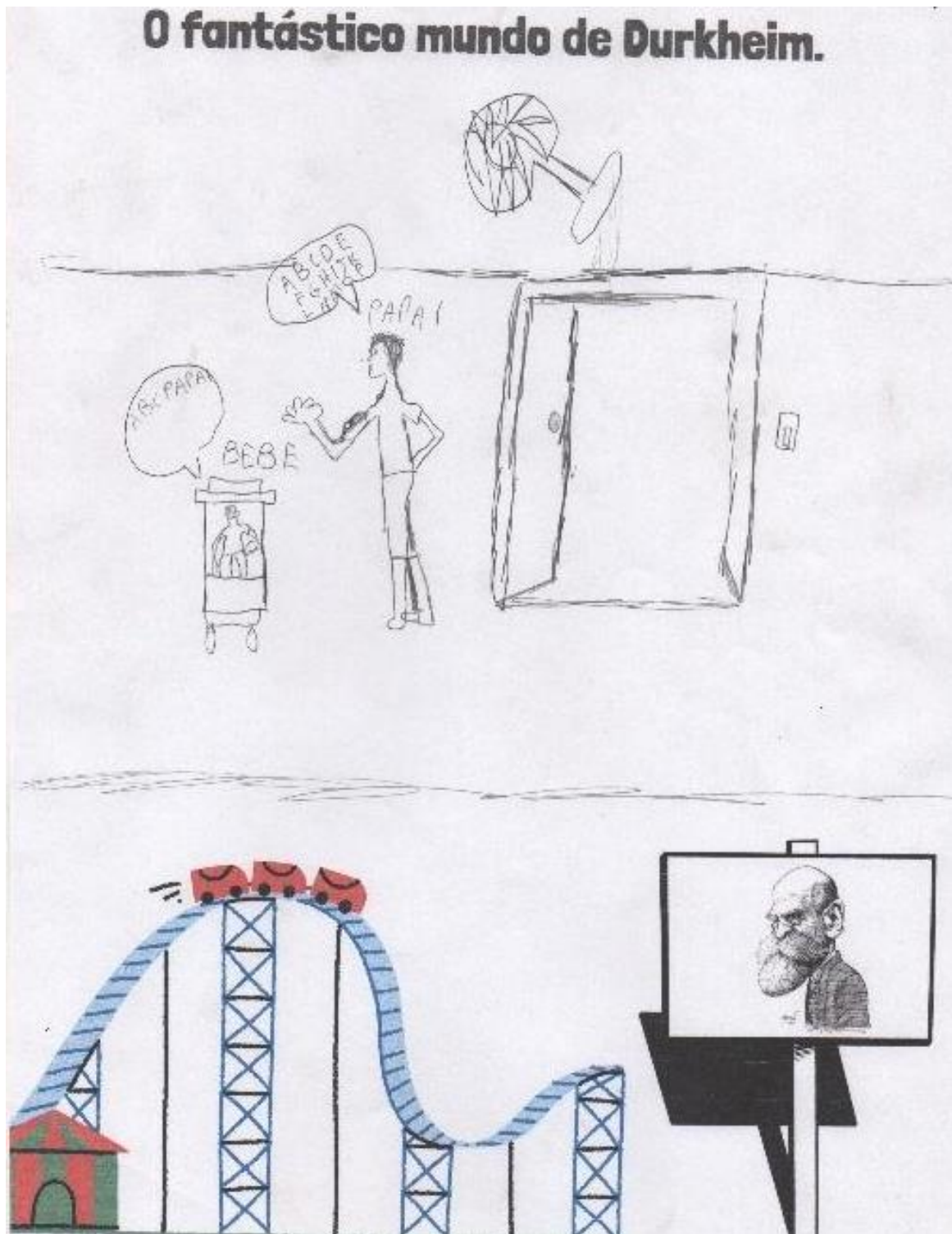
exemplifiquei que eu aprendo a contar os números, mas isso não é só para mim, pois todos aprendemos isso, uma criança disse “Mas vai que alguém sabe isso num dia e o outro não?” (A., 7 anos). Respondi que cada pessoa tem o seu tempo de aprendizado e que o tempo de cada um é diferente do outro. “Que nem cada um tem seu tempo para nascer” (H., 10 anos). Disse as crianças que eu estava os ensinando algumas ideias de Durkheim, mas que cada um teria o seu tempo para aprender as ideias dele.

Continuamos a leitura e chegamos ao que é fato social coercitivo “Quando minha mãe pede para eu lavar a louça e eu não lavo e aí ela não deixa eu sair”. (H., 10 anos). Assim que terminamos a história há a pergunta como podemos nos ver numa montanha russa invertida? de ponta cabeça uma criança disse “Eu me vejo realizando meu sonho e comendo muito açaí falando coreano morando nos E.U.A” (H., 10 anos). “Eu me vejo que tudo tá de ponta cabeça” (A., 7 anos). “Eu me vejo morando na França falando japonês e tendo uma vaca” (L., 9 anos).

Perguntei o que a história do Durkheim pode nos ensinar e disseram: “Educação. Obedecer quando é obrigatório” (K., 9 anos). “Que nós nascemos, vamos olhando os outros e vamos aprendendo” (A., 10 anos).

Depois fizemos uma brincadeira. Levei uma caixa de letrinhas, dividi o grupo em dois grupos e disse as crianças que teriam que escrever com as letrinhas as palavras que eram relacionadas a história. As palavras foram “sociedade, sociologia, exterior, geral, coercitivo, Émile Durkheim”, conforme as crianças foram escrevendo as palavras fomos lembrando seus significados. Quando terminamos a brincadeira, entreguei a atividade sobre a história para que desenhassem suas interpretações sobre tudo que conversamos.

Figura 30 Atividade sobre Durkheim (A., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

3.13 Décimo segundo encontro: Quando as crianças decidiram o fim da história

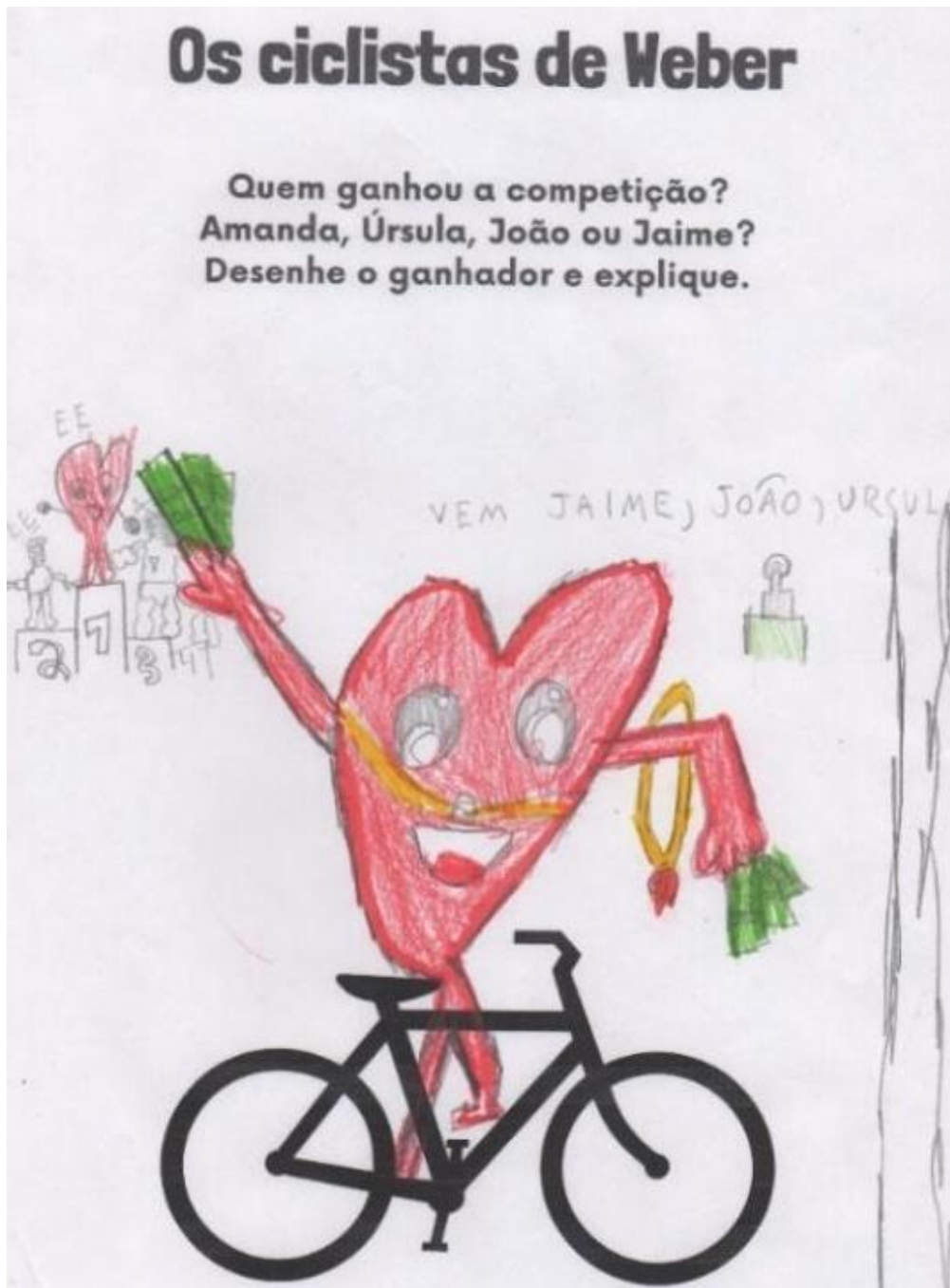
Iniciamos o encontro com a leitura da história os ciclistas de Weber e fui mostrando imagens que representassem a história. Assim que terminamos, relembramos os motivos de cada competidor da história e pedi para que falassem e desenhassem quem seria o ganhador para cada um deles. “O João ganhou, porque tem mais chance por ser mais saudável” (D., 9 anos). “O João porque não quer engordar e quer se manter saudável” (De., 11 anos). “A Amanda porque ela ama o pai dela” (At., 7 anos). “A Amanda porque o pai dela vai dar forças para ela vencer” (E., 11 anos). “A Amanda porque ela acha que o pai tá perto dela” (L., 9 anos). “A Amanda porque ela pode se esforçar para o pai dela” (He., 10 anos). “A Amanda porque ela é igual eu. Eu ganhei a bicicleta do meu pai, mas ele não mora comigo” (A., 10 anos). “A Amanda porque ela foi humilde e falou boa sorte!” (DL. 8 anos). “A Amanda porque ela é igual minha mãe. Minha mãe chama Amanda. Meu avô faleceu e ela andava de bicicleta com meu vô” (K., 8 anos). “A Amanda porque dos quatro competidores o único que tem o sentimento é a primeira” (H., 10 anos). Aproveitei a oportunidade para explicar as ações sociais de Weber por meio dos exemplos da história.

As crianças desenharam o fim da história e enquanto foram desenhando perguntei se uma pessoa pode ter um motivo mais justo que outro. “Se uma pessoa fala uma coisa e a outra pessoa fala outra coisa ela só pensa diferente” (D., 11 anos). “Dois alunos faltam na escola, mas um fala que estava doente e com falta de ar e outro fala que estava na rua porque estava brincando. Daí um tem um motivo melhor que o outro” (H., 10 anos). “Todo mundo tem uma opinião que é justa. Só o fortão que ficou se achando na história” (DL., 8 anos).

As crianças foram pensando em possíveis finais para a história. “Quando a Amanda ganhar ela pode dar Parabéns para todo mundo. Até para o Jaime” (A., 10 anos). No grupo da tarde as crianças foram pensando juntas e decidiram que a Amanda ganharia em primeiro lugar e disseram que deveria haver um segundo ganhador que seria o João, em terceiro a Úrsula e o último o Jaime, o “chato”, porque “ficou se achando” (B., 8 anos). Disse as crianças que elas teriam o poder de decidir o final da história e responderam “Os poderes de Foucault”.

Uma criança explicou o desenho abaixo: “Eu fiz a Amanda ganhando e dizendo vem Jaime, vem Ursula. Ela ganhou mil reais e duas medalhas e ela dividiu o dinheiro com o Jaime o João e a Úrsula” (A., 10 anos).

Figura 31 Os ciclistas de Weber



Fonte: Desenho realizado por A.

3.14 Décimo terceiro encontro: A beleza está em você, no seu amigo, no próximo

Demos início ao encontro com alguns cartões postais do museu de Anne Frank. Fui mostrando as imagens e explicando a forma como a casa era dividida, o quarto de Anne Frank, a cozinha...mostrei o livro da história de Anne Frank em inglês e uma das crianças disse “Um dia você leva a gente lá?” (A., 9 anos). Disse a eles que gostaria muito de levá-los para conhecer o museu. “Precisa ir de avião?” (D., 9 anos). “Que língua eles falam na Holanda?” (D., 9 anos). As crianças ficaram muito interessadas pelo país, pela história de Anne Frank e fomos desenvolvendo o encontro de acordo com a curiosidade deles e aos poucos fui contando sobre a vida e o diário de Anne Frank até chegarmos à história. Realizamos a leitura da história, mas foram aparecendo apontamos e perguntas ao longo do caminho como “Por que no Brasil não neva?” (D., 9 anos). “Só o planeta terra tem ar” (D., 9 anos). “Por que só o planeta terra tem casa?” (D., 9 anos).

Terminamos a leitura da história de Anne Frank com a pergunta quando a liberdade é tirada de alguém será que ela consegue ser livre novamente? “Não, porque meu papagaio ficou preso na gaiola e acabou morrendo” (A., 7 anos). Resolvi recontar a história mostrando as fotos novamente e relacionando a questão da liberdade, explicando sobre o que foi o holocausto e como o diário de Anne Frank foi escrito e publicado. Assim que terminei a explicação as crianças ficaram curiosas para saber a quanto tempo o holocausto havia acontecido e fizemos a conta para mostrar que isso havia se passado a aproximadamente 79 anos atrás. Dessa forma, as crianças entenderam que o holocausto havia acontecido na Europa e há pouco tempo. Levei algumas frases da Anne Frank em um envelope e pedi para que cada criança pegasse uma frase e falasse algo para podermos pensar juntos.

A criança tirou a frase de Anne Frank que diz “Apesar de tudo ainda creio na bondade humana”. “Apesar de eles terem feito isso com ela, ela pensa que eles são bons” (E., 11 anos). Para a frase de Anne Frank “que maravilha é ninguém precisar esperar nenhum único momento para melhorar o mundo”, foi dito: “Ela estava esperando acabar essa guerra” (A., 7 anos). “Ela precisava esperar a guerra acabar pra ela viver um mundo melhor” (D., 9 anos). Para a frase “pense em toda a beleza que ainda existe ao seu redor e seja feliz” (Anne Frank), foi falado: “é assim pense na beleza que tem ao seu redor, tipo não só a sua beleza, no seu amigo, no seu parente e seja feliz com eles” (N., 10 anos).

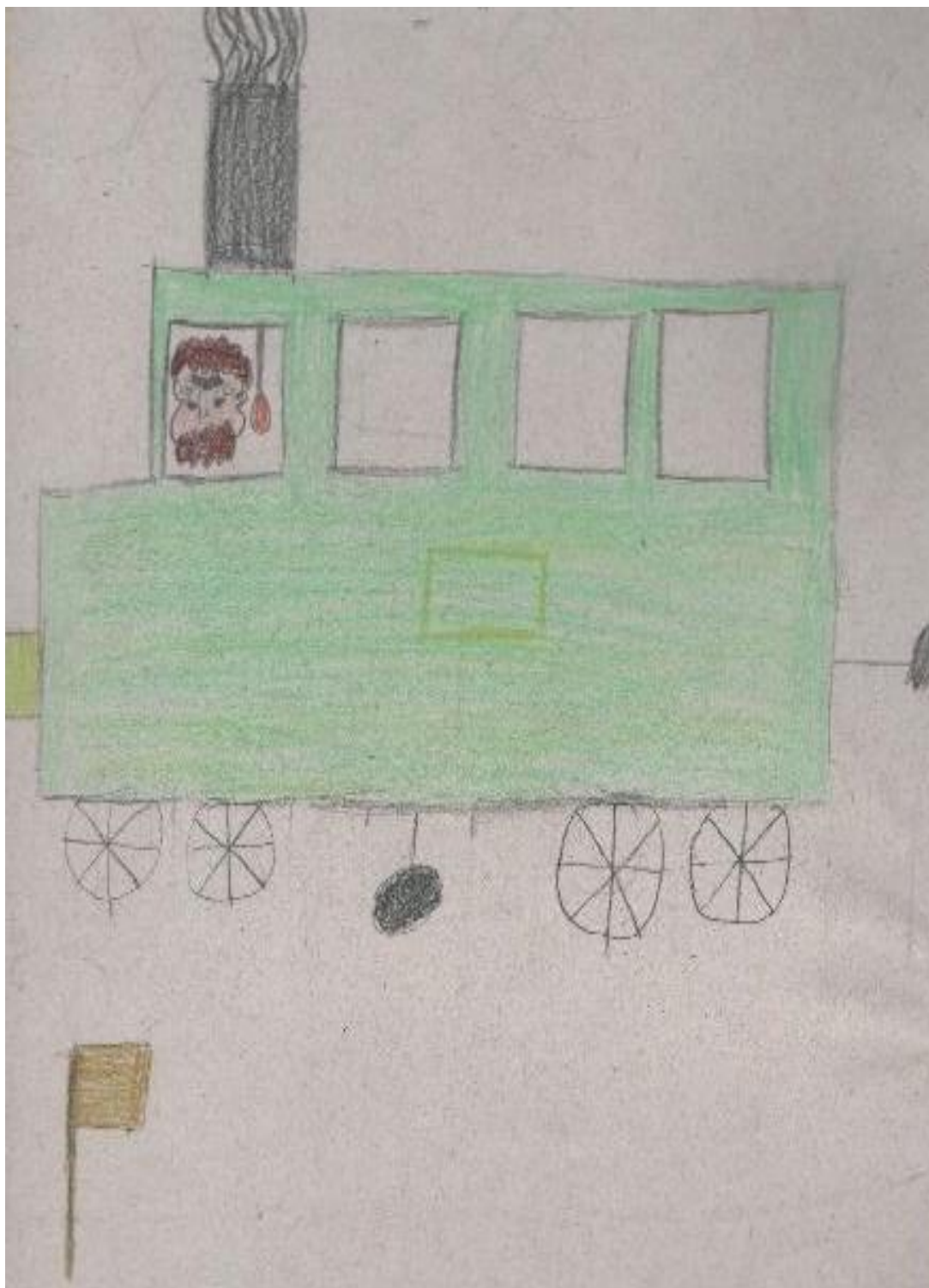
“Não pode falar que tipo aquela coisa é feia. Eu não gostei daquilo, porque toda pessoa tem a sua opinião” (K., 8 anos).

Entreguei um cartaz com a palavra liberdade escrita no meio e pedi para que todos juntos fizéssemos um desenho que representasse a liberdade e assim finalizamos esse encontro.

3.15 Último encontro: O homem das cavernas nas histórias infantis

No último encontro correspondendo aos pedidos das crianças, a ilustradora foi ao encontro delas e perguntou quem gostava de desenhar. A maioria das crianças disseram que sim, mas não sabiam desenhar então a ilustradora estimulou dizendo as crianças para repetirem a frase “Eu sei desenhar”. Ela disse que iria ensinar as crianças a desenharem o homem das cavernas, dizendo que como havíamos estudado várias histórias ao longo de nossa jornada, agora iríamos escolher uma das histórias e colocar o homem das cavernas dentro da história. Nesse momento as crianças foram relembando todas as histórias e mostraram interesses diferentes por diferentes histórias, como por exemplo, nos desenhos abaixo.

Figura 32 “O homem das cavernas dentro do trem de Lévi-Strauss” (N., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por N.

Figura 33 “O homem das cavernas com o caleidoscópio social” (A., 7 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

Figura 34 “O homem das cavernas líquido” (MC., 6 anos)



Fonte: Desenho realizado por MC.

Figura 35 “Homem das cavernas na casa de Anne Frank” (He., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por He.

Figura 36 Atividade O homem das cavernas e o caleidoscópio social



Fonte: Desenho realizado por (L.,9 anos).

Figura 37 “Homem das cavernas e os ciclistas de Weber” (He., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por He.

Figura 38 “Homem das cavernas no fantástico mundo de Durkheim” (C., 8 anos)



Fonte: Desenho realizado por C.

Figura 39 “Homem das cavernas na chuva de bolos” (B., 8 anos)



Fonte: Desenho realizado por B.

Figura 40 “Homem das cavernas segurando o diário de Anne Frank” (A., 10 anos)



Fonte: Desenho realizado por A.

Figura 41 “Homem das cavernas líquido” (MC., 6 anos)



Fonte: Desenho realizado por MC.

Figura 42 “Homem das cavernas e o armário de Anne Frank” (Da., 9 ano)



Fonte: Desenho realizado por Da.

Figura 43 “Homem das cavernas líquido” (D., 11 anos)



Fonte: Desenho realizado por D.

Figura 44 “Homem das cavernas e o caleidoscópio social” (DL., 8 anos)



Fonte: Desenho realizado por DL.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção das pesquisas, que vão da dissertação à tese, de possibilitar as ciências sociais às crianças por meio de experiências filosóficas, partimos nosso trabalho pensando a educação pelo par experiência/sentido dado por Jorge Larossa e nesse momento gostaríamos de retomá-lo, pois Larossa nos alerta sobre o poder das palavras. “As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras”. (Larossa). E nesse sentido, a pesquisa-ação se desenvolveu por meio de palavras, palavras das crianças, palavras das áreas do conhecimento que envolvem as ciências sociais, palavras de todos os participantes do processo da pesquisa. As palavras foram moldando o percurso do pensamento sobre as ciências sociais para crianças. Larossa nos diz que somos palavras e quando fazemos coisas com as palavras damos sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Então essa pesquisa foi pensada por palavras de vários sujeitos e assim como Larossa em seu texto *Notas sobre experiência*, procuramos, nesta pesquisa, experienciar. “A experiência é o que nos passa, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Se a experiência é o que nos passa, o que nos toca, aqui se passaram falas das crianças sobre conceitos das ciências sociais, se passaram momentos de escuta, se passaram ideias inusitadas, se passaram construções compartilhadas, se passaram também as ciências sociais e a filosofia como refúgios aos excessos de opinião.

Como Larossa nos diz que a experiência está cada vez mais rara pelo excesso de informação, pudemos notar que mesmo que todos nós no processo da pesquisa, pesquisadora e crianças, algumas vezes trouxesse à tona a informação como característica de um excesso de opinião, as ciências sociais e principalmente a filosofia possibilitaram o sentimento de acalmar os ânimos da opinião e buscar outras estratégias para problematizações. Tanto as ciências sociais, quanto a filosofia possibilitaram momentos de silêncio, momentos de reformulações de conceitos, reformulações de opiniões, momentos em que somente a escuta fazia sentido.

Podemos dizer que mesmo que a pesquisa-ação tenha sido sistematizada para a elaboração de histórias, atividades, dinâmicas, coleta de dados, escuta dos áudios e todo o processo o qual se compõe a pesquisa, temos aqui o resultado dos conceitos propostos

pelas ciências sociais e aquilo que chamou a atenção da criança, aqueles pontos os quais a fizeram querer falar sobre, aqueles pontos que despertaram suas curiosidades, e por isso, os nomes dos encontros foram dados pelas falas das crianças como está colocado nos títulos da seção 3.

Gostaríamos de apontar algo que pensamos ser muito relevante mencionar que é o de que durante os encontros as falas das crianças foram gravadas e, às vezes, as respostas das crianças se davam ao mesmo tempo. Como a pesquisadora estava também construindo suas ideias para mediar os encontros, algumas falas que poderiam ser problematizadas e continuadas não o foram e isso só foi notado no processo de escuta dos áudios, mas compreendemos também que não conseguiríamos ter abordado todas as questões levantadas pois estávamos imersos na experiência.

Outro ponto considerável a ser destacado também é que as histórias foram contadas de forma dinâmica, sendo com ilustrações, sendo comentadas com exemplos do cotidiano. O que acreditamos que tenha favorecido as reflexões, foi quando a pesquisadora notava que as crianças estavam desconcentrando, ou a fala da pesquisadora não estava sendo correspondida pelos olhares das crianças. Nesses casos, a pesquisadora logo adaptava uma outra estratégia para que as crianças se sentissem estimuladas ao pensar.

O que buscamos fazer por meio dessa pesquisa-ação, como diz Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 2021, p.23). Ao transformarmos conceitos das ciências sociais em histórias, possibilitamos a produção de novos conceitos, novas construções, construções essas que fizeram sentido para as crianças por meio de experiências filosóficas. E nesse processo descobrimos, como já dizia Paulo Freire,

o formador é o sujeito que me forma, e eu, o objeto por ele formado, me considero um paciente que recebe os conhecimentos – conteúdos – acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador (Freire, 2021, p.23).

Quando pensamos a experiência descrita neste trabalho podemos dizer que esse só pode existir porque a criança quis estar nesse lugar de partilha e, para ilustrar esse compartilhar, e pesquisadora/criança gostaria de descrever uma situação que aconteceu

nesses últimos dias em sala de aula na educação infantil com uma garotinha de 4 anos de idade. Eu estava ensinando antônimos em inglês, mais especificamente a diferença entre *big* e *small*. Levei uma lupa e pedi para as crianças procurarem pela sala objetos grandes e pequenos, até que uma garotinha colocou a lupa sobre mim e disse que eu era grande em relação a ela. Foi então que me lembrei da sensação de ser criança e de ver o adulto como alguém grande em relação a mim.

Isso me fez pensar que agora sendo adulta já não me percebo grande, olho para as coisas ao meu redor e não presto a atenção nas proporções que o mundo tem a minha volta. A garotinha, me fez pensar que minhas proporções mudaram, agora não sou mais eu que me vejo em uma escola onde tudo é grande, onde algumas vezes sentia medo de ir de uma sala para outra pois poderia acontecer de me perder e não saber voltar naquele corredor imenso, quando a professora conversava comigo eu a via como alguém maior que eu. Me fez pensar que a professora a qual compartilha sua vida escolar agora sou eu. Me vi nela criança e talvez ela tenha se visto em mim adulta.

O sentimento da infância fica no adulto e a criança talvez já tenha esse sentimento da vida adulta na infância. Se no passado as crianças eram vistas como adultos em miniaturas, agora com uma lupa colocada sobre o adulto e mostrando sua dimensão, sabemos que a criança é criança e assume sua pequenez de estatura, mas mostra por meio de seu pensamento que sabe ser o que se é. E aqui nesse trabalho, procuramos dar escuta ao que a criança é e como se vê. Pudemos perceber que pelas falas das crianças foram descobrindo mais sobre elas mesmas assim como ao longo da vida vamos fazendo esse caminho que nunca cessa, pois aquilo que somos está em movimento. E talvez o movimento possa ser entre outros pontos que aproxima a criança e o adulto, pois a criança está em movimento desde que vem ao mundo, mas o adulto também não está pronto e acabado para oferecer a criança o fim ao que se chega.

O adulto e a criança podem ser sempre o ponto de partida si mesmos para o outro, suas identidades não são construídas na mesma linha cronológica, mas suas identidades se movimentam constantemente onde um possa olhar o outro e sentir. O adulto pode sentir o que foi ser criança e a criança pode ansiar pela vida adulta, mas aquilo que podem compartilhar é o movimento que fazem em busca daquilo que são.

Portanto, as ciências sociais e a filosofia proporcionam momentos que o movimento de um se encontra com o movimento do outro, para juntos construírem algo.

E nesse caso, as ciências sociais oferece algo, conceitos que já foram construídos por pensadores em épocas atuais ou mais longínquas, mas que a criança possa usufruir com o movimento que vem construindo desde que nasceu, pode se apropriar das teorias e conceitos para construir novos, pode simplesmente se identificar ou não com teorias, pode filosofar sobre conceitos e aqui percebemos nesse movimento de oferecer às ciências sociais para crianças que é o de possibilitar, a criança pode.

Gostaríamos de aproximar essa ideia de possibilidade a Walter O. Kohan em seu livro *Infância, estrangeiridade e ignorância* (2007) quando coloca que

O sentido principal deste capítulo é, de alguma forma, ajudar a inverter esse olhar: pensar a infância desde outra marca, ou melhor, a partir do que ela tem, e não do que lhe falta: como *presença*, e não como ausência; como *afirmação*, e não como negação, como *força*, e não como incapacidade. Essa mudança de percepção vai gerar outras mudanças nos espaços outorgados à infância no pensamento e nas instituições pensadas para acolhê-la (Kohan, 2007, p. 101).

Quando se acredita que a as ciências sociais e a filosofia podem ser possibilitadas as crianças é porque se acredita no que a criança tem, nas suas capacidades de abstração, nas suas capacidades de leituras de mundo, suas afirmações sobre aquilo que pensam e entendem, sua força enquanto sujeito que está em constante construção.

Para não perder a essência daquilo que fomos sobre o pensar as ciências sociais e a filosofia para crianças gostaríamos de encerrar com uma história sobre a imaginação sociológica e o ser criança.

Criança em movimento.

A criança era considerada antigamente um adulto em miniatura, mas o adulto não brinca. A criança brinca. A criança corre. A criança chora. A criança sorri. A criança cria. A criança inova. A criança enrola. A criança quer colo. A criança aprende com os adultos. A criança ensina. A criança se movimenta e vai crescendo. Ela gosta do movimento de crescer pois vai se descobrindo e se enxergando até que cresce e vira adulto, mas quando se olha no espelho vê o sentimento da infância que ficou nela e se tornou lembrança. O adulto pode gostar do sentimento da infância, mas não para, porque o adulto continua o movimento que a criança começou que é o de se descobrir enquanto sujeito.

REFERÊNCIAS

- A Alegoria da caverna:** a República, 514a-517c tradução de Lucy Magalhães. In: MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. IN: _____. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. (p. 53-107).
- Alves-Mazzoti, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro. V. 20, 2023.
- André, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Editora Papirus, 1995.
- APPLE, Michael W. **Educação e Poder**. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (p. 82-194).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.114-119. (Obras escolhidas, v.1).
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Giraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, jan./fev./mar./abril.2002.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Fundamentos de uma teoria da violência simbólica**. IN: BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2a edição, Petrópolis: Vozes, 2009. (p. 15-75).
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DaMatta, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. eBooksBrasil.com, 2003.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1975. (Cap. 1 – p. 33-56 / Cap.II – p. 57-74/ Cap. III – p. 75-88).
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2ª Edição Revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GEERTZ, Clifford. **O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem**. IN: _____. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989. (p. 45-66).
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia** 6ª edição. Porto Alegre: Penso, 2012.
- GUILHERME, Willian Douglas. **A Educação como diálogo intercultural e sua relação com as políticas públicas 5**. Editora Atena, 2020.
- KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.
- KOHAN, Walter Omar. WUENSCH, Ana Míriam. **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lipman**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Giraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- Lévi-Strauss, Claude. **Raça e história**. Tradução de Inácia Canelas. Lisboa. Editorial Presença. 9ª edição, 2008.
- LIPMAN, Matthew. SHARP, Ann Margaret. OSCANYAN, Frederick S. **A filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza Fernandes Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (p. 17-109).
- Mendes, Bruna Ribeiro de Oliveira. **Ciências sociais na infância: Contribuições para se ler o mundo**. Editora Dialética, 2022.
- Mendes, Bruna Ribeiro de Oliveira. Teorias sociais da educação e as ciências sociais para crianças como ação curricular. **Revista Humanidades e inovação**. Palmas - TO. V.10, n.08.2023.
- OLIVEIRA, P. R.; BADIA, D. D. **Exercícios de ser Infância**. Bauru, SP: Gradus Editora, 2022.
- SILVA, Benedicto. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 1. Ed. São Paulo. Cortez Editora, 2022.
- VYGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- WEBER, Max. **Ciência e Política duas vocações**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

APÊNDICE

Gostaríamos de dar continuidade as histórias sobre conceitos das ciências sociais para crianças e aqui construímos uma nova história com atividade proposta para pensarmos sobre a questão de estereótipo. Vimos a origem da palavra estereótipo e a definição no dicionário *Oxford*, agora partimos para a definição de estereótipo no *Dicionário de ciências sociais* (1987).

(...) um estereótipo é uma convicção que não está alicerçada por uma hipótese apoiada na evidência, mas é antes confundida – no todo ou em parte – com um fato estabelecido. O termo foi introduzido nas ciências sociais por W. Lippmann (*Public Opinion*. New York, Harcourt, Brace, 1922), com referência a ideias ou convicções preconcebidas sobre atributos do mundo exterior. Lippmann esclarece que essas “imagens em nossa mente” servem ao propósito da economia de pensamento. Dado que o homem não tem nem tempo nem energia para responder a todos os acontecimentos com uma discriminação completa e inteligente dos aspectos singulares desses fatos, age em termos de expectativas relativamente simples quanto ao mundo exterior. O perigo da generalização prematura, que distorce os atributos do mundo exterior, está intimamente ligado a esse propósito de economia dos estereótipos (*Dicionário de Ciências Sociais*, 1987, p.419).

Percebemos que o estereótipo, como colocado anteriormente, é algo inerente aos seres humanos, pois buscamos fazer uma leitura sobre as coisas de forma simplificada e essa generalização e simplificação do mundo a nossa volta constitui o estereótipo. Walter Lippmann, em sua obra *Opinião Pública* (2008), como o próprio título do livro mostra, diz que nossas opiniões são formadas por meio das imagens que são criadas em nossa cabeça e compartilhadas com o outro. Portanto, esse processo de criação de imagens é compartilhado, não feito unicamente por uma pessoa, é uma construção social. Vale ressaltar que essas imagens, as ideias que são formadas na cabeça dos sujeitos, não correspondem ao mundo exterior. E a conclusão que Lippmann (2008) chega é “que, para serem adequadas, as opiniões públicas precisam ser organizadas para a imprensa e não pela imprensa, como é o caso hoje” (Lippmann, 2008, p. 42).

Para Lippmann (2008), vivemos e trabalhamos em uma pequena parte da Terra, e em nossos círculos conhecemos com intimidade somente algumas coisas. Portanto, é inevitável que nossas opiniões possam abranger um largo espectro daquilo que podemos diretamente observar. “Elas têm, portanto, que ser formadas de pedaços juntados do que outros nos relataram e do que podemos imaginar” (Lippmann, 2008, p.83).

Dessa maneira, nossa visão enviesada sobre a vida é particular a nós mesmos, pois os fatos que vemos dependem de onde estamos inseridos e dos nossos hábitos, daquilo que é rotineiro ao nosso olhar. É interessante pensarmos que primeiro definimos e depois vemos e não o contrário. Para Lippmann (2008), o estereótipo constitui nossa defesa,

Um padrão de estereótipos não é neutro. Não é meramente um jeito de substituir ordem por uma exuberante, ruidosa confusão de realidade. Não é meramente um curto-circuito. São todas estas coisas e algo a mais. É a garantia de nosso auto-respeito, é a projeção sobre o mundo de nosso sentido, do nosso próprio valor, nossa própria posição e nossos próprios direitos. Os estereótipos estão, portanto, altamente carregados com os sentimentos que estão presos a eles. São as fortalezas de nossa tradição, e atrás de nossas defesas podemos continuar a sentir-nos seguros na posição que ocupamos (Lippmann, 2008, p. 97).

Ao mesmo passo que o estereótipo diz sobre a forma como apreendemos o mundo e é carregado de tradição, daquilo que somos, é nosso lugar de segurança e conforto. O estereótipo ou estereótipos quando colocados em palavras podem representar o preconceito. Portanto, o sujeito pode duas coisas em relação ao estereótipo; quando o aceita como verdade, despreza a contradição, desacredita sobre o olhar ao outro e logo trata de esquecer-lo. Mas, se o sujeito for curioso e aberto, a imagem pode ser alterada.

Nesse sentido, a sociologia tem um papel importante, pois pode desconstruir imagens estereotipadas que construímos. E, aqui, pensamos que, mais importante até do que desconstruir, é exercitar o pensamento para olhar para fora de si. Por isso, construímos aqui uma história infantil como sugestão de como podemos desconstruir o estereótipo e aqui, no caso, sobre a forma como pensamos sobre nossos sentidos. Na escola, desde cedo, os professores trabalham com os cinco sentidos com as crianças: a visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato. Estamos acostumados a naturalizar a forma como utilizamos nossos sentidos. Será que podemos pensá-los para além da naturalização do que aprendemos? Veremos...

O dia em que eu descobri outros sentidos.

Eu estava na escola e havia aprendido sobre os cinco sentidos que os humanos tradicionalmente conhecem: a visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato. A professora havia dado como tarefa fazer experiências com nossos sentidos e eu saí correndo, porque

estudar brincando é comigo mesma. Então, pensei: “Para a visão irei olhar nos meus binóculos e ver as estrelas”.

Para a audição, irei colocar os fones de ouvido e escutar minha música favorita.

Para o paladar, simples, irei comer uvas, minha fruta favorita.

Para o olfato, irei sentir o perfume que passo todos os dias.

Para o tato, irei brincar de massinha, minha brincadeira favorita.

Tarefa cumprida, hora de descansar e dormir para o dia seguinte.

No dia seguinte, cheguei na escola e estava ansiosa para contar minhas experiências e foi assim que cada um de nós, crianças, contamos as experiências que fizemos com os cinco sentidos.

Depois de contarmos tudo à professora, ela nos apresentou o Joaquim, uma criança divertida, que adora contar piadas e rir de si mesmo. Joaquim nos mostrou que é possível ler com as mãos, pois lê em braile muito rápido todas as histórias que gosta. Eu sempre li com os olhos; a partir de hoje, quero aprender a ler com as mãos.

Joaquim nos disse que para ele a beleza está na voz; muitas vezes as pessoas que falamos para ele que são bonitas, ele não consegue acreditar, pois a voz não parece.

Nesse dia, vimos o vídeo da Evelyn Glennie, uma percussionista escocesa que perdeu a audição aos 12 anos e toca descalça em seus shows para sentir a vibração da música e assim tocar. Descobri que sua audição está em seus pés.

A professora também nos contou que brincando de morto-vivo uma vez com uma criança que havia perdido a audição, a audição dela estava nos olhos, pois ela focou na criança que era melhor no jogo e copiava os movimentos. Ela escutava com os olhos.

Depois desse dia, comecei a perceber que podemos usar nossos sentidos não da forma convencional como pensamos, mas posso sentir o gosto de uma comida, só pela imagem que vejo. O paladar está nos olhos.

Não preciso ver o Natal, posso sentir o cheiro dele chegando.

Quando alguém me magoa, minhas ideias ficam falando em minha cabeça, então penso que é meu cérebro que sente.

Quando digo algo carinhoso para alguém, é meu coração que fala. E você?

O que seus sentidos dizem a você?

A história busca brincar com as formas como utilizamos nossos sentidos, permitindo desmistificar as ideias de como os utilizamos. Entendemos que mais importante do que explicar o que é estereótipo, preconceito, discriminação, o que é desmistificar algo, é construir um raciocínio que leve os sujeitos a fazerem essas conexões. É estimular o pensar a exercemos uma postura aberta àquilo que naturalizamos como certo.

E trazemos aqui, para além da história, uma atividade⁵ em que as crianças possam repensar sobre seus sentidos e como os utilizam, podem escrever ou desenhar como podemos apreender o mundo por meio dos sentidos, mas não pensando somente no sentido convencional, como nos inspira a história. Nessa atividade, podem expressar outras formas de utilizar nossos sentidos.

Na história e atividade trabalhamos com estereótipos criados e reproduzidos partindo da perspectiva dos deficientes visuais, auditivos, porém podemos estender posteriormente essas ideias com outras atividades levando outras questões como os estereótipos de gênero e raça. Vimos que os estereótipos cercam nossas relações de maneira profunda e trabalhar com a desconstrução de estereótipos é proporcionar um exercício de reflexão sobre si e sobre o outro ou outros. É encontrar abertura em nós mesmos para que o outro possa entrar e assim poderemos ter a chance de talvez entender não somente nossas dores e alegrias, mas as dos outros também.

⁵ Elaborado no Canva.

Figura 45 Atividade desmistificando os sentidos

Desmistificando os sentidos

O que seus sentidos dizem a você?

Fonte: Elaborado pela autora.

ANEXOS

Figura 1 – Tabela de desenvolvimento das histórias e atividades

Histórias infantis	Área do conhecimento	Conceito(s)	Pensador(es)	Material didático
	Sociologia e Antropologia	Identidade	Roberto DaMatta	Quebra-cabeças Quem sou eu?
O inverso de mim	Antropologia	Estranhamento	Clifford Geertz, Lévi-Strauss	Espelho: Quem sou eu? E Lupa: Quem é o outro
O trem de Lévi-Strauss	Antropologia	Cultura	Lévi-Strauss	Caça palavras e Desenhar o trem do Brasil.
Chuva de bolos	Sociologia	Imaginação sociológica	Anthony Giddens, C. Wright Mills	Atividade: café e livro.
O caleidoscópio social	Ciências sociais	O que são as ciências sociais?		Atividade: Perguntas do caleidoscópio social.
Criança líquida	Sociologia	Modernidade líquida	Zygmunt Bauman.	Desenhar a criança líquida e encontrando sua forma.
As selfies de Narciso	Sociologia	Sociedade do espetáculo	Guy Debord	Trocando uma selfie por experiências. (Material digital)
Que trabalhão, hein?!	Sociologia	Brincadeira de papéis	Vygotski	Jogo da memória das profissões e O que serei no futuro? (espelho)
Quando o Papai Noel é o Karl Marx	Sociologia	Trabalho	Karl Marx	Atividade: Abrindo a caixinha do pensamento
Os superpoderes de Foucault	Ciência política	Os poderes para Foucault.	Michel Foucault	Atividade: Os superpoderes do dia-a-dia
O fantástico mundo de Durkheim	Sociologia	Fato social	Émile Durkheim	Atividade: O fantástico mundo de Durkheim
Os ciclistas de Weber	Sociologia	Ação social	Max Weber	Atividade: Quem ganhou a competição? Desenhe e explique

Anne Frank e o canário	Filosofia	Discutir sobre o que é liberdade		Roda filosófica sobre o que é liberdade
------------------------	-----------	----------------------------------	--	---

Figura 2 – Quebra-cabeças quem sou eu?

Quem sou eu?

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Profissão</i>	<i>País</i>
<i>Cidade</i>	<i>Bairro</i>	<i>Endereço</i>	<i>Eu gosto de...</i>
<i>Eu não gosto de...</i>	<i>Sou...</i>	<i>Não sou...</i>	<i>Frases</i>
<i>Sou diferente de...</i>	<i>Sou parecida com...</i>	<i>Não quero ser...</i>	<i>Quero ser...</i>

Elaborado por Bruna Ribeiro de Oliveira Mendes.

Figura 3 - Atividade Quem sou eu?

QUEM SOU EU?

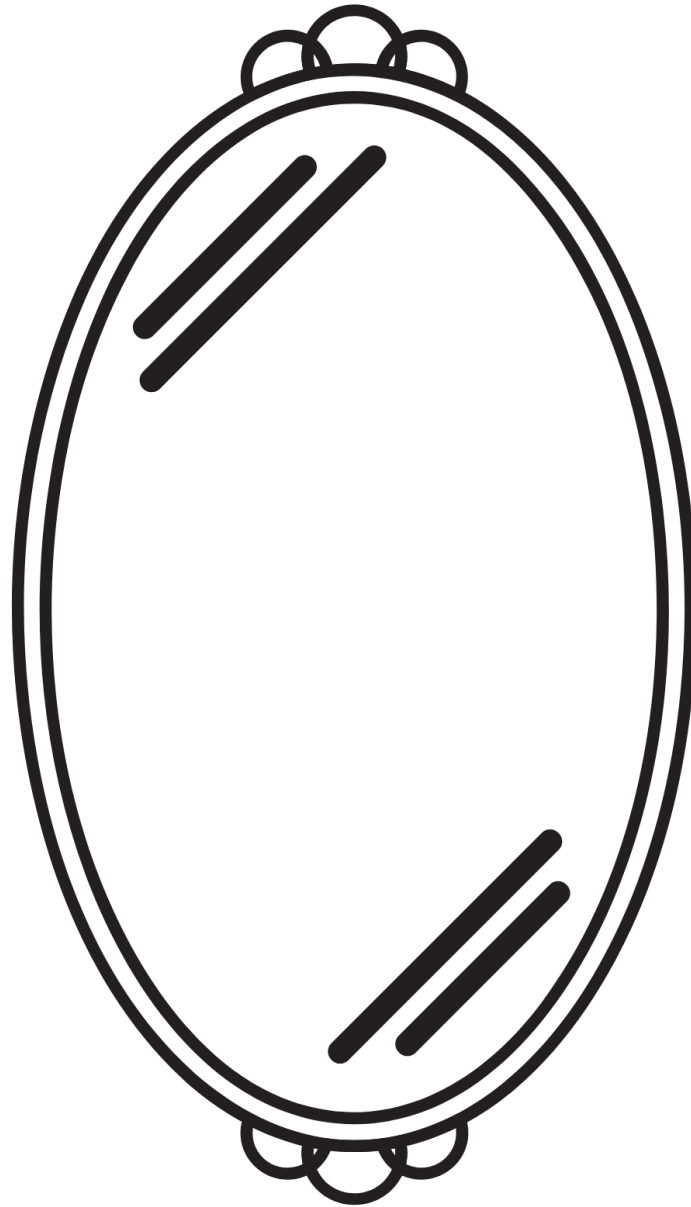
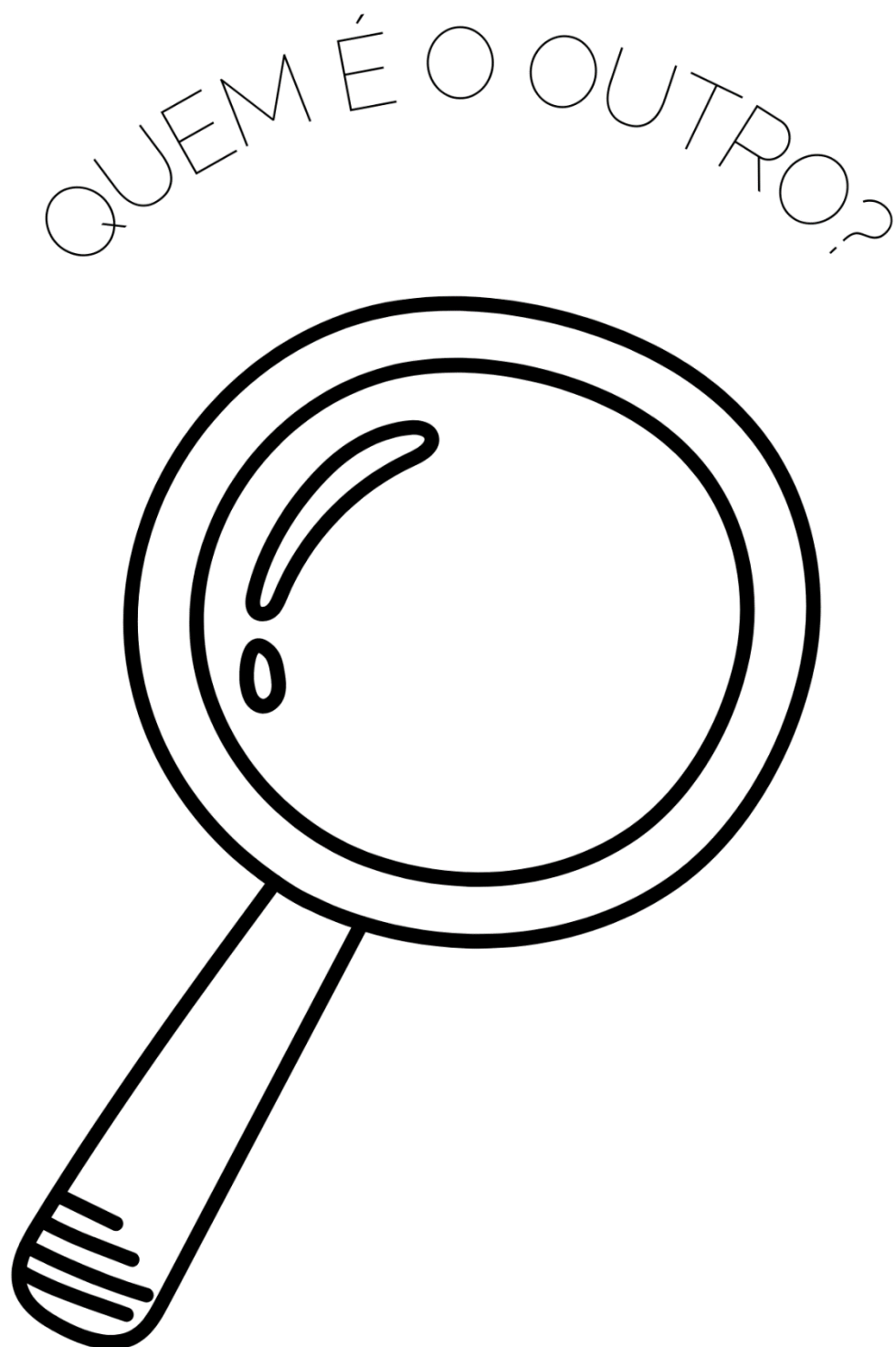
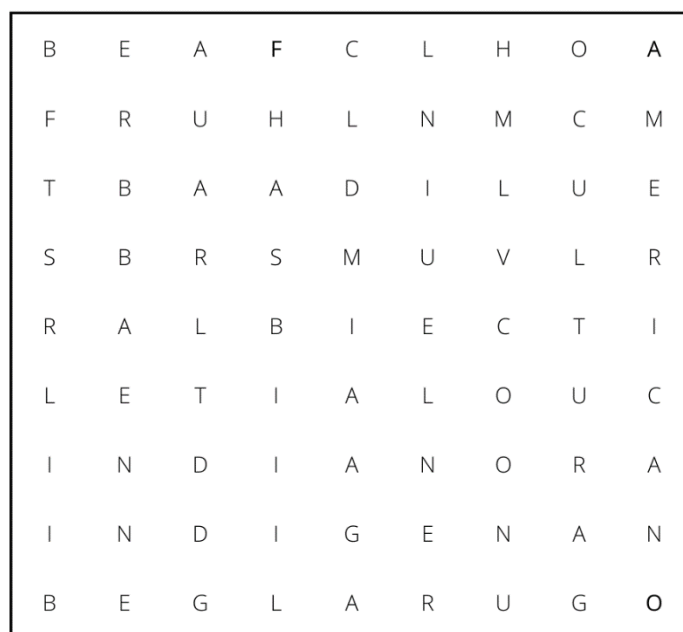


Figura 3 - Atividade Quem é o outro?



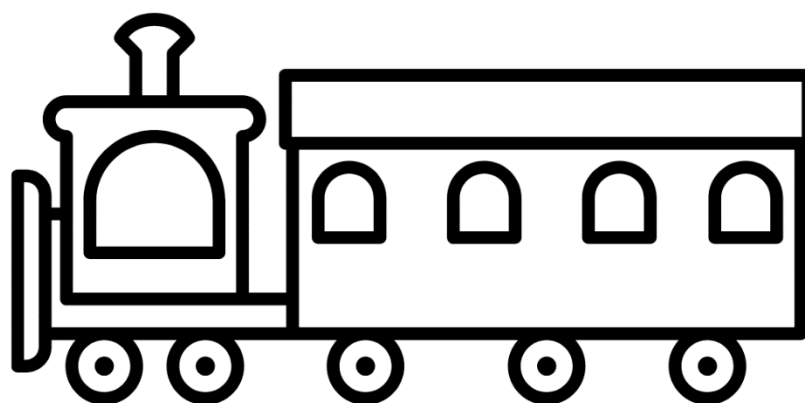
Figuras 4 - Atividade: Caça-palavras das interpretações e o Trem do Brasil

*O trem de Lévi-strauss
caça-palavras*



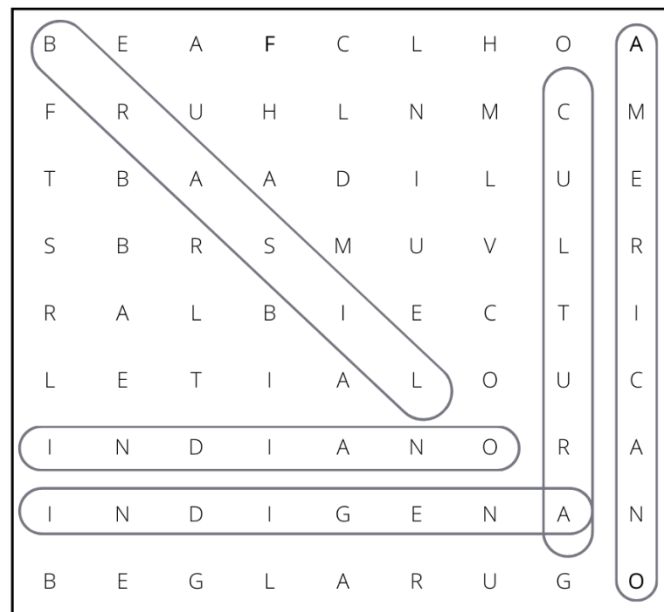
cultura Brasil indígena americano indiano

Desenhe e decore o trem do Brasil:



Figuras 4 - Atividade: Caça-palavras das interpretações e o Trem do Brasil

O trem de Lévi-Strauss caça-palavras



cultura Brasil indígena americano indiano

Desenhe e decore o trem do Brasil:

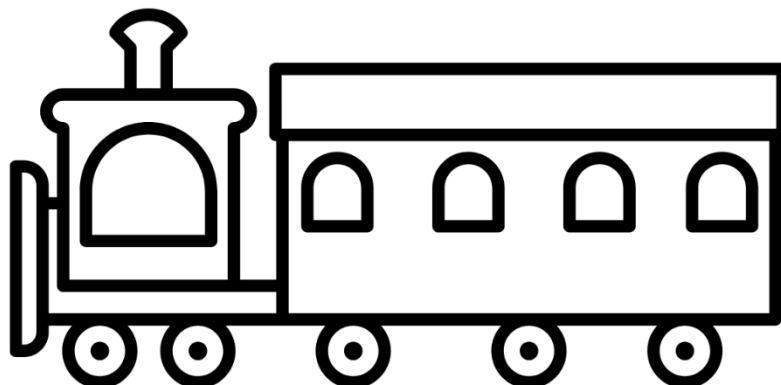


Figura 5 - Atividade: Imaginação sociológica

IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

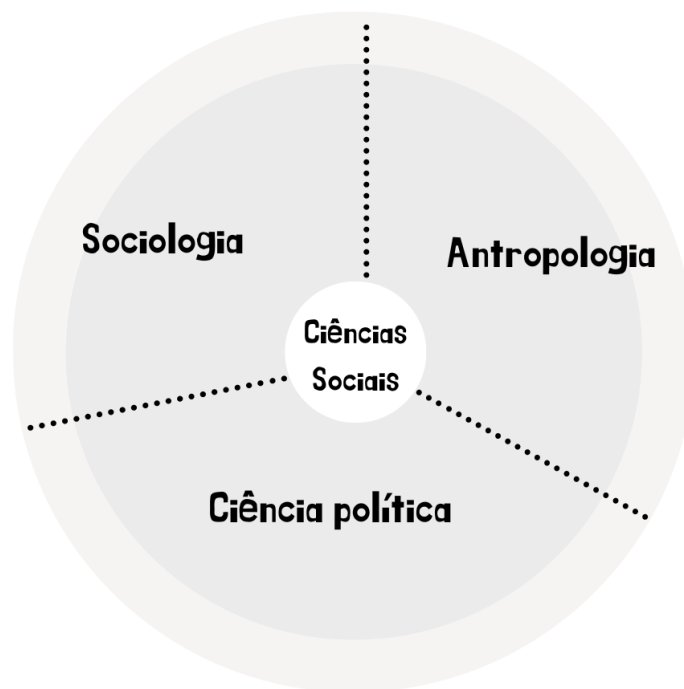
Quando usamos a imaginação sociológica podemos pensar sobre vários significados para uma palavra. O que podemos pensar sobre o café e o livro?



Figura 6 - Atividade: Perguntas do caleidoscópio social

CALEIDOSCÓPIO SOCIAL

Coloque um lápis sobre um clipe dentro do círculo das ciências sociais. Gire e veja a ciência que irá responder uma pergunta.



Sociologia

- O que é sociologia?
- Por que vamos à escola?
- Por que trabalhamos?
- O que é desigualdade social?
- O que é sociedade?

Ciência Política

- O que é ciência política?
- O que é política?
- O que é poder?
- O que é democracia?
- O que é monarquia?

Antropologia

- O que é Antropologia?
- Quem sou eu?
- Como posso me estranhar?
- O que significa: "Tornar o familiar exótico e o exótico familiar"?
- O que é alteridade?

Figura 7 - Atividade: Criança líquida

CRIANÇA LÍQUIDA

Desenhe a criança líquida e depois ela encontrando sua forma. Como pode a criança líquida encontrar sua forma?

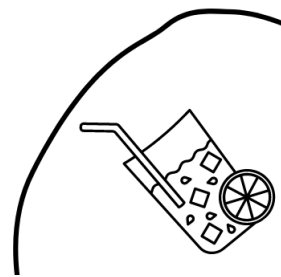


Figura 8- Atividade: Espelho do futuro

Meu trabalho do futuro:

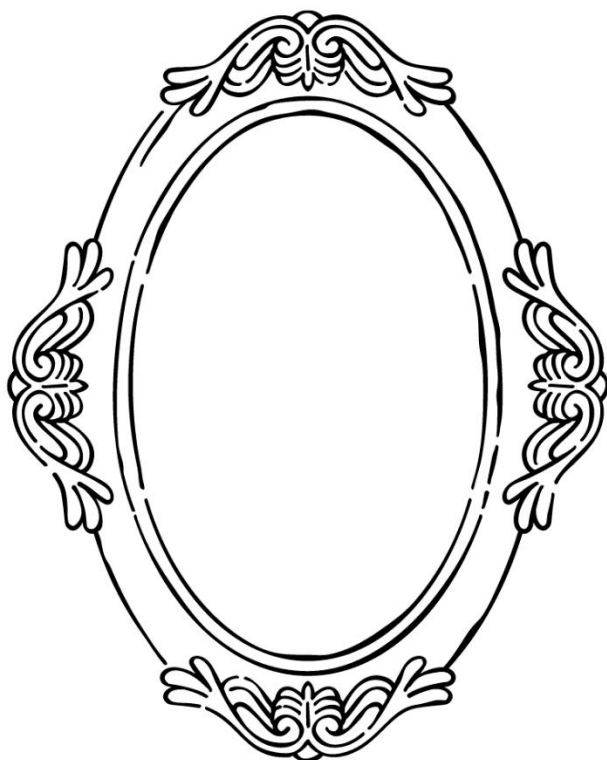


Figura 9 - Atividade: Caixinha do pensamento

ABRINDO A CAIXINHA DO PENSAMENTO

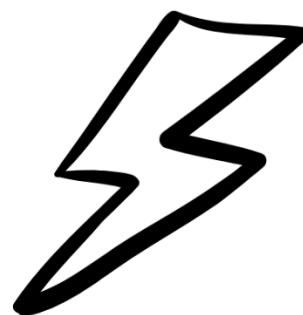
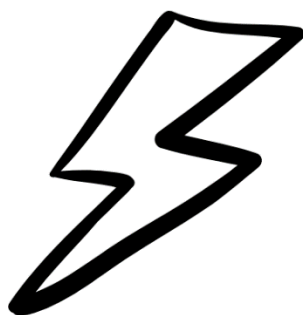
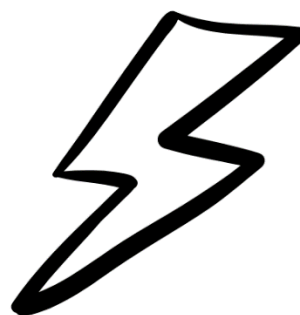
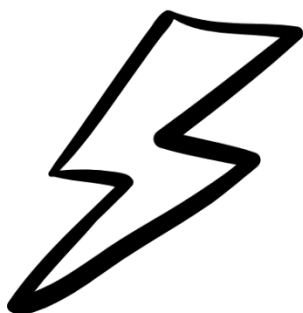
O que podemos pensar com a história?
Desenhe o que aprendeu com a história.



Figura 10 - Atividade: Os superpoderes do dia-a-dia e Jogo superpoderes

OS SUPERPODERES DO DIA-A-DIA

Desenhe um superherói de nossa sociedade e escreva seus superpoderes dentro dos raios.







prefeitura



população



prefeito



votação

Corpo de
bombeirocaminhão
de bombeiro

bombeiro



extintor



casa



filhos



mãe



família



Delegacia

carro de
polícia

policial



distintivo

Figura 11 - Atividade: O fantástico mundo de Durkheim

O fantástico mundo de Durkheim.

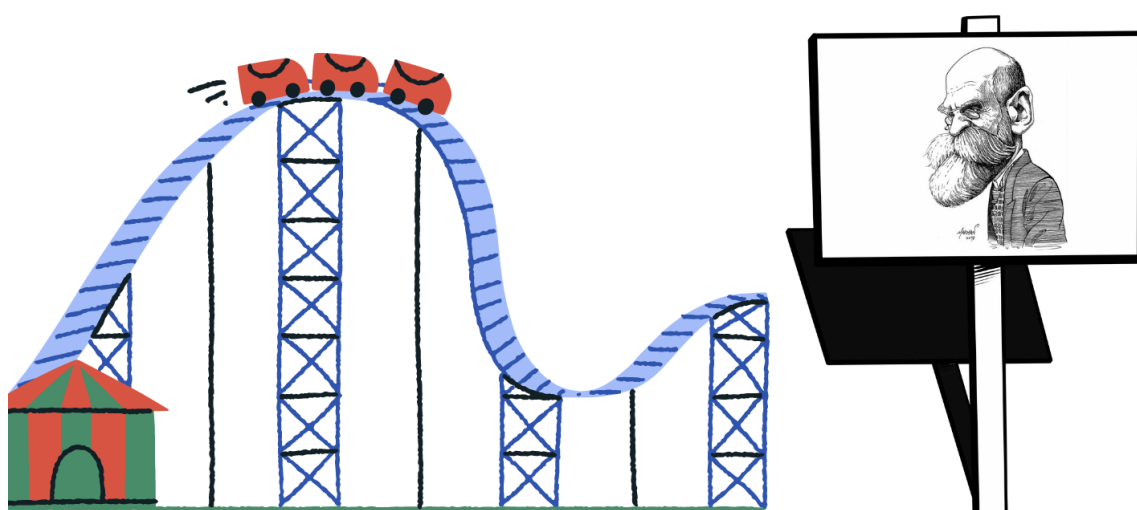


Figura 12 - Atividade: Os ciclistas de Weber

Os ciclistas de Weber

**Quem ganhou a competição?
Amanda, Úrsula, João ou Jaime?
Desenhe o ganhador e explique.**



Figura 13 - Atividade Desmistificando sentidos

Desmistificando os sentidos

O que seus sentidos dizem a você?

A cartoon illustration of a young boy with brown hair, wearing an orange t-shirt and dark shorts. He is holding a white rectangular sign in his right hand. The sign is blank.A cartoon illustration of a young girl with blonde hair, wearing a red dress. She is holding a white rectangular sign in her right hand. The sign is blank.A cartoon illustration of a young boy with orange hair, wearing a white t-shirt and blue pants. He is holding a white rectangular sign in front of his face. The sign is blank.A cartoon illustration of a young girl with dark hair in pigtails, wearing a red top and a purple skirt. She is holding a white rectangular sign in front of her face. The sign is blank.A cartoon illustration of a young boy with dark skin and curly hair, wearing a blue t-shirt and blue pants. He is holding a white rectangular sign in front of his face. The sign is blank.